

Salomão Rovedo

**Miramar
Macunaíma**



**Sexo, intrigas
e libertinagem**

**Rio de Janeiro
2016**

Salomão Rovedo

**Miramar
Macunaíma:
Sexo, intrigas
e libertinagem**

Começo por declarar ao meu leitor que, em tudo o que fiz de bem ou de mal durante todo o curso da minha vida, tenho certeza que tem mérito ou demérito e que por consequência devo me acreditar livre.

Casanova ou Miramar?

Rio de Janeiro
2016

Índice

- 1 - Introdução sem vaselina, pg. 4
- 2 - Miss Cy pousa em São Paulo, pg. 6
- 3 - Miss Cy batiza a garçonnière, pg. 9
- 4 - O livro do desatino, pg. 13
- 5 - As raízes do cafezal, pg. 18
- 6 - A perfeita cozinheira das almas, pg. 22
- 7 - Miss Cy reparte as memórias, pg. 27
- 8 - A deglutição de Miss Cy, pg. 32
- 9 - Cy, Rainha do Asfalto, pg. 36
- 10 - Cartas de Cravinhos, pg. 42
- 11 - Miss Cy ressuscita, pg. 48
- 12 - O sol se põe, pg. 52
- 13 - Miss Cy sobe aos céus, pg. 56
- 14 - A dissipação de Miss Cy, pg. 59
- 15 - Miss Cy é visgo puro, pg. 62
- 16 - A deglutição de Toyô, pg. 65
- 17 - A mítica ninfeta Cy-Pagu, pg. 68
- 18 - Bis, pg. 71
- 19 - Matéria recuperada da Internet, pg. 73
- 20 - Pagu e o crápula Miramar, pg. 77
- 21 - Sob as ordens de Momo, pg. 81
- 22 - Macunaíma cai do armário, pg. 84
- 23 - Macunaíma na Parada Gay, pg. 89
- 24 - Macunaíma sofre homofobia!, pg. 95
- 25 - Martín Fierro - héroe muy macho, pg. 99
- 26 - As origens de Miss Macunaíma, pg. 102
- 27 - Miss Macunaíma de saltos altos, pg. 106
- 28 - Antropofagia?, pg. 111
- 29 - Miss Macunaíma, pg. 115
- 30 - A carta da discórdia, 119
- 31 - A inimizade de cabo a rabo, pg. 122
- 32 - Miramar pede licença e cai, pg. 133
- 33 - Cai o pano, pg. 137
- 34 - Manifesto de Martín Fierro (1924), pg. 142
- 35 - Manifesto Antropofágico (1928), pg. 145



Introdução sem vaselina

Esta mistificação - ou Rapsódia, como diria Macunaíma - aqui montada nasceu sob o signo da qualiragem. Explico. Somente no ano de 2015, por força de determinação da Suprema Corte, foi divulgada a carta na qual o escritor modernista Macunaíma confessa a seu amigo Manú as suas, digamos, opções sexuais.

A coisa se deu como costuma ocorrer no mundo gay: muito foguetório, balões coloridos, arco-íris, desfiles, beijo de língua, trio elétrico em Ipanema, Brás, Bexiga, Barra Funda e Lisboa. A festa foi seguida de prolífica divulgação pelos jornalistas gays. Depois se viu que era muita lenha pra pouco fogo e tudo arrefeceu.

Mas aquilo me chamou a atenção e com o beneplácito da internet não demorei dez segundos para constatar que tudo, tudo, já era plenamente conhecido à época que Macunaíma circulava soberbo pela pauliceia desvairada. E mais: que a persistente divulgação do fato era provocada e difundida intensamente por aquele que Macunaíma julgava seu amigo - o ferino Miramar.

Essa descoberta desencaminhou a história, descentralizou o foco da questão e de repente me vi íntimo do cafôfo da Rua Líbero Badaró, covil onde uma turma de delinquentes comandados por Miramar planejava e executava festinhas, bacanaís, aliciamento e ataques sexuais a normalistas e adolescentes, que afluíam do Interior para a Capital.

São Paulo se desenvolvia a pleno vapor, era natural que também a jovem sociedade se mantivesse alinhada com Paris e Nova York, capitais máximas da putaria mundial à época. Não era privilégio, diga-se, de Miramar e sua gente. Essa ideia de dar liberdade sexual aos filhos tinha cunho familiar, apoio dos pais, aceita como norma nos melhores salões. No Rio de

Janeiro, São Paulo e outras capitais, garçonnière, puteiros e bordéis se multiplicavam com o beneplácito oficial, fazendo com que os excessos fossem vistos com os olhos cegos das autoridades.

As filhas dessas mesmas famílias já clamavam por independência, procurando se deslocar para a capital São Paulo e daí para o exterior, tendo como destinos principais Nova Iorque e Paris. As mulheres da mesma sociedade também obtinham acesso à revolução feminina que ocorria na Europa e América. Por meio de leituras traduzidas ou não, conheceram a vida de mulheres que se notabilizaram pela liberdade sexual, de ações e ideias. Marietta Baderna, Lou Andreas Salomé, Anaïs Nin, Rosa Luxemburgo, Camille Claudel, eram citadas no noticiário e publicações internacionais, prenunciando as estripulias de Simone de Beauvoir.

Alerta: como estes fatos ocorreram entre 1919 e 1929, época que eu não existia, tudo o que aqui está foi apanhado de livros, jornais, artigos, bibliotecas e sites da internet. Não cito porque é coisa muito fragmentada, mas não faço nenhuma *mea culpa*: universidades estão cheias de teses assim plagiadas, só que tecnicamente trocam-se as palavras, os parágrafos, a gramática, depois são aprovadas e publicadas com louvor. Eu não troco nada, vai assim mesmo.

Portanto, tudo aqui é plágio, apenas desarrumado por mim pro modo de tentar enganar os trouxas. Pouco se me dá o que pensam aqueles que acham que eu deveria citar todas as fontes. Estou cagando e andando. Detesto publicações entulhadas de citações, referências, como se autor e leitor fossem bestalhões e precisassem de tudo aquilo. Ademais, sigo o exemplo de O perfeito cozinheiro, que é publicada como de Oswald de Andrade, mas é obra coletiva.

Muito colaborou n'O Perfeito cozinheiro - sabe-se - certa normalista nascida em Cravinhos, que teve câncer no seio, tuberculose, infecção dentária, sífilis e morreu aos 18 anos de falência múltipla, após fazer um aborto desastrado...

Rio de Janeiro, Cachambi, jun.2015/jan.2016.



Miss Cy pousa em São Paulo

São Paulo 1918, a capital cresce rapidamente, as novidades chegam como que trazidas por um foguete. A cidade vive no contexto do pós-guerra e do futurismo, com várias atividades sob o colapso, as linhas de comércio internacional estão precárias, muitos produtos comumente importados dos USA e Europa, deixam de suprir as prateleiras das lojas da maior cidade do país. Tendo em vista à necessidade de substituição de importações, São Paulo é forçada a mudar, nada mais existe daquela pequena vila: a cidade sofre um assomo de progresso e aumento populacional sem precedentes.

Essa rápida mudança em larga escala, foi refletir no crescimento demográfico descontrolado - no Brás a Estação do Norte não parava de despejar milhares de emigrantes vindos do interior para estudar, trabalhar e viver na metrópole, nordestinos expulsos pela seca de 1915 chegam para trabalhar nas obras. Seria natural, pois, que isso demandasse mais espaço, mais moradias, pedindo a construção de casas e edifícios modernos.

Lá na ponta o reflexo foi no preço dos produtos - o alto custo de gêneros alimentícios e vestuário provocaram uma carestia geral. Aumentava o valor dos aparelhos eletrodomésticos, dos imóveis e dos aluguéis, que assim acompanham a disparada inflacionária. Os clientes das padarias Minerva e Apollo - as mais famosas da cidade - sentiam no bolso o peso da inflação.

O governo tentava controlar a situação impondo tabelamento de preços, criando feiras livres, promovendo financiamento público, mas tudo fracassa diante da corrupção. Essa ineficácia desmoralizou as autoridades e levou a população de baixa renda ao desalento – tempos de desesperança que traz consigo a virulência das autoridades: o Governo Federal prorroga o estado de sítio já vigente, endurecendo mais ainda a vida do cidadão.

Para acrescentar mais pimenta a esse prato indigesto, um surto de influenza, a gripe espanhola, pega milhares de paulistas indefesos. A insalubridade cresce em nível bem mais acelerado do que a infraestrutura médica, a rede de esgotos e água potável é precária e não chega aos novos bairros. Nessa cidade desorganizada, cresce a prostituição, tanto aquela das ruas, quanto a que se estabelece em casas de meretrício: para sobreviver, até a *vida fácil* serve para garantir a subsistência alimentar e social.

A população mais carente, rapazes, moças, maridos – todos sofrem com o ataque das doenças venéreas, que em pouco tempo se juntará aos surtos epidêmicos. Os jornais testemunham o perigo oferecendo fórmulas mágicas e miraculosas para livrar as vítimas de mal tão sofrido e doloroso – física e socialmente.

GONORREHÉAS!...

Pílulas de Bruzzi – o único específico vegetal eficaz para a cura radical tanto no período agudo como crônico dessa moléstia. O único que não estraga o estômago, intestinos e rins. À venda em todas as drogarias e farmácias do Brasil.

Para o governo, é imprescindível combater tais epidemias que desembocam na sífilis e para isso se obriga a incluir os órgãos de saúde pública, associados à iniciativa privada e clínicas particulares, na luta ao combate dessa moléstia que traz mau nome e má fama à cidade de São Paulo. Já ecoa no exterior, prejudica a vinda de emigrantes, já espanta os turistas, intelectuais e mestres

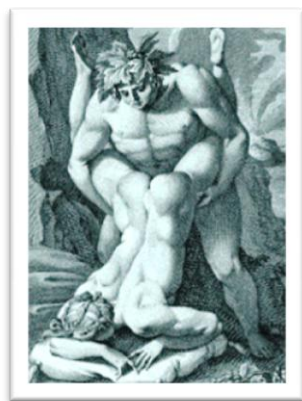
europeus que desejam conhecer a nova cidade, o Eldorado de grandes oportunidades científicas e culturais. Para isso promove a importação de produtos de primeira geração no combate e tratamento da doença.

SYPHILIS

Os melhores syphilographos attestam que a cura por aí é perniciosa nos corpos débeis e nervosos. O 'AMBULATORIO MEDICO DENYS-DESSY' trata habitualmente os syphyliticos com 3 injeções intravenosas, ou intramusculares, doses altas, de especial Salvarsan '914', de Paris e de Berna, junctamente com poucas injeções de Mercurio concentrado: este, nova formula do Instituto Sorotherapico de Berna (Suissa). A cura da syphilis Interna ou externa, adquirida ou hereditária, de 1.a ou 2.a geração, em todas as manifestações e períodos se consegue infallivelmente com o especifico Luctyl. Peça grátis: O Perigo da Syphillis, meios de saber se tem ou não a syphillis. O especial e moderno tratamento dura apenas um mez.

Propagam-se clínicas e médicos que anunciam a cura para uma doença inevitável e ruínosa (considerada *o mal do século*), que virá em consequência dessa vida desregrada: a sífilis. Mesmo que entre eles sobre-existam os charlatões e curandeiros que visam apenas o lucro fácil diante da miséria alheia.

No entanto, debaixo desse manto de nuvens carregadas sobrevive uma sociedade rica e próspera alimentada pelas novas indústrias de tecidos, pelos produtos exportáveis, pelos mocas produzidos nos cafezais, pelo açúcar dos imensos canaviais das fazendas do interior. É neste cenário que vamos encontrar um grupo de jovens paulistanos que, capitaneados por um tal de João Miramar, em consequência da própria situação social, estão acima desse burburinho explosivo e conflituoso, aquele tal de *oásis no deserto*.



Miss Cy batiza a garçonnière

Embora se anteveja um primoroso cartel de grandes e brilhantes aventuras – principalmente femininas, que é para isso que serve o boudoir – ali, num dia qualquer do ano sacro de 1918, não se vê um grupo de jovens adolescentes irresponsáveis, não: são pessoas de alto nível cultural e social que ali está.

Ao inaugurar a garçonnière da Rua Líbero Badaró, Miramar cursa o último ano na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco – mais um período e ele será o Bacharel Miramar. E todos os outros já caminham por ocupação definida, cada qual em especialidade profissional que caracteriza carreiras promissoras. Não se trata de um grupo de jovens descabeçados, como tentou se propagandear. Ao contrário, cada um tem a cabeça adulta em plena efervescência, é verdade, mas apta a sobreviver na selva de pedra.

O grupo é formado por diversificada gama de doutores de curso superior, profissionais, ressaltam artistas, músicos e escritores, em idades mais ou menos equivalentes: Miramar - 28 anos, jornalista, bacharel em Direito; Zé Catarro - 36 anos, fazendeiro, escritor, jornalista, editor; Guy - 28 anos, advogado, poeta, jornalista; Ferrignac - 26 anos, jornalista, ilustrador, pintor; Dr. Viruta - 21 anos; Ignacito - 26 anos; Rao - 26 anos, advogado, jurista; Leo - 28 anos, jornalista. Não se trata de modo nenhum de um grupo de rapazes, como se diz passando a mão na cabeça dessa gangue.

No meio dessa turma de predadores ressuma a Flor do Lácio, Miss Cy, 18 anos presumíveis, cara, jeito e corpo de adolescente. Uma ninfeta. Os personagens do Cafôfo, precavendo-se, trocam de nome a cada instante. Surgem as variantes João de Barros, Garoa, Miles, Sarti, Viviano, Ventania, Jeroly, tantos outros, que passam a conviver as estranhas e estrambóticas aventuras num ambiente sombreado pelo cortinado das janelas (exigido pela descrição necessária), que acrescentam mais nebulosidade. São cortinas de seda lilás que vão do teto até o chão.

Na decoração das paredes pendem alguns quadros, cartazes e fotografias. Também tem desenhos e gravuras emolduradas ou não, simplesmente coladas ou pregadas por alfinetes coloridos. Obras originais de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Portinari e outros, um tamanduá mumificado e envernizado, andorinhas e peixes em madeira espalhados aqui e ali. Aves dependuradas em módulos de arame fingem revoar pelo ambiente. Arrumados nas poucas estantes ou largados entre jornais e revistas espalhados pelas mesas, estão vários exemplares de livros, entreabertos, com marcadores, folhas com anotações, que indicam o uso simultâneo de vários leitores.

Entre os títulos se vê *Mémoires* de J. Casanova de Seingalt, *illustrations d'après les dessins de Maillart*; *La Philosophie dans le boudoir* ou *Les Instituteurs Immoraux* (*Dialogues destinés à l'éducation des jeunes demoiselles*); *Les fleurs du mal*, edição recém-saída pela Librairie des Amateurs, A. Ferroud & F. Ferroud, 1917, ilustrada com desenhos de Georges Rochegrosse e outros livros de arte, poesia e prosa de autores latino-americanos, brasileiros, futuristas, jornais, revistas, O Cruzeiro e jornais paulistanos nos quais eles colaboram.

Um farto e desordenado estoque de bebidas: gim, absinto, cachaça, genebra, vinho tinto e branco, champanhe, água mineral, vermute Cinzano, água mineral e frutas para misturar, limão para espremer, copos e taças de todo tipo e tamanho, balde para gelo,

verdadeiro altar para rituais que alimentam a sensação de liberdade para os hábitos de todos e de cada um.

Decoração: na sala - um sofá grande de couro, uma mesa redonda com cadeiras, uma mesinha de chá, um bar com mochos ao redor, uma cadeira preguiçosa sem lugar fixo, uma cômoda onde ficavam os discos de vinil, fonola marca Columbia, uma mesinha de centro com cinzeiros, cigarros, cigarrilhas, papel e palha, uma lata de fumo para cigarro e cachimbo, pontas de cigarro, lápis, canetas, uma escrivaninha branca com máquina de escrever, papel e o grande livro de notas diárias.

Nos quartos de portas escancaradas, vê-se uma enorme cama de casal, cercada por dois criados mudos, com abajur a um canto, uma cômoda, jarras para água, pequenas toalhas, um lavabo com sabonete, amplas cortinas de veludo. Numa gaveta está guardado um revólver Smith & Wesson, calibre 32. O lavabo consiste de banheira de ágata, sanitário e bidê, a pia grande com torneiras douradas e metais em cobre, espelho, toalhas de papel, um chuveiro, dentro de um boxe cortinado, muitas toalhas felpudas, roupões masculinos e femininos, toucador para mulheres e para homens, barbeadores com gilete, chinelos para ambos os sexos, creme, xampu, óleos perfumados.

Logo quem entra é levado a reparar nas paredes do Cafôfo duas imensas gravuras medievais representando os anjos caídos. Os quadros estão emoldurados em madeira envernizada com cobertura de vidro. Uma das gravuras representa o Deus Baco em plena festividade; a outra, não menos impressionante, é do Arcanjo Belial, cercado de figuras guerreiras que o cercam protegendo-o dos inimigos. Todo o cenário é identificado por um texto em letras góticas: Os Anjos Caídos.

Baco é o Príncipe dos Sátiros, aparentado com a divindade romana de mesmo nome, tem o vasto e complexo simbolismo de Dionísio. É um demônio alegre e gozador, preside as festas, prega a devassidão e a libertinagem. A sua capacidade orgiástica é ilimitada. Quando encarna em forma humana, dois detalhes o

fazem fatalmente reconhecível: tem sempre algum defeito num dos pés e seu pênis é de dimensões excepcionais.

Belial, o Príncipe dos Sodomitas. O inferno jamais concebeu espírito mais dissoluto, bebedor e fanático. Adorador do vício pelo vício é um demônio fascinante: tem a aparência radiante e maléfica ao mesmo tempo. Paga seus favores com total e devota proteção, mas também é o maior mentiroso do mundo! De porte encantador e digno, é considerado conquistador indomável. Exaltado pela excepcional beleza, esse corrupto é um grande sedutor de adolescentes.

Uma mesa em frente ao sofá, rodeando o grande cinzeiro cheio de pontas e restos de fumo, guarda um estoque coletivo de cigarrilhas, tabaco Irmãos Caruso, maços de cigarro Liberty, cartelas de palha de milho (da marca Brotinho), rolos de papel fino (*1000 Feuilles - Papier a Cigarettes Commercial - Qualité Superfine*), que serve para elaborar tudo o que for fumável. Tem vários maços de cigarro fechados, abertos e vazios, alguns amassados para o lixo, uma caixa de madeira com cigarrilhas Bahia, de Trapani & Cia., preferidas de Miramar, compradas na Tabacaria 15 de Novembro.

Em 30 de maio de 1918 durante a inauguração simbólica e honorífica da garçonnière de Miramar, na Rua Líbero Badaró, os arruaceiros estão reunidos: são os amigos mais próximos - Guy, Léo, João de Barros, Ignacito, Edmundo, Amaral, Ferrignac e outros, que estreiam também o diário, que viria a ser O Perfeito Cozinheiro. E no lugar de honra está a única mulher, a normalista Miss Cy, que - entre louvações e aplausos - será empossada como membro do clã, com direito a coparticipação no diário.



O livro do desatino

O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo é hoje considerado obra-prima do Modernismo, outros tratam de ser apenas um cadernão de duzentas e tantas páginas que servirá de diário de notas de Miramar e sua gangue. Mas desde o início está franqueado a todos os demais frequentadores da garçonnière da Rua Libero Badaró, em São Paulo. No livrão tem de tudo: lágrimas, excrementos, meleca, pingos de espirro, digitais, textos que mudam de cor quando a caneta termina, colagens, grampos de cabelo, pentes, lábios gravados a batom, recortes, poesia.

A partir de certo momento assoma a figura da única mulher a frequentar assiduamente o cafôfo: Miss Cy. A partir daí será figura destacada, mas não dominante, assumindo o trono de musa e amante de Miramar. As demais mulheres vêm e vão, saindo sempre bem remuneradas pelo amante. Oficialmente Miss Cy tem 18 anos de idade, mas bem que poderia ter 15 ou 16 anos e não faria diferença alguma. Ela é a nova paixão de Miramar. Na ficção que permeia o habitat, Miss Cy simbolizaria bem a mulher misteriosa, aquela com quem se depara ao saltar do trágico momento do fim de outra paixão.

A jovem com ares de Coco Chanel se depara num ambiente de sentimentos turbulentos e adere ao clima com tanta naturalidade como essa atmosfera lhe fosse inata: a dualidade está em seu elemento. Primeiro, o lado adolescente, depois, a

sensualidade de mulher, tudo aquilo exercerá grande fascínio e dominará o local, transformando num ambiente absolutamente inesperada a todos os que a rodeiam e fazem ponto na garçonnière – tudo se transformará numa declarada paixão coletiva pela amante de Miramar – o que constará no cadernão: Todos declaram que amam a Ciclone.

Miss Cy surge na vida de Miramar após a deglutição de Kamiá – autoproclamada Rainha dos Estudantes de Montparnasse – que Miramar sequestrou em Paris e trouxe para São Paulo. Também o ricaço da Líbero Badaró teve de curar outra crise amorosa (das tantas que tinha) com uma bailarina por ele convertida ao catolicismo em Milão. O primeiro encontro de Miss Cy com Miramar foi narrado assim:

Em minha casa calma da Rua Augusta, a professora de piano de Kamiá, uma moça chamada Antonieta que mora ao lado, na Rua Olinda, traz para o almoço uma prima esquelética e dramática, com uma mecha de cabelos na testa. Chamavam-na Miss Cy. Parece inteligente. Convido-a cinicamente a amar-me. Ela responde: – Sim, mas sem premeditação. Quando nos encontrarmos, qualquer dia. – Pergunto-lhe que opinião tem dos homens. – Uns canalhas! – E as mulheres? – Também!

É no romance *A Estrela de Absinto* (1927), onde o diálogo está reproduzido por igual, sem tirar nem pôr – que se nota como Miramar na verdade não viveu uma vida, viveu e sempre viverá a ficção, um romance, uma tragédia teatral. Miramar não têm alma e sim personagens no corpo.

Após esse contato, as relações com Miss Cy se amiúdam. Em pouco tempo descobrem que Miss Cy representa a figura mais estranha e fugidia que apareceu no cafôfo. Oficialmente é quartanista da Escola Normal, mas logo o grupo – com a mania que Miramar tem de afrancesar tudo – a apelida de *poitrinaire*, ou seja, uma figura raquítica, tísica, provavelmente tuberculosa. Afinal, com maldade ou sem intenção, é a verdade nua e crua.

A pergunta é: por que submeter pessoa tão frágil à vida violenta e cruel, a um cotidiano patético de nuance sinistra, à estrada trágica mesmo para os homens, que sem dúvida se tornará nefanda? Por que ninguém anteviu o fim malvado e bárbaro que trará a Miss Cy aquele viver feral, até certo ponto desumano e sádico? Com que objetivo os jovens bárbaros arrastaram Miss Cy, moça de saúde visivelmente delicada, já fraca e quebradiça, que mal se alimenta, para aquele ambiente cru, de rigoroso cunho antropofágico?

De qualquer modo o inevitável acontece: Miss Cy é cortejada e festejada pelo grupo, aparece e desaparece da garçonnière sem dar satisfações, liberta e libertina, de alma inquieta e fantasiosa, absorve os problemas familiares com engodos e falsas informações. Miss Cy não deixa os estudos, mas, de alma impetuosa, não refreia sua ânsia de viver mantendo relações com quem quer que seja, sem medir consequências. Miramar banca o namorado ciumento e a persegue, segue seus passos, vigia as estranhas amizades, se desgosta com os passeios secretos dela, indo a lugares suspeitos e escusos:

Os amores de Miss Cy infelizmente não têm somente sergents de ville, têm também cambrioleurs.

Essa vida de devassidão notívaga é o roteiro de inevitável e trágico destino. Mas nem Miramar, nem algum frequentador da garçonnière, mexe um dedo para ajudá-la a sair do labirinto inextrincável em que está emaranhada. Suas notas no livrão refletem apenas o ciúme ambicioso, a frustração diante da incontrollável Miss Cy, as perseguições erráticas a que se submete:

Chego ainda a tempo de vê-la galgar ligeira o estribo poeirento de um bonde e mergulhar, com a lentidão do monstro de ferro, nesse abismo brumoso da várzea. Com uma timidez de potache, murmurei-lhe, entredentes, um bom-dia idiota. Ela nem sorriu nem olhou. Partiu. Pela primeira vez, percebi uma coisa séria – que ela me faz falta.

A coisa explode para o lado de Miss Cy: sem poderes para controlá-la a tia a expulsa de casa e exige que ela volte à pequena cidade de Cravinhos. Dali não sairá e Miss Cy só será aceita de volta se conseguir licença dos pais para *se tornar independente*. No interior, não tendo nem o álcool nem as drogas e outros ingredientes que a mantêm imune e escondem os males da alma ela adoece do corpo. Está mais fraca do que nunca, a debilidade se reflete nas cartas que manda.

Em certa carta, que foi reproduzida e colada ao livrão, o texto está recheado de códigos pessoais. Entre delírios febris, ela atende a um estranho, misterioso e indecifrável pedido de Miramar, certamente de cunho erótico, provavelmente um paninho menstruado. *(Aí vai o que me pediste. Perdoa a falta de higiene, mas já tinha ido para o lixo)*, para depois solicitar a ele que feche o puteiro e remeta a ela algum dinheiro *(desfaz essa garçonnière e manda-me o vime)*. É também uma carta cheia de desesperança nas entrelinhas:

Céu de Cravinhos. Meu Miramar

Esta manhã chegou-nos o teu mimo: agradecidos. Serás sempre o mesmo rapaz adoravelmente delicado! De saúde vou indo bem mal: não sei se será reação das injeções. Há dois dias que não as tomo, por me sentir mal disposta. Como vai o nosso amor: é preciso velar por ele, muito, muito!!

O teu bilhete apressado e quase indiferente, me deu uma horrível manhã: cuido que é a má-vontade que te impede de escrever cartas longas... Consola a tua pobre amiguinha! Como me sinto morrer! E isto sem gesto teatral, e olhos em alvo... sabes como sou simplória a esse respeito.

Quando virás de novo visitar a Miss? Domingo falarás comigo pelo aparelho ou dirás por carta o que se passa contigo? Aí vai um pedido, manda-me revistas: nesses momentos de febre devorei Beatriz... reli capítulos de Dom Casmurro. Maupassant, decorei-o e as Flores do Mal são o meu repertório de arte. Talvez seja exigente, não? Mas sou tão só e tão triste sem ti...

Aí vai o que me pediste. Perdoa a falta de higiene, mas já tinha ido para o lixo. Ontem fui ao cinema com Mamãe. O Brulé já partiu? Landray ficou-te? Mirval ainda te preocupa muito? E Ventania? Viruta já voltou das termas? Sarti menos sentimental e menos cético o Leo?

Padrinho que me mande um Urupê: pede-lho em meu nome. Convince-o de que ainda não fez um único presente à afilhada. E o presente que Ventania promete... E o Fiori, Garmé, La Bonne, Guy-Guy, Dom Garcia...

Manda-me água de colônia: desfaz essa garçoniere e manda-me o vime. A fonola é minha. A Pina também, e a Cy a fumar e o Miramar...

Ferrignac! Legó-te o bidê, mas, manda-me o espelho.

Essa mesinha de chá, e a outra... as minhas almofadas verdes... a preguiçosa... o teu retrato... O reposteiro claro... os tapetes macios... o mocho, a secretária branca... Os discos... os Di, Malfatti... e tantas coisas, mas... E o tamanduá? Deixo-te as andorinhas...

- A princípio sorriste, depois riste forte... agora franzes o farto sobrolho...

- Isto é o diabo! Que exigências extravagantes!!!

- Que queres, querido, são coisas!!!

Beijo-te o olhar verde (?)

Cy



As raízes do cafezal

É apenas uma sensação incômoda no seio esquerdo, ferido na operação desastrosa para extrair um nódulo, mas que transporta com ela algumas das mais dolorosas recordações. Um pequeno curativo manchado de iodo dá certo conforto e traz a esperança de que em breve ela estará curada. Miss Cy volta ao leito para se acomodar. Pega entre as mãos alvas e magras o caderno em que anotou as frases que seus amigos escrevem nas páginas do Perfeito Cozinheiro.

Cy é a quarta virtude teologal. Cy sozinha basta para encher um ambiente intelectual de homens do quanto ele precisa de feminino, para sua alegria e para seu encanto. Ela é multiforme e variável, na sua interessante unidade de mulher moderna. Cy é um desenho moderno do Sexo, feito nervosamente a carvão, de um interesse empolgante, capaz de satisfazer a todos os espíritos de homem, os mais diversos e exigentes.

Com o corpo repousado, o tronco reclinado sobre dois travesseiros, ela consegue uma posição de alívio, a dor desaparece. As cortinas da janela voam sob a leve brisa entreabrindo a paisagem. Bem próximo os pássaros enfeitam uma mangueira de folhagem densa, flores miúdas que darão muitos frutos na época, atraindo nuvens de passarinhos. O cheiro ácido da resina que escorre dos troncos recende no ambiente. Mas no íntimo tudo se transforma em loucura: a paisagem é a Rua Líbero Badaró, o

cheiro é um misto de cigarro, charutos, álcool e limão, a cama é o sofá de couro da garçonnière.

Apague a luz! Sobre a Cy podemos dizer o que quiser: tudo será igualmente verdade. - Porque ela é a Mentira. - Ou a Verdade! - Burrinha! Burrinha! Cy. - Ai, João! Ai, João! Burrinho é você. Cy é a espiral de incenso espiritualizada em ritmos de música eslava. Se Cy estivesse entre os ventos da tempestade clássica de Virgílio, Enéas não escapava. Enéas não escapava.

As frases se repetem até que seu olhar retorne a Cravinhos. Ao longe o terreno se reclina em pequenas ondas até esbarrar no mar de cafezal formando um manto verde uniforme, que cobre toda a terra que a vista for capaz de alcançar. Quando em florada o cafezal oprime todas as demais fragrâncias impondo no ar o cheiro de almíscar, leve e presente como o odor da lavanda francesa ou da colônia alemã. O olhar pousa sobre as letras confusas do caderno, as palavras tomam forma, se movimentam, ganham vida. Nem escrita é mais – agora é a voz que ressoa em sua cabeça.

Cy é a desolação do Amadeu Amaral. Cy é uma brisa que anuncia o simum. Cy é a hipérbole do complicado e a quintessência do simples. Cy é o comprimido certo para curar ressacas sentimentais. Cy é o bem, porque é mulher; Cy é o mal, porque é mulher. Cy é o bem e o mal, que Eva trouxe da árvore da dupla ciência e transmitiu à mulher.

Desde criança a leveza dessa paisagem calma, cujas mudanças são imperceptíveis, transporta Miss Cy a um país de bonança. Somente aquele ambiente de tranquilidade será capaz de segregar toda agitação a que ela foi transportada quando foi estudar em São Paulo. E quando, em festinha descompromissada, se enfeitiçou pelos olhos verdes de Miramar. Ela vira o rosto para o interior do quarto. A parede pintada de azul celeste guarda quadros de antigos familiares – *Vovô, vovó, titio, a prima Marilza*. Todos agora são

meras lembranças que se confundem com as recordações das novas colegas, dos rapazes do Brás, dos homens do cafôfo.

Cy no Brás é zéfiro, Miss Zéfiro. Aqui é verdadeiramente Cy, Miss Terremoto, Miss Furação, Miss Tufão. Sol e Cy. Duas coisas que fazem falta. O Sol, de resto, é dispensável: Temos o Foguinho... a Morgada... Mas viver sem a Cy! Espero e desejo Cy como se espera uma doença. Cy, voltaste: sereis vós aquela com quem sonho?

Agora, tendo necessidade de recuperar as forças do corpo dilacerado, física e espiritualmente (ou optar pela morte), num sopro de forças poderosas, assiste o milagre ocorrer e reconstruir peça a peça, com calma e serenidade, as chagas deixadas pela cidade grande. Mas dentro em pouco a frieza do clima, o sossego aparente que traz o silêncio, a paz quieta e imutável – tudo se verá sob o ataque da alma intranquila, do espírito ardente, do calor insuportável das lavas de um vulcão interno, que clama pela agitação da vida abrasadora.

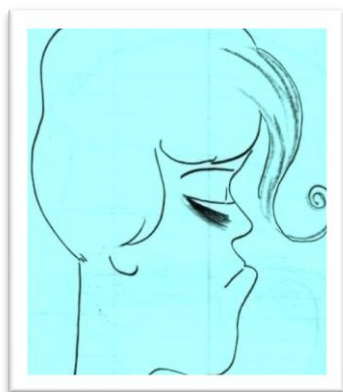
Cy. Picadinho com batatas. Miss Cy é o pirão deste menu. Piadas... piadas! Mocidade... mocidade! La vita senza Cy non vale nulla. À Senhorita Tufão, a rediviva do bulevar. Flores para a Cy! Cy, a nossa mocidade, o nosso símbolo esguio. Uma braçada de rosas para Cy... rosas, rosas da vida que Anacreonte prometeu aos justos.

Aquele é o seu livro. O que seria para os que precisam mitigar o grande mal de ter vivido muito, para os que sentem, na ruína dos sentimentos mortos, o desencantamento doentio das coisas e dos homens, os pratos com muito sal, os antepastos fortes, as salitradas fatias de bom-humor, que dão sede para beber num cálice de ouro improvisado e com relevos de sonhos, a ambrosia embriagante das horas despreocupadas, acabou se transformando num livro que sem ela sumiria no vácuo.

Cy... Honny soit qui mal y pense. Vida para a Cy, cheia de graça amorável e bendita entre as mulheres! Cy! Suculentíssima! Miss Cy c'est la fatalité! Assim, de manhã, essa visão cyclonica adoça a alma e enrija o coração! É o pecado imortal.'

Os muros do tempo calmoso que o corpo necessita e exige, em breve sucumbirão ao poder da onda impetuosa que se forma em silêncio. A quietude do corpo combalido dentro em pouco será violentada pela flama de combustível ardente que, guardado invisível, em recôndito, explodirá incontido como um vulcão. Miss Cy desperta sem o curativo, ela toma um banho frio, suas faces de repente acordam rubras de sangue. Miss Cy arruma as malas.

Cy é o grande vício desta vida.



A perfeita cozinheira das almas

Oh! O passado ser-mc-há sempre a grande chaga que sangra e cheira mal Um grande motivo de melancolia: porque o cigarro apaga. Já é ter talento e ser mulher! Que pessimismo, Cy! Todas as chagas se curam.

O Ferrignac diante da Cy é a filarmônica de Rio Claro, em dia de festa. O Ferrignac quando vê a Cy fica sentimental e maroto. Não se encoste em mim, senão sai cinza.

Cigarro aceso, o Pedro diante da Cy é o diretório político de Itaporanga em dia de eleição - agita-se. Pensamento inconfessável da Cy: As meias luzes eu prefiro as meias de seda. O Sarti diante da Cy ilustra o primeiro encontro que Adão teve com Eva, depois da queda - Ele toma um ar desconfiado e malandro. Madrigal itaporanguense: O fogo da mulher amada não queima, ilumina.

Casa a arte com tua vida e talvez sejas feliz! - Mas a arte é tão longa. E a vida é tão curta. A Cy acaba de definir o Pedro: o Teatro Lírico de Itaporanga e eu acrescentei: Em dia de benefício. Reflexões culinárias - Ferrignac - Foigras à Pimpona. Miramar - beef à la mode do sentimentalismo João de Barros - picadinho do dom-juanismo itaporanguense Cy - Maionese da nevrose. Meu Prato do dia: Feijoada de Cy. O Viviano mordeu o dedo da Cy. E a mania de chuchar. A Cy vem me confessar que ama. (o Pedro). - De fato, ela está com o coração ferido epidermicamente. O estilo é

o homem, a mulher é o estalo. Jeca Tatu esteve aqui e esqueceu as provas dos seus Urupês sobre o sofá.

A Cy, muito pimpona, atribuiu à sua influência desnorteadora esse gesto do nosso homem do dia. Jeca Tatu, defenda-se ou confesse que tomou Cyclomol.

Chego: tudo deserto: a vida em tomo tão deserta. Que vontade me vem de chorar mais! A Cy diz que isto está sem ritmo. Juro que é mentira, oh entretela da minha vida! Começo a prever que também já tenho meu coração de moça e de menina estrangulado por um sentir devotado e maligno, mordido pela volúpia da vida incógnita que me oferecem: Le cygne morre lentamente... e com ele se desdobra de manso uma imensa tristeza que como um vampiro de sangue suga os meus sonhos, matando o meu ardor!

O violino é o instrumento do sentimento assim como a mulher é o sentimento do instrumento. Os amores da Cy infelizmente não têm somente sergents de ville têm também cambrioleurs. Mas para isso, aqui esta a policia cientifica. Cuidado! Cy: Veremos quem dirá, por ultimo: Tas gagné la partie! Decididamente, este covil sem a Cy é inútil como um gramofone sem discos. O Covil sem a Cy. eu preferia, no entanto, a Cy sem o covil. A mão real d'unhas perfeitas da Cy é o resultado de cinco séculos de ociosidade. (Isto já disse o Balzac).

Um mês de diário - quanto choque! quanta aventura! Quanta vida! Cy, Cy, Cy. Cy não veio.

Da sua ultima visita, tumultuosa, incoerente, vazia, me ficou a ultima frase: - Não acrediteis mais n'um homem para que não fiques sabendo que existe mais um cão sobre a terra. Cy, minha carrocinha! Miramar, estou sequestrada: que horror! Não saio mais a rua sozinha: socorre-me! Já não volto mais cá, senão no dia 16. As andorinhas passam, Cyclones sopram e os nossos corações permanecem. Dei uma facada no Fiori! Cy, informa o Fiori, telefonou ontem vinte e nove vezes, das 4 às 8 horas. Eu e

Ferrignac perfizemos ontem vinte e nove vezes a Rua do Almirante, das 4 às 8 horas. A vida é assim, uma espécie de procissão do Desencontro.

Para que a Cy julgue: Minhas crias literárias: ela em 1º lugar, Guy, Jeca Tatu, Amadeu Amaral etc., etc. Minha imponderável Cy duas linhas para você; não me leve a mal o possessivo carinhoso, que inicia este bilhete: considero meu tudo que é belo e bom, aproprio-me, prendo, conservo. Aposto que vai assustar-se, não se assusta, é que o meu espírito tem tentáculos: é uma posse ideal, você é minha, porque me encanta. Basta, porém de preâmbulos, os colóquios do coração não admitem prefacio. Cá estou, vim e não a vi. Por quê? Estou triste, muito triste e... Não, Cy, estou alegre, foi melhor não ter o ensejo de vê-la, porque sofro, e que doce coisa sofrer por você! Como é bom ter a preocupação do seu encanto ausente, na permanente fidelidade do meu culto espontâneo.

Parece declaração? Não, não é; é verdade, é sentimento, é saudade, é vontade de estar perto de você, para levantar uma pontinha d'essa cortina espessa, que vive velando a sua alma triste e brejeira. E já agora, não digo, digo, porque é o motivo único deste recado, não tendo mais o direito de fazer-lhe declarações. Li, hoje, hoje mesmo, é você quem confessa, que tem um namorado japonês. Tem. Pois, felicidades, muitas felicidades.

Uma coisa, porém, Cy, eu lhe peço, seja boa, atenda-me, nunca me mostre você, futuramente, nos dias do seu fausto, orientalente consular, os rebentos amarelos e oleosos d'esse amor desastrado. Tudo que você faz é legítimo, porque você é mulher, e inteira, completa, totalmente mulher, mas aspirar às carícias descoradas, anêmicas, inconvenientes e exóticas de um japonês é imperdoável.

Não me abomine pela impertinência, creia no meu afeto e imponha suas ordens a quem, revoltado, mas submisso, aguarda em Tatuí, a felicidade de poder cumprir os mais extravagantes caprichos. No mais, muita saudade, morra o Japão, até breve e

escreve a quem beija o indicador da sua mão esquerda, com a reverência de um pária e amor ardente de um trovador medievo. Adeus. Com espírito e coração. - Julho 9 Dia dos anos da Cy, Salve, deusa ligeira! Salve musa de tradição, agulha do meu disco emotivo, fonola da minha garçonnière sentimental! Salve Toda Poderosa! A árvore de natal da Cy é uma casuarina de cemitério com paulinhos pizzas enforcados nos galhos. Grito epistolar de João de Barros.

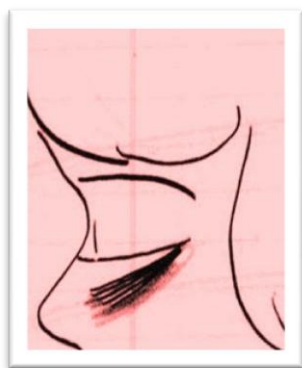
Hotel Affonso. Lá também cozinha-se à vontade do freguês e a qualquer hora. É possível hoje. Chego toda atarefada no casaco d'inverno, busco em toda esta esplêndida garçonnière os vultos amigos dos meus rapazes. Mas qual. nem um sequer a quem dar o beijo rápido de chegada. Muito grata, meus queridos pelo lindo presente, estou com febre 38º! (não se assustem). Até 3ª feira às 11 horas: aprontem um almoço à Trianon que virei passar aqui toda a matinê. Perdoem. Cy (estou com uma dor de dentes). O Miramar está doente de cyclonite, mais nada. - Até agora ninguém, informa o Chupeta. O alfaiate pôs a letra do Viruta no prego. Miramar, o agente secreto da minha encrenca misteriosa, o Tirso Martins da minha polícia Brás... ileira.

Pelo que vejo, passo a ser o pesadelo de vocês dois. St. Julien. St. Estephe. Ponte-Canet. Madeira É O Dia que traz a entrevista de Carmen Lydia! Ferrignac, se eu agisse trocadilhescamente, às tontas, podia desconfiar de uma entrevista da Cy, dada à noite, no Brás. Miramar anda tomando atitudes duvidosas de um Ferra... Brás amoroso. Os dois virutas desapareceram. Cy: o que desapareceu foi um P. Se eu dissesse que tinha sido o V. - 25 de Julho! 25 de Julho! O que é mais uma desilusão para quem já teve tantas na vida. - Mas esta é uma de morte?! - Oh! Que importa: é a única que não deixará vestígios. - Que ceticismo! Arre! Não gosto do vinho de Rioja. O vinho peninsular é um vinho triste.

Ressurreição provisória para a outra provisória agonia. E de novo ha de ressurgir de grandes olhos sob a boina ligeira de estudante - a nossa

Muito grata. Muito grata meus amigos. Cy evidentemente se prepara, retoca a consciência e a mecha, para o festim de Balthazar. Agosto, para mim, é um mês odioso. A Cy deve adorá-lo: Agosto descende etimologicamente, em linha reta e sempre pura, de... Augusto. Conto a Cy os dois tipos saídos das páginas mofadas de Eugene Sue, para vir ontem à noite procurá-la aqui - um adolescente esguio de barba no queixo e uma senhora de velho lar, com cesta, guarda-chuva e boceta de rapé. A Rua Augusta e a rua do Augusto se encontram em ângulo na praça Cy - toma-se o bonde do Bom Retiro.

Que será que eu tenho em mim? Uma ansiedade má que me tortura um pouco. Sinto a premeditação que a alma tem para a desgraça! Que será que eu tenho em mim? A medalha mostrou-me o reverso. Oh! Ruy Barbosa porque comemoras este teu jubileu? Assim, deixo de glorificar o meu dia, para te ser agradável. Que pena! Não fico mais, meus amigos, o Ruy não deixa!



Miss Cy reparte as memórias

Abro o livro de memórias da Cy e leio. Numa das cartas que recebi de Cravinhos ela me pede para guardá-las. Mas, como na vida o improvável ocorre, o livrinho desapareceu nas idas e vindas da vida. Entre lembrar e repetir farei notas de relembração. Muitas coisas que estão nas memórias também foram transladadas para O perfeito cozinheiro...

Ella inicia falando de um grande quarto de meninice, onde havia jarrões verdes, atulhados de rosas vermelhas. Depois começa por repetir e repetir-se. Delira. Esse Miramar é um homem sem escrúpulos! Leva a gente à toa nas hospedarias e bares suspeitos para abichar negrinhas. Safado! E para endeusar o rabicho, o hediondo rabicho crioulo, venenoso, vulcânico.

Todos dizem que a Cy é o grande vício desta vida. Serei o grande vício? Oh! O passado será sempre a grande chaga que sangra e cheira mal. Um grande vício é motivo de melancolia? Porque o cigarro apaga e voltará a se acender. A Cy é a célebre profecia a Baltazar:

- Manes, tecei, fazei! Casa a arte com tua vida e talvez sejas feliz!... Mas a arte é tão longa... E a vida é tão curta...

Começo a prever que também já tenho meu coração de moça e de menina, estrangulado por um devir devotado e maligno, mordido pela volúpia da incógnita que a vida me oferta. O Cisne morre lentamente e com ele se desdobra mansa a imensa tristeza

que, como um vampiro sangrento, suga os meus sonhos, mata o meu ardor!

E o Pedro que não vem! Que coração de pedra! O Viviano dá à vida um sabor d'exquise de cenas azuis, de ternas criancices. A vida é toda pregada de alfinetes, cheia de plissês, de franzidos e cheia de nós. Enfim, somos as grandes costureiras da Rua da Amargura, sempre número impar.

Faz um mês que escrevo estas memórias, completa também um mês do Perfeito Cozinheiro. Quanto choque aqui está! Quanta aventura está ali! Quanta vida e morte! Miramar, ajuda! Sou sequestrada! Que horror! Não saio mais a rua sozinha! Violentamente, socorro! Já não volto mais cá senão de dia. E pronto. Espanta como gostei ser encurralada e possuída num beco em plena luz do dia, as pessoas passando ensimesmadas com seus problemas.

Sábado às 12 horas. Miramar, Aqui vai esta por conta das saudades que tenho de você. Sabes que estou doente? Nasceu um abscesso no seio esquerdo, que me obrigou ir ao médico. Ontem fui em companhia de Zizi. Após os exames, o médico rasgou, fez a punção, mas com tanta infelicidade e tanta dor, que não consegui extrair o lóbulo infeccionado. Tive uma síncope lá mesmo no consultório. Decerto porque almocei muito fartamente e ter sofrido a intervenção e curativo logo em seguida. Enfim, espero que não seja nada.

Ontem à noite telefonei ao Fiori para que te desse um recado; recebeste? Terça-feira, dia 9, foi o dia de meus anos> Quero que me faças o favor de mandar algumas flores e um bilhete assim redigido: A boa coleguinha Dasinha, Nenê Rodriguez envia saudades e beijos. Faze-me esse favor, sim? É porque desejo levar flores à vovó e as que tenho cá em casa são poucas. Quanto ao livro que te pedi, desejo que seja Os mistérios de Paris'. Perdoa tantos pedidos e recebe todo o coração e amizade da Cy.

Aqui tenho o meu novo guia e espião: arranjei um namorado japonês que possui o lindo nome de Harrussam (sobrinho do cônsul japonês) vê que sorte!

Chego toda atarefada, em casaco de inverno, que frio! Busco em toda esta esplêndida garçonnière os vultos amigos dos meus rapazes. Mas qual, nenhum sequer a quem dar o beijo rápido de chegada e o adeus de despedida. Muito grata, meus queridos pelo lindo presente, mas estou com febre de 38º!! Não se assustem. Virei na 3ª feira às 11 horas: aprontem um almoço à moda do Trianon. Virei passar aqui toda a manhã. Perdoem. Estou com uma dor de dentes!

Miramar, o agente secreto da minha encrenca misteriosa... o Thyrso Martins da minha policia. Eu sou como a cobra cascavé! Sou tratada a pontapé! - 25 de julho! 25 de julho! O que é mais uma desilusão para quem já teve tantas na vida. - Mas esta é uma de morte?! - Oh! Que importa: é a única que não deixará vestígios. - Que ceticismo! Arre!

Imagino o quanto Miramar esperou ontem pela minha ida. Porém, uma forte congestão na pleura, me retém ao leito desde 5ª feira à noite. Estou mais uma vez doentinha, meu Miramar, me socorre! Eu morro!

Foram quatro as vezes que Grazi telefonou, sem que encontrasse o Miramar. Na segunda-feira não farei operação, pois que essa congestão me deixou tão debilitada que talvez só daqui a um mês eu me torne forte de novo. Escrevo de cama tendo Grazi e outra amiga japonesa como enfermeiras. Segunda-feira, se Deus quiser, se passar bem, irei à aula, retomarei as atividades.

Vou pedir ao Miramar que amanhã, às duas e meia da tarde, passe por cá e fique em pé na calçada, ao lado esquerdo da minha casa. Poderei vê-lo da janela e matar a saudade. Ontem tive uma ameaça de hemoptise. Tossi tanto que perdi o fôlego. Quase morri. O pulmão todo arde em fogo, no escarro surgem fios de sangue...

Deixei flores e o vaso arrumado para os amigos. Que será que eu tenho em mim? Uma ansiedade má que me tortura um pouco... Sinto a premeditação que a alma tem para a desgraça! Que será que eu tenho em mim?... A medalha mostrou-me o reverso...

Deu-se o golpe. Era previsível, mas não o esperava desse feitio. Zizi pediu-me a guia e como eu não a tivesse ela me pôs na rua. Antes, porém, eu já tinha dito que havia perdido o ano. Foi um horror. Fui achincalhada e maltratada como nunca. Bem, mas obedeço à ordem de Zizi e começo a arrumar a mala para sair quando ela me diz que eu tenho de ir primeiro pedir licença à minha mãe para ser independente. Portanto, parto hoje à noite com minha avó para Cravinhos.

Recado para Miramar: Por favor, peça ao Ferrignac para ir à estação. Tu não irás, porque seria o maior escândalo: desconfiam de nós. Pede ao Paulo que leve toda a roupa que eu tenho aí, na última gaveta daquele móvel do quarto. Se acaso puder, manda-me também o vestido lilás que você me deu. Preciso falar com o Ferrignac e receber o embrulho do Paulo sem que as minhas megeras desconfiem. Adeus! Adeus! Recebe todo o coração da tua desmiolada Cy.

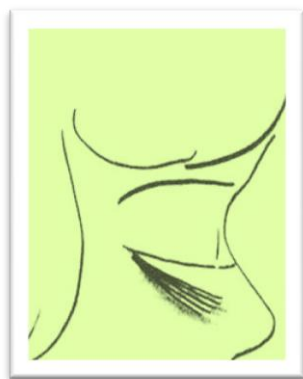
PS: Eu não ficarei lá em Cravinhos para sempre, claro está. Voltarei dentro de um mês.

Aqui há um intervalo nas memórias, pois justo a partir dessa data começo a receber as cartas da Cy, remetidas de Cravinhos. A primeira delas vem em quatro folhas de papel almaço rabiscadas a lápis. Ao que tudo indica foi escrita ainda no trem. Diz coisas, repete fórmulas, confessa que nós somos os amores mais lindos da terra. Exige que lhe seja enviado o peignoir roxo, para vestir nos pôres-do-sol. As letras trêmulas dão pulos no trem que corre e sacoleja. E termina se lamentando muito por sair de São Paulo. Manda recados: Ferrignac, Viruta e Léo e Sarti, o meigo poeta,

enfim, todos os pequeninos deuses do meu paraíso perdido - que não esqueçam nunca de mim.

Nas cartas e nas últimas notas das memórias - cujos originais estão perdidos para sempre - noto que Cy perpassa um ar de delírio, de febre e desvario alucinado, um bocado de doidice e de frenesi, semelhante à insensatez louca ocasionada pela morfina, pelo ópio. Miramar lê impassível e se consola adotando as teorias estéticas de Wilde, num trono almofadado, branco, aquecido pelas carnezinhas macias dos efebos das pensões. A vida é um vaudeville trágico. *Acta est fabula!* ...e o livro se fecha silenciosamente, com a prestigiosa atração das coisas soturnas: *mon silence est ma force*.

E tanta vida, bem vivida, se acabou. Cy... pobre Cy!



A deglutição de Miss Cy

Essa ideia antropofágica, nascida inconscientemente ali, naquele momento, decerto fora baldeada para dar sangue novo aos literatos da época. É igual às táticas futebolísticas, que os literatos de hoje em dia não sabem explorar para sair do marasmo imitativo – tirantes raríssimas exceções, que foi importada dos amigos e vizinhos *porteños*, que se adiantavam a nós, no futurismo, por mínimos quatro anos.

Bem que a chamada Geração de 45 tentou, tentou, tentou, variando entre transgressões, exílio, assalto a bancos e morte, para sobreviver à ditadura, mas tudo foi despencar no quarteto concretista, depois transformado em terceto com a debandada de Ferreira Gullar – um concretismo que não se realizou, senão nos sapatos de concreto calçados pelos triturados da ditadura, feitos para afundar na baía de Guanabara e nunca mais voltar.

Ninguém até hoje conseguiu desbancar essa triste coisa chamada futurismo que se transformou em modernismo para fugir do imitativo. Nossos pós-modernos não têm a capacidade de reinventar como tinha a rapaziada da garçonnière, do ópio, da cachaça e do absinto. Miramar não teve nenhum pejo de trazer da Argentina a ideia (e o ideário) da antropofagia, aquela mesma que resultou no soberbo banquete do Bispo Sardinha pelo bravo povo caetés.

Dom Pero Fernandes Sardinha, nomeado Bispo de Salvador em 1551, aos 55 anos de idade, em quatro anos de prelado, se deu

bem, como bom político: engordou, teve mucamas, enriqueceu, tornou-se poderoso. Tudo isso é paneiro cheio de fatos capazes de atrair para ele toda sorte de azares e mau-olhado, promover a inveja, açular a ambição. Cresceu nos poderes em derredor a cobiça a seu cargo, a inveja à sua prosperidade, assim do modo como relata Frei Vicente do Salvador:

Porém o demônio perturbador da paz a começou a perturbar as cabeças eclesiásticas, e seculares, e houve entre eles tantas diferenças que foi necessário ao Bispo embarcar-se para o reino com suas riquezas, aonde não chegou por se perder a nau Nossa Senhora da Ajuda no rio Cururipe, com toda a gente que nela ia, que era Antônio Cardoso de Barros, provedor-mor, dois cônegos, duas mulheres honradas, muitos homens nobres, e outra muita gente, que por todos eram mais de cem pessoas, os quais, posto que escapassem do naufrágio com vida, não escaparam do gentio Caeté, que naquele tempo senhoreava aquela costa.

Meus amigos, que banquete! Nem mesmo o mais papudo frequentador do cafôfo de Miramar poderia imaginar que tal festança fosse dar aval ao Frankenstein litero-cultural que o bloco de fofões paulistanos iria parir. Enquanto *los hermanos* buscavam inspiração nas valentias e estripulias heroicas de Martin Fierro, nossos iconoclastas garimpavam no canibalismo caeté outras razões mais palatáveis - talvez pensando na justiça da *lex talionis* - olho por olho, dente por dente -, posto que, ainda segundo Frei Vicente do Salvador:

Não sei se deu isto ânimo aos mais governadores para depois continuarem diferenças com os Bispos, de que tratarei em seus lugares, e porventura os culparei mais, porque tenho notícia das razões, ou para melhor dizer sem razões de suas diferenças, o que não posso neste caso sem ser notado de murmurador.

Alguma semelhança? Mas não foi preciso a deglutição de cem corpos de carne rosada, bem cevados, para macular a ação dos irresponsáveis moços da sociedade em seus divertimentos extremos. Um só naufrago, uma só imolação, um anjo capturado -

Miss Cy - nome que a partir de certo momento deixará pegadas sangrentas no diário do bordel. Na verdade Cy é normalista vinda do interior, Isso desfaz uns retratos, mas confirma outros: quando penetra na garçonnière muda de personalidade. Ali será musa e deusa, infeliz e desinfeliz, a todos toca, perturba a vida comum...

E como tudo que ocorre ali, a presença de Miss Cy é fantasmagórica. Trata-se de uma normalista do interior que veio estudar na capital? Essa é a história que muitas moças contam à família quando vêm se aventurar na cidade grande. É um eufemismo, se não para a prostituição, ao menos será para a vida licenciosa, revigorada pela impudicícia, margeando a lascívia, a libertinagem, que Miramar conhece bem.

Miss Cy não escapa disso: quando sai da Escola Normal se entrega ao vício, *a viver a vida!* Quando encontra Miramar, o comandante do grupo, é de imediato aliciada para a garçonnière e logo se transformará num caso de amor com Miramar, de masturbações platônicas para outros, até de musa itinerante para os menos afoitos.

A adolescente tem todos os males da modernidade importados das ruas parisienses: fuma, bebe, cheira, mistura drogas com bebidas, prostitui-se pelas ruas e becos paulistanos. Deia da noite, Miss Cy é conhecida íntima das bocas onde circula consumindo vícios. Durante o dia em desmaio permanente, não vê a luz do sol.

Quando a noite termina de recolher a seus lares os trabalhadores comuns Miss Cy desperta para a vida. Só ou em companhia d'alguma alma gêmea, ela caminha desesperançada, aos tropeções, numa maratona deambulatória pelas ruas mal iluminadas, aquelas mesmas que o vampiro Macunaíma vagueia desesperado em busca de porto.

Por fim Miss Cy engravida. Além disso, a fraqueza corporal é visível a olho nu: o corpo esquelético, tísico, parece mais a carcaça das meninas que sofrem de bulimia, costelas à mostra, faces

encovadas, a palidez dos tuberculosos. Um aborto desastrado completa o quadro de fragilidade que faz parte da sensualidade de Miss Cy. Apesar de tudo, não estamos mais no cenário de Noite na Taverna, Miramar não é Macário, ali também não estão Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius e Johann. Apenas uma frágil Miss Cy que, diante da desgraça iminente, foge em delírio para o único porto que lhe resta: volta à família, à cidadezinha do interior de onde não deveria ter partido.

O cadáver vívido de Miss Cy será incapaz de assimilar a cultura europeia e digerir as velhas estruturas, mas servirá de alimento para os gritos lancinantes que virão subtendidos na proposta de antropofagia de Miramar, similar ao ocorrido - decerto por outras razões - no Manifesto de Martín Fierro: *Martín Fierro tiene fé en nuestra fonética, en nuestra visión, en nuestros modales, en nuestro oído, en nuestra capacidad digestiva y de asimilación.*

Assim como o livro de notas da Rua Líbero Badaró não registrará que anos depois, em represália à deglutição do Bispo Sardinha - ícone do Movimento Antropofágico - o Governador Geral Mem de Sá ordenaria o massacre dos caetés e a distribuição de suas terras para exploração da cana de açúcar, apenas um recorte de jornal registrará a morte de Miss Cy.

Antes do desfecho fatal, bilhetes desesperados caíam na caixa postal do apartamento. A voz débil de esperança perdida ecoava fraca deixando a todos impotentes, prisioneiros da imagem delicada e inesquecível de Miss Cy. Mais uma vez repetiu-se a Lei de Talião: olho por olho, dente por dente. Será esse o leit motif perpétuo que - por maldição - dirigirá as cabeças dos jovens modernistas?

O nome de Macunaíma não aparece em nenhuma página do Diário do lupanar de Miramar - ali só entra machos, devassos, depravadas e messalinas - viado, não!



Cy, Rainha do Asfalto

Uma feita Miramar ia seguindo por uma rua de asfalto e estava penando muito de sede. Não tinha nem mesmo chope no bairro. O sol, esfiapando por entre as ruas, guascava sem parada o lombo do andarengo. Suava como que tivesse besuntado o corpo com azeite de piquiá. De repente Miramar parou riscando o silêncio da noite com um gesto imenso de alerta. Não se escutava nada, porém Miramar sussurrou:

- Tem coisa. Aí tem coisa.

Deixou o pensamento de lado e avançou cauteloso. Já o sol estava farto de tanto guascar o lombo dele quando quadra e meio adiante Miramar topou com a cunhã fumando. Era Cy, Cy. Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte da tribo de mulher sozinha parando lá pelas bordas do Brás, Bexiga e Barra Funda. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo.

Miramar se atirou por cima dela, a fim de foder. Mas Cy não queria. Não assim, desse modo abrupto. Ela gostava de preliminares e de coisas do destino. Fez lança de flecha tridente enquanto Miramar puxava da carteira. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. Mas tudo ele resolvia com dinheiro.

Miramar apanhava. Recebeu um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo na bunda. Doía. Cy não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo gordo de Miramar. Soltando berros formidáveis e vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a branquela, Miramar deitou fuga chamando pelos manos da garçonnière:

- Me acudam, senão eu mato! Me acudam, senão eu mato!

Os manos vieram e agarraram Cy, um trançando os braços dela por detrás enquanto outro dava porrada. E a branquela caiu sem auxílio no tapete e foi levada ao leito. Quando ela ficou bem imóvel, Miramar se aproveitou e brincou com a Cy. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas, tuins, coricas, periquitos, muitos papagaios saudar Miramar, o novo imperador da Rua Líbero Badaró.

Os manos seguiram Miramar e também ficaram com a companhia nova. Em busca do amor eterno, ela atravessou a cidade das Flores, evitou o Rio das Amarguras passando por debaixo do Salto da Felicidade, tomou a Estrada dos Prazeres e chegou ao Capão de Meu Bem que fica na Rua Líbero Badaró, 67. Foi de lá que Miramar imperou sobre os matos misteriosos, enquanto Cy comandava assaltos às mulheres e rapazes do Brás, Bexiga e Barra Funda, armada da txara de três pontas.

Miramar tinha muito dinheiro e vivia sossegado. Passava dias e noites marupiara na cama matando cigarrilhas taiocas, chupitando golinhos estalados de pinga com limão, cantando acompanhado pelo som gotejante do cotcho. A cidade macota de São Paulo reboava com doçura adormecendo as cobras, os carrapatos, os mosquitos, as formigas e os deuses ruins. De noite Cy chegava recendendo resina de pau, sangrada das brigas e se atirava na cama. Os dois brincavam e depois ficavam rindo um pro outro. Ficavam rindo longo tempo, bem juntos, mexendo com as partes. Cy exalava tanto sexo que Miramar tinha tonteiras de moleza.

- Puxa como você cheira, benzinho! Ele murmurava gozado. Que visgo perfumado é esse?

E escancarava as narinas mais. Vinha tonteira tão macota que o sono principiava pingando das pálpebras dele. Porém Cy nunca estava satisfeita e com jeito de cama enlaçava os dois obrigando o companheiro a foder mais. Morto de soneira, infernizado, Miramar fodia para não desmerecer a fama, porém, quando Cy queria rir com ele de satisfação:

- Ai! Que preguiça!...Miramar suspirava enfarado. E dando as costas para ela adormecia. Mas Cy queria foder inda mais. Convidava, convidava... Miramar ferrado no sono. Então a Cy pegava no chicote de 5 pontas e fustigava o companheiro. Miramar se acordava dando grandes gargalhadas se torcendo de cócegas.

- Faz isso não, oferecida!

- Faço!

- Deixa a gente dormir, meu bem...

- Vamos foder.

- Ai! Que preguiça!...

E brincavam mais outra vez. Porém nos dias de muita pinga e absinto, Cy encontrava o Imperador do Asfalto largado por aí num porre-mãe. Iam foder e Miramar esquecia no meio.

- Então, herói!

- Então o quê!

- Você não continua?

- Continua o quê!

- Pois, meus pecados, a gente está transando e vai você pára no meio!

- Ai! Que preguiça...

Miramar mal esboçava vontade de tão chumbado que tava. E procurando um macio nos cabelos da companheira adormecia feliz. Então para animá-lo Cy empregava o estratagema sublime. Buscava na feira a folhagem de fogo da urtiga e sapecava com ela uma coça no cu de Miramar e na bocetinha dela. Com isso Miramar ficava um leão querendo. Cy também. E os dois transavam que mais transavam num deboche de ardor e libidinagem prodigiosa.

Mas era nas noites de insônia que o gozo inventava mais. Quando todas as estrelas incendiadas derramavam sobre a Terra um óleo calorento que ninguém não suportava de tão quente, corria pelo asfalto a presença de incêndio. Nem a passarinhada aguentava no ninho. Mexia inquieta o pescoço, voava para o galho em frente e, no milagre mais enorme deste mundo, inventava de supetão uma alvorada preta, cantacantando que não tinha fim. A bulha era tremenda o cheiro poderoso e o calor inda mais.

Miramar dava um safanão na cama atirando Cy longe. Ela acordava feita fúria e crescia para cima dele. Fodiam assim e assado. E agora despertados inteiramente pelo gozo inventavam novas artes de foder como no livro Kamasutra. Nem bem seis meses passaram e a Cy emprenhou de um filho encarnado. Cy viu brotar ali uns mil problemas e contou para Miramar que não queria ver a planta nascer. E combinaram tomar purgante para fazer a criatura não vingar. Mas nada deu certo e Cy se viu cheia de inflamações, dores e infecções.

Todas as icamiabas de colégio e da noite queriam bem a Cy. Tanto que no primeiro banho dela puseram todas as joias da tribo para que fosse rica para sempre. Mandaram buscar na Bolívia uma tesoura e enfiaram ela aberta debaixo do cabeceira porque senão Tutu Marambá vinha, chupava o dedão do pé de Cy. Tutu

Marambá veio, topou com a tesoura e se enganou: chupou o olho dela e foi-se embora satisfeito.

Mandaram buscar para ela em Cravinhos as mais famosas mezinhas emboticadas por dona Ana Francisca de Almeida Leite Moraes: eram os remédios caseiros Para Tudo, feitos com Rosa dos Cafezais, Flor de Maracujá e casca de Por-ti-padeço, manipulados, benzidos e rezados pelas mãos de dona Joaquina Leitão mais conhecida pelo nome de Quinca Cacunda.

Filtravam o melhor mel de tamarindo das irmãs Louro Vieira, de Óbidos, para Cy engolir no refresco doce o remedinho amargo que serviria para sarar. Vida feliz, era bom!, mas agora o critério era outro: dor, dor, dor. Cy pensou que melhorava, mas uma feita jucurutu pousou na maloca do imperador e soltou o regougo agourento. Miramar tremeu assustado, espantou os mosquitos e caiu no pajuari, bebeu e fumou por demais para ver si espantava o medo também. Tanto bebeu e tanto fornicou que teve insônia a noite inteira.

Então chegou a cobra preta e chupou o único peito vivo de Cy - não deixou nem o apoio. E como Miramar não conseguisse se conter querendo sexo, nem moçar outra das icamiabas, também chupou o peito de Cy, no outro dia chupou mais, ela deu um suspiro envenenado e morreu. Antes de botar a anjinha na igaçaba esculpida com forma de jaboti, Miramar se casou com ela. E para os boitatás não comerem os olhos da morta a enterraram no centro da taba Consolação com missa, muito canto, muita dança e muito pajuari.

Terminada a função Miramar, vendo a companheira toda enfeitada ainda, tirou do colar a muiraquitã, botou no pescoço e a viu subir para o céu de Cravinhos por um cipó de ouro. É lá que Cy vive agora nos trinqes passeando, liberta das formigas, enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Brás, Bexiga e Barra Funda.

No outro mês, quando Miramar foi visitar o túmulo de Cy viu que nascera do corpo uma plantinha japonesa. Tratou dela com muito cuidado, foram ao café e depois para a garçonnière se aquecer do frio trazido pela garoa. Quando Miramar saiu do banheiro encontrou a japinha nuinha deitada na cama. Deu um salto e mergulhou entre as pernas dela, sem correria, sem fechar as cortinas, para que Cy visse lá do céu as sacanagens que ele tava fazendo com outra.



Cartas de Cravinhos

Miramar,

Acabo de receber o teu lindo mimo: fiquei satisfeítíssima por tê-lo e ainda mais por sentir que não te esqueceste de mim. Judithinha, então, adoeceu? Pobrezinha... Se eu não estivesse doente também, iria vê-la, apesar de que os desvelos de mãe e pai lhe garantem a rápida melhora.

Conheço bastante de nome esse Dr. Fiori que, sem ser formado, ainda não provocou processo algum por exploração aos incautos. Quanto a esse teu novo vizinho, adivinho que já estás no melhor pé de relações e... talvez não seja só no pé...

O Brás continua a ser o foco da divina encrenca e do mistério apesar de que agora cada canto de rua não é mais o cenário vivo de pequeninas facadas e estrangulamentos sutis.

O Valentim de que me falas, talvez seja o Paulino Piza, não? Dr. Joãozinho de Barros, o pitoresco João de Barros da minha floresta itaporanguense, partiu sem passear o seu deslumbramento de fidalgo por este delicioso bairro de apaches! Que ingrato!

E esse pequeno japonês que o ia matando é aquele lindo mandarim de olhos magoados que enfeitava a tua saleta? O mesmo que nos escondia malicioso, com seu talhe esquisito, a tortura incrível das horas? Ou será, este que é agora o meu adorável companheiro de tédio, este que o nome de Harussan dá ideia de uma pastilha de chocolate ou mel rosado?

Terá porventura esse João de Barros ciúmes mal contidos, por mim... Quanta honra! Ha, contudo, entre todas as galanterias ligeiras de teu bilhete, uma... malícia mais forte - desculpe o engano.

Com que então regulas o teu relógio de cabeceira pela minha idade! 24! Apesar de que 24 é o numero chique! 24 são as horas, 24 os dentes de leite e ainda a desejada idade para o Virutinha.

Enfim! Aqui, despeço-me: o frio tortura-me as mãos reais de unhas perfeitas. Adeus e recebe o grande agradecimento e todo o coração da Cy.

Miramar,

Cy voltou, pelo meu braço, depois do juramento ante a Virgem. Vou buscar o almoço de bodas. Ontem, noite agitada; hoje, dia brumoso. São Paulo distante, como uma ilustração persuasiva de idílio. Para o meu companheiro de horas... Partimos os dois pela manhã, franjada ainda de nevoeiros úmidos. E o céu tão alto... E tão azul! E a paisagem que nos corria a beira do auto, tinha espanejamentos bruscos de vida e a cidade ao longe, batida de sonolência era como esses desenhos a cores, que um papel de seda encobre por inteiro. É a capelinha clara que assombrava com seu traço o cenário de luz, se desfazendo da nevoa, surgiu radiosa e linda, a nos ditar na majestade real todo um poema de unção e de verdade.

Cupidinho chorou a noite toda. Vou ao médico fazer uma punção.

Volto! Ninguém ainda... Cupidinho chora com fome; como uma maçã. Mas Cupidinho rompe num pranto imenso... E ao indagar porque, diz ele meiguinho: - Tem o papaizinho... E o Vilutina pá eu bincá! Que precocidade!

Miss Cy vai fazer uma estação em casa do Pontes. Depois irá para um instituto. E desta vez há de sair o Cupidinho. Fui à aula! Mas como envelheceram as minhas pobres lentes biconvexas... O Américo de Moura cada vez mais chato e mais encardido, fazendo uma profusa distribuição de Hinos Nacionais de sua lavra. Para o que havia de dar a peste... Pra poeta! A seguir esse modesto vate,

invade a sala, a tropeçar atrapalhado, a figura melada e fofa do Mister Buarque. Encarou-me um distante a dizer:

- Então! Cuidei que morrera. Causava pena o perder tão eminente aluna E exatamente o que eu não desejava. Da parte do pessoal miúdo da classe, recebi uma manifestação respeitosa e... escrupulosa. Enfim, eis todo o meu dia de nova vida. Cy.

* * * * *

Miramar,

Imagino, o quanto esperaste ontem, pela minha ida. Porém, uma pleurocongestão, me retém ao leito desde 5^a à noite. Faz já quatro vezes que Graziella te telefona, sem que te encontre. 2^a feira - Não farei operação, pois que essa congestão me deixou tão debilitada que talvez só daqui a um mês eu me torne mais forte. Escrevo-te de cama tendo Graziella e outra amiguinha como enfermeiras. Até 2^a se Deus quiser. Se passar bem, irei à aula. Adeus. Recebe todo o coração da Cy.

* * * * *

Miramar,

Peço-te que amanhã passes por cá e fiques do lado esquerdo da minha casa. Saudades a Ferrignac, Viruta, Léo, Fiori, Valente, etc. Ontem tive um ameaço de hemoptise: quase morri! Adeus, Zizi vem vindo. Cy

Essas flores são para os nossos amigos, acima discriminados.

* * * * *

Miramar,

As ruas calmamente festivas me lembraram do dia de hoje. Dia de festa, para todo o Brasil, talvez, só para mim, não. Essa festividade religiosa que se celebra hoje fez maior o meu tédio, maior a minha lástima! Até a garçonne parece em dia santo. Leio Verlaine: mas as suas frases que geralmente me produzem uma sensação de ternura cruel, pareceram-me agora complicadas, cheias de adjetivos contraditórios de subtilezas retóricas e de flores de escola literária...

Lembro-me então de Santiago e digo com ele: - Como a beleza é dolorosa! É exato: sofro mais, desde que é bela a minha vida. Sofro

com intermitências cáusticas, com um sentir doentio de mulher sensível e nervosa. Mas é um sofrimento verdadeiro, que sente sem razão, que sente porque sente, que sente por tédio, enfim.

Mas, de que preciso para ser feliz? Glórias? Essas passam! Riquezas? Oh! Se eu quisesse! Gozo? Mas se esses momentos me são odiosos. Deformada sentimentalmente pelos livros, sofro nos meus momentos de veemência crítica, o sofrimento de muitas almas de ficção. Sofro como Vinci, como Sandri, como La Faustine...

Preciso sofrer, e... Sofro por tudo!

Miss Literária.

* * * * *

Miramar,

Deu-se o golpe! Não o esperava desse feitio. Ziza pediu-me a guia e como eu não a tivesse ela me pôs na rua. Antes, porém, eu declarara que tinha perdido o ano. Foi um horror. Fui é chicanada e maltratada como nunca. Bem, mas pegando na ordem de Ziza, comecei a arrumar a mala para sair quando ela me disse que eu tinha de ir primeiro pedir licença a minha mãe para ser independente.

Portanto, parto hoje à noite com minha avó para Cravinhos. Peço-te que mandes Ferrignac à estação (tu não, porque seria o maior escândalo: desconfiam de ti) e o Paulo que me leve toda a roupa que eu tenho aí (na ultima gaveta daquele móvel nosso). Caso possas manda-me também o vestido que Lulu me deu. Mas, olhe: ajêita para que façam tudo com arte.

Eu preciso falar com o Ferrignac e receber o embrulho do Paulo sem que, contudo, os meus megeras desconfiem. Olha, diz ao Dr. Leonardo Pinto que no caso de ser interrogado, diga Que de fato eu, Cy, trabalhei 15 dias em Julho e 15 em Agosto no seu ginásio, ganhando 50\$000. Adeus! e recebe todo o coração da Cy.

* * * * *

Eu não ficarei lá. Voltarei dentro de um mês. Naturalmente ficarei o resto de Agosto. Quero que me escrevas pra lá. (Cravinhos - Caixa do Correio 19. M. de L. Pontes. Ao cuidado do Snr. Ignácio da Costa). Eu responderei para a Gazeta, porque o nosso retiro já é

conhecido deles. Caso possa te telegrafarei da 1ª estação. Guarda as memórias contigo. Adeus. Beija a cabeça da pobre Cy.

* * * * *

Miramar recebe a primeira carta da Cy. São quatro folhas de papel almaço rabiscadas a lápis no trem. Diz coisas que nós somos ainda os amores mais lindos da terra. Exige o Terezo, quer o peignoir roxo, para vestir nos pores de sól. Diz que Cupidinho dá pulos no trem que corre e sacoleja. E termina: Ferrignac que não se esqueça muito de mim e Viruta e Léo e Sarti, o meigo poeta, enfim, todos os pequeninos deuses do meu paraíso perdido. Cy.

* * * * *

Cravinhos 24 - Agosto - 1918.

Olá! Vocês! O Viruta me escreveu, mas não falou de amor. Infelizmente... Ficou com dó de ver o Eça em minhas mãos! Estou triste: o céu aqui é muito lá em cima. Muito azul. Maior que esse daí... A terra escarlate, mas não há mãos reais de unhas perfeitas: quando muito umas mãozinhas avermelhadas com montanhas de calos, unhas torturadas, comidas de um lado. Só as unhas, ainda restam um tanto civilizadas.

Esses artigos da indústria nacional vão, um para o Viruta que teve a gentileza de me escrever (aliás, para uma reclamação) e o outro para o Conservatório.

Oh! Viruta Parnasiano... Oh! Musa doente! Oh! Meu real e perfeito intemorato. Isso cá, não é bureau de queixas...

Oh! Ferrignac escreve-me...

Oh! Sarti, acorda...

Oh! Léo, a florzinha miúda e roxa que guarda o teu seio, já não tem o poder de enfeitiçar-te?

Oh! Miramar, sacode de ti a nostalgia dolorosa da surpresa, e escreve-me. Estou com dor de garganta.

Adeus. Cy

* * * * *

Miramar,

Carta da ex-pagã Miss Cy, convertida pela Obra das Missões Femininas de São João Miramar:

É domingo festivo, quando visitei sozinha o seu retiro-mansão (de Jesus) e pedi num grito de fé, mil graças para aquele que eu adoro, senti no seu grande gesto de piedade todo um perdão bem digno para o crime... de te amar!

O gramofone toca Rubinstein. Penso na singular doida-lúcida Miss Cy de olhos tristes. Relembro, no refúgio d'outrora, a sua pessoa nervosa, o seu riso inquietante como a ressonância de um Crystal fendido.

No ambiente neutro dos armazéns cerrados as lâmpadas japonesas derramavam um halo estranho sobre os seus cabelos revoltos, sobre a mecha trevosa que, nos dias de Guignol sentimental, aterrava o bom Ferrignac.

Que falta fazem aqui, Miramar, as suas áridas pupilas tenebrosas, em cujo fundo parecia velar perpetuamente uma Quimera aterradora! Quando lhe escrever, diga-lhe que o meu culto das mãos belas e terríveis inclinou-se por vezes silenciosamente ante as suas unhas inquietadoramente lindas, que desenhavam na penumbra do Refúgio, fulgores d'ágatas polidas.

Beija-lhe em meu nome, a linda Miss de mãos belas, as unhas preciosas como pedras lapidadas, e diga-lhe que ela é para mim também uma saudade.

Três e meia da madrugada molhada de 7 de Setembro. Lá fora, no tijolo bastardo do terreiro, a chuva que escorre e faz vínculos alagados na cal velha dos interstícios gastos da parede. Ha ruídos surdos e maus na solitude pagã dessa alvorada doente.

No quarto da Miss Cy, Cravinhos 8-9-1918



Miss Cy ressuscita

Mas as caminhadas secretas de miss Cy – tão condenadas por Miramar – nem sempre beiravam as margens das aventuras sexuais e éticas. Muitas vezes o seu extravio se dava por conta da necessidade de ressuscitar dos pesadelos que a perseguiram diuturnamente.

A cura viria de uma ida ao Teatro Santa Helena, onde amigos da Escola Normal marcavam encontros para assistir recitais e peças. Miss Cy saía da Escola Normal, atravessava a Praça da República e caminhava a esmo, imaginando o que fazer. Seus pés tramavam um destino quase sempre não pensado.

Outras vezes pegava uma charrete para, pensativa, desfrutar o passeio, desligada e isolada de tudo. Pedia ao condutor para andar a esmo, depois indicava o Jardim da Aclimação, voltava passando pelo Teatro Municipal para admirar de longe os cartazes e descia em frente ao monumento a Carlos Gomes.

Caminhava então até o Café Girondino, onde bebia chá com bolo de laranja, depois pegava o bonde e saltava na esquina da Praça do Patriarca com Líbero Badaró, onde ficava a garçonnière.

Antes de subir bebia uma dose de absinto puro, acendia um cigarro, trocava conversa com o garçom do bar da esquina. Só então subia ao reduto onde esperava apenas encontrar os queridos amigos, sem imaginar que as más cabeças a julgavam perdida entre

as ruas de paralelepípedos do Brás, onde imaginavam perdida em completa devassidão.

Mas agora ela ainda está em Cravinhos...

4. Setembro. Doce amigo.

Mando-te um pedaço de vida. Desta minha vida de interior rústico e sossegado.

Fui às quatro horas ao médico, para me ser feita uma injeção. Como dói, não imaginas.

Voltando, toda dolorida, tendo o braço inerte e doente, tive de suportar o fastidioso primo fazendeiro: um meninote podre de chic, um boy tango de vila, com roupas à francesa e monóculo de grau.

Que impertinência o seu ar amaneirado de grão-senhor! Eu cheirando muito a éter, dei-lhe a mão pálida a beijar e suportei passavelmente os seus madrigais traduzidos do francês...

Nunca te amei tanto, isto é, nunca tive tanta confiança no meu amor e em mim, contra as fascinações roceiras.

Olha meu querido amor, tenho em mãos o adorável e esquisito Balzac e o Ibsen profundo.

Não imaginas que dia feio faz aqui. Um dia de pijamas, um dia de almofadões listados e lâmpadas acesas... Um dia de alcova!

Céu lavado em anil. Ar pesado e morno que dá ânsias às almas torturadas.

Um dia para Ibsen e cigarros fortes, orgias de gozo, bebedeiras de absinto e ópio!!!

Saint-Saëns ao piano a agonizar no Cisne!

Margaridas roxas engastadas em jardineiras toscas! Mesmo a roseira-bule que brota em rosas-chá (as mesmas do Eça e do Viruta), tem melancolias verdes nas hastes.

A lâmpada vermelha do quarto da Cy faz escorrer nas almofadas moles um roxo mênstruo, de transparência quase rouge.

Pensa em ti, a Miss pensa em ti. Por ti Miramar, a Miss tem mais profundos os olhos e a cabeça bizarra é mais revolta...

A mecha trevosa altera o vulto velho de Miguel Ângelo... e Baudelaire, revive na aridez das pupilas escuras...

Que dia de lareira, dia de fantasma, dia de Chernoviz sentimental!

Sabes quem morreu ontem? O Deodoro, aquele preto velho que foi pajem de D. Pedro II.

Estou com dor de dente a Pannain (é assim?).

Quando vens oh! Mister Cy?

Perdoa este estilo... mas é a dor de dente.

Adeus e escreve logo uma grande carta para a Miss. Terezo muito mal.

Vem. Cy

P.S. - Queres saber como é minha cidadezinha? Pois digo-te: quando a estação de Cravinhos foi inaugurada o povoado constava de poucas casas aglomeradas na Rua do Bonfim. A estação era um prédio acanhadinho, mas depois ficou cresceu, espaçoso, com escritório, um saguão confortável e grandes plataformas. Meu avô era dono do bar, que oferecia quitutes caseiros, feitos por minha avó, que eram servidos para os passageiros quando passava o trem.

Tudo foi feito por exigência dos grandes fazendeiros de café, que são donos de toda a região. A cidade tem como irmã a estação da vila de Alvarenga de lá muitos moradores vêm fazer compras aqui, devido às lojas modernas. Cravinhos tem também a única livraria da região. Ainda bem, porque senão eu estaria perdida!

Agora te descrevo como se forma a paisagem: à direita, entre duas colinas, estão os cafezais da Fazenda do Tenente, de belíssimo colorido e relevo gracioso, que vejo do meu quarto. Do lado oposto está a Fazenda Jardim, tendo na entrada a Rua das Araucárias. Em cada pé de pinheiro, tem uma aleia de cravinas lilases, roxas, brancas e vermelhas ou todas essas cores combinadas. É a favorita de turistas e visitantes.

A maioria das terras é ocupada pela cultura cafeeira, mas tem pastagens, invernadas e uma grande reserva de matas. Grande parte da população é italiana e portuguesa, como meus antepassados. O trem atravessa os cafezais de um extremo a outro, trazendo ao passageiro toda a beleza da paisagem.

O nome da cidade deriva da existência de grande quantidade de cravinas (cravos pequenos) que proliferam ambulantes em toda a região. A cidade tem também a sua igrejinha, paróquia dedicada a São José, santo padroeiro da cidade.

Agora estou cansada, bebo um chá e deito-me...



O sol se põe

Na pequenina Cravinhos, cidade de arruado e meio, Miss Cy esperançava a pronta recuperação. A cidade de sua infância, do primeiro colégio, da primeira comunhão e das missas dominicais tinha se modificado ao olhar adulto. Outrora ela vivia cercada de meninos, amigos, colegas de escola, admiradores e alguns curiosos distantes que ficavam espantados pelas coisas que ela fazia. Como quando montava a cavalo em pelo, sem sela nem arreios, e saía a galope pelas ruas deixando um rasto de poeira atrás dos cascos. Ou então se admirando do jeito simples com que se metia no futebol dos meninos, ágil, esperta, tomando bolas, dando dribles, fazendo gols.

Agora estava quase imobilizada na cama almofadada, de lençóis azuis que cheiravam a água de colônia, tomando remédios para se recuperar de um mal desconhecido, que traziam junto com a cura prometida uma sonolência de anjo. O seio esquerdo ainda estava manchado com a cicatriz vermelha, quase roxa, que a mal sucedida intervenção deixou. Só quando saía a passeio jogando o peso do corpo leve nos braços da mãe, ela conseguia sorrir, um corado róseo lhe chegava ao rosto – parecia feliz.

Durante o passeio era inevitável encontrar amigos, um e outro colega da escola que se aventurou a seguir no comércio as pegadas do pai, em nome da tradição da família, cruzar com vizinhas conhecidas da mãe, acenar para os que gritavam o seu nome de longe. O ritual incluía cumprimentar os comerciantes, os

amigos da família, todos que passavam se derramando com um molhe de palavras sinceros votos de saúde, ânimo e fé.

No segundo quarteirão chegariam ao cinema e ali, caminhando pelo hall, se divertiam mirando e comentando os cartazes que anunciavam, com imagens dos artistas preferidos e letras artisticamente desenhadas, as atuais futuras projeções. Exclamações enfeitavam um resumido enredo do que seria a aventura, a história de mor, os sofrimentos das vítimas primeira guerra mundial.

Nas paredes se espalhavam anúncios de Buster Keaton e Kathleen Myers, na eletrizante película *O Vaqueiro*; mais ao lado o aviso que chegaria o filme épico *Ben-Hur*, com Ramon Novarro e May McAvoy; Charlie Chaplin estrelava *Em busca do ouro*; mais ao lado se proclamava uma aventura eletrizante: *O feiticeiro de Oz*; por fim, o favorito da sua mãe que ficou um bom tempo diante do cartaz lendo em voz alta a sinopse do filme *O Águia*, com Rodolfo Valentino, Vilma Banky e Louise Dresser: Por causa de uma paixão não correspondida, Valentino se transforma no herói mascarado *O Águia*, e se envolve numa rede de intrigas, sem saber que a vítima é o pai da mulher que ama, Vilma Banky.

Quando retornava desses passeios revigorantes, cujo ápice era perder os pensamentos na sala escura do cinema para viver aventuras totalmente estranhas à realidade de Cravinhos, Miss Cy ainda guardava por uns tempos as imagens pelas quais deixou a alma e o pensamento caminhar pela ilusão da tela prateada. Retornando a casa ao entardecer ela teria que se submeter à dieta fortificante que a mãe preparava: um lanche que incluía mingau de aveia, depois um café bem preto, gemada (ovo batido com açúcar mascavo e leite), pão amanteigado e duas ou três variedades de queijo.

A rejeição que o organismo debilitado trazia à fartura de alimentos, aliada ao mal estar causado por intensa ingestão de medicamentos e injeções dolorosas, era sobrepujada pela palavra carinhosa da mãe, da avó e do pai recém-chegado da lavoura, pelo

calor que tantas pessoas carinhosas transmitiam em favor de sua recuperação. Esse tratamento caseiro era de fato restaurador e repunha forças para assistir da varanda ao pôr do sol, sentada na cadeira de balanço, ouvindo os últimos cantos dos pássaros se recolhendo nas árvores em redor. Sentia-se como que ungida por algum óleo miraculoso, a resposta do corpo magoado, pontilhado de dores, aos medos que nunca teve, mas que começavam a tomar conta da alma.

Ela se habituou a não tocar de jeito nenhum no local da punção, evitava apalpar mesmo de leve, porque quando o fez certa vez, por curiosidade inadvertida, sentiu o mesmo que estar sendo perfurada com longa e pontuda agulha de crochê. A dor desproporcional que o leve toque causou trouxe efeitos devastadores, aflição demorada, quase suplício, inesperado padecimento, produzindo uma agonia que a deixou para sempre desassossegada.

A partir de então passou a sentir dó de si mesma, acendeu na alma aquela percepção de auto piedade que invadia o espírito, rasgava o peito, trazendo ao íntimo o espectro de fantasmas – ela temia pronunciar a palavra morte – tudo virava sombra, a visão tênue de coisas maiores. Um incômodo latente molestava as horas de descanso e aborrecia mais pela persistência, pela demora de ir embora.

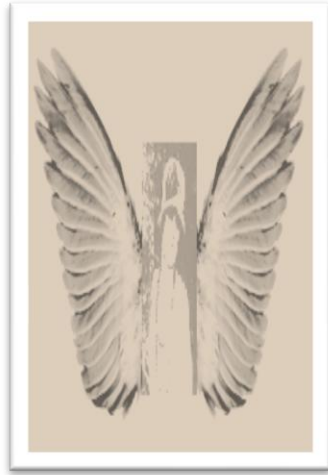
Sentia padecer os membros sensíveis, sem tanta intensidade, com pouca força, deixando-a indisposta por saltar, sem qualquer ordem, de um lado a outro. Sem mais nem menos a dor virava tortura, deixava-lhe os nervos em transe e somente se esvaía aos poucos, lentamente, mas deixava sequelas, bulia com o humor, inquietava o corpo já irritado. Nessas horas de desespero solitário, um imperceptível fio de lágrima corria dos olhos até o canto dos lábios, só então quando sentia o gosto de sal se dava conta que chorava.

Fechava os olhos. Imagina saltar sobre o jogo da amarelinha desenhado na calçada, para fugir daquele inferno e chegar ao Céu.

Os números do jogo reluziam em sua mente como anúncio de luz elétrica: 1 - um pé; 2 e 3 - dois pés; 4 - um pé; 5 e 6 - dois pés. A saia esvoaçava a cada salto fazendo-a flutuar como paraquedas entre as nuvens. 7 - um pé; 8 e 9 - dois pés; finalmente 10 - um pé e o Céu! A liberdade que a livraria de todas as tormentas.

Mas o Céu não estava em Cravinhos nem no jogo da amarelinha. A sua liberdade e o seu céu estavam cada vez mais distantes escondidos pela névoa, garoa das noites frias e úmidas de São Paulo. O Céu estava perto dos amigos, nas ladeiras tortas, nos becos escorregadios do Brás, na pensão barulhenta dos rapazes, onde ressoava dos quartos o ruído e gemidos de amor, o Céu estava no gole amargo do absinto, no trago do cigarro de erva, na desesperada caminhada, tropeçando pelas ruas meio desertas, de paralelepípedos tortos.

O ocaso ela encontraria com certeza no aconchegante esconderijo da Rua Líbero Badaró, onde, ao saltar do bonde, poderia chegar a qualquer hora, beber vinho francês que aqueceria o corpo fatigado, ali imaginava se atirar na cama de colchão e travesseiros de penas, até encontrar-se enleada no corpo quente do homem que revigoraria as forças - não importa quem - que a escuridão não permitia reconhecer.



Miss Cy sobe aos céus

Estava doente e me visitastes. Mas não deveria ser estéril tua visita, como a nuvem que não traz a chuva benéfica e só serve para deixar a atmosfera abafada e ressecar o chão. Tua visita deveria parecer àquelas outras, quando chegavas e me achavas sozinha, trazendo as mãos cheias de alegria. Eras então como a nuvem encharcada, que se desmancha em abundante chuva regando e emprenhando de fertilidade o campo, as terras, a alma.

Visitas assim, indiferentes, longe de me dar conforto e alívio, são fonte de aborrecimento, não trazem uma esmola sequer que seja: pela presença, a conversa amiga ou o silêncio de paz. A tua presença deveria ser o aconchego que me traga alívio, algum lenitivo ao que já sofro. Não, Miramar, sei que não és esse tipo que oferte algum bálsamo para a dor, que traga descanso ao corpo fatigado.

Tudo em ti vira desconsolo, negação ao bem-estar espiritual – tua presença só funciona quando simulas, se és o ator que simboliza o festivo carnaval da libertinagem, Baco dissoluto e lascivo. Tento esquadrihar a alma para saber se também a tua Cy não é espelho dessa miragem, indago se tanta brincadeira licenciosa, se tais comemorações, de que sou parte, me fazem mais sensual e depravada do que deveria ser.

Estarei pagando por isso?

Ai, Miramar, guarda minhas memórias! Guarda com carinho aquilo tudo que escrevi na mais pura das intenções e, no entanto, deitada na cama vazia, mas ainda sentindo o calor de teu corpo enorme. Por não saber o que escrevi afoita, em transe, ali encontrarás a minha mente liberta, o pensamento do que quis ser.

Mas não lerás ali o que eu estava destinada a ser nem o que minha família sonhou. Para eles não seria o que tua Cy é: visgo puro – como dizes – e sim a filha de lavrador que estudou para ser normalista, a professora diplomada da escola primária de Cravinhos.

Minha consciência dói: estarei pagando por isso? Ai, Miramar, guarda minhas memórias! Tudo o que vivi está semeado nos paralelepípedos das vielas de São Paulo, nas manhãs douradas da cidade: no Brás, na Líbero Badaró, na Rua Aurora. A tua Cy está plantada na Rua 15 de Novembro, no Largo do Tesouro, na Praça Antônio Prado, na Avenida São João, na Rua Anhangabaú, no Viaduto Santa Ifigênia, no Cassino Antártica.

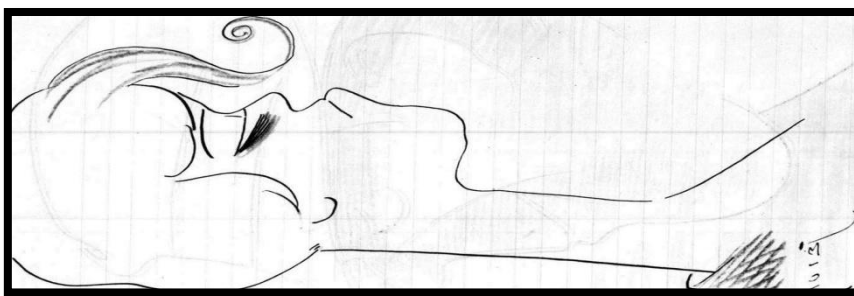
Cy, deitada ao leito, de olhos fechados, só consegue respirar bem de leve, como um passarinho. Quando os pulmões arfam, sofre com os espasmos. O ar que aspira sai quase silencioso, a não ser um silvo leve, imperceptível. Sua mente ainda fabrica retratos, pinta paisagens, fixam fotografias e escreve palavras que imagina falar. Entretanto, se sabe que nada mais fluirá da sua boca entorpecida. Os lábios sustentam um tubinho de plástico para retirar a saliva acumulada e evitar convulsões.

José, o padrasto, está sentado ao lado da avó Zizi, cujos cabelos alvos impõem certa dignidade. As feições, porém, estão cansadas, muito por causa da viagem apressada de Cravinhos a São Paulo, pelo incômodo e desconforto do banco de madeira – mais, muito mais ainda, pela tristeza espinhosa de vir ao encontro da filha e neta agonizante.

A mãe Guilhermina está colada ao leito. Com uma das mãos ampara e acaricia os dedos da filha. A cada respiração dela sente as forças se esvaírem. As feições quase santas de Cy não deixam dúvidas: está próximo o desenlace. Beija o rosto lívido da filha e juntas, face a face, murmura palavras que só elas ouvem: meu Deus, aceito resignada de vossa mão a morte que vos aprouve mandar à minha amada filha, com toda a angústia, agonia amargura e dores.

A fala íntima se transforma num cicio terno, até carinhoso, de mãe para filha: as palavras de consternação, luto e tristeza, são apenas pressentidas pelos presentes. Todo o padecimento de mãe se transforma num transe que leva a agonia ao fim e quando ela se afasta está com as feições serenas, a própria imagem de resignação e calma.

O peito de Miss Cy cessa o arfar, não respira mais. As pálpebras cerradas emolduradas por espessa olheira sublimam o desfecho, sempre trágico para os mais próximos. Nem mesmo Miramar, com o mais alto espírito romanesco que possui, imaginaria epílogo tão cruel. Que final! Que magnífico remate para um drama! Shakespeare puro!



A dissipação de Miss Cy

Miss Cy está exangue. Todos os seus membros sofrem e um não pode socorrer o outro porque as mãos e os pés estão arriados sobre a cama, inertes.

Pai de misericórdia infinita restaura na alma de Cy tudo aquilo que a fragilidade humana corrompeu e manchou com malícia e astúcia.

Os respiros de Cy estão entrecortados de soluço e tosse. Pobre Cy, a cada momento sofre as dores da morte que se aproxima sem se poder detê-la.

Tende piedade de seus gemidos, compadecei-vos de suas lágrimas, tenha-a a seu lado em perfeita reconciliação.

De tal modo que se pode dizer que nas últimas horas sofreu tantas agonias quantas foram as horas e os momentos felizes.

Em nome de Deus todo poderoso, que te criou; em nome de Jesus, que padeceu por ti; em nome do Espírito Santo, que contigo se fundiu - será assim sairá deste mundo tua alma menina.

O livro está fechado, ninguém nem ousa nem pode descrever, ainda que em sentido figurado, aquele momento. Miramar, aflito, a cada momento circula o leito de dor pra lá e pra cá enfiando os dedos na basta cabeleira.

Que o corpo deste pequeno anjo esteja neste momento cheio de paz na alma, para que se abram facilmente para ela as portas da morada celestial.

Miramar sequer imagina se poderia ter feito algo assim que os sinais de doença começaram a anunciar a deglutição de Miss Cy. Como poderia imaginar com a mente devorada pela fome de carne?

Ó Deus de bondade, Deus clemente, Deus de misericórdia!

Em pleno ritual antropofágico, quando a adrenalina controla toda excitação, tendo Cy depositada no altar do sacrifício, Miramar o abocanhrou o seio esquerdo, devorou a bocetinha, bebeu absinto de sua boca, devorou o cu, mordeu o fígado, dilacerou corpo e alma.

Deus que perdoa os arrependidos e pela graça da remissão apaga os resquícios de nossos crimes e pecados.

É assim mordida e em pedaços, destroçada de corpo inteiro que Cy agoniza e exala – para repetir o jargão jornalístico – o último suspiro.

Lança, Deus, teu olhar compassivo para tua serva Cy, recebe a confissão que fez de suas culpas, concede a ela o perdão.

Entre soluços de choro e urros de dor, o padre cerra os olhos verdes de Miss Cy. E murmura a última prece.

Agora que tua alma vai sair deste mundo, faço esta oração para que não experimentes o horror das trevas nem o suplício dos tormentos eternos:

- Cy caríssima filha, boníssima irmã, dulcíssima neta, eu te recomendo a Deus, te entrego nas mãos daquele de quem és criatura e te formou na terra, te deu a beleza angelical e a candura das almas livres.

As coroas de flores são depositadas sobre o caixão: dos pais José e Guilhermina, perdidos e sem Deus, ante a passagem fulgurante da querida filha; da avó portuguesa, às vezes dura educadora; das colegas de estudo, segredos e pecados da Escola Normal; da turma do cafôfo, Ferrignac, Guy, Jeca Tatu, Rao, Edmundo; de Horu San, com o verdadeiro nome: Toyô e muitas outras, de admiradores anônimos, surgidos das noites desvairadas.

Por fim, desapareceu o corpo e os vestígios de Miss Cy no sepulcro da família Andrade à rua 17, quadra 17, do Cemitério da Consolação. Mas os que ali hoje passam não verão nenhuma referência à Rainha da garçonnière da Rua Líbero Badaró.



Miss Cy é visgo puro

A ausência atroz de Miss Cy será sempre lamentada por frases, telefonemas, bilhetes e cartas. Esvazia-se o retiro de Miramar e dos amigos, até então inseparáveis e constantes. O famoso covil, o boudoir escondido, a garçonnière da Rua Libero Badaró, que se presumia secreta, corre na fala de todos. O grupo agoniza lentamente, a garçonnière sempre movimentada, base para tantas aventuras pela pauliceia, desmorona e se enche de vazio.

A fonola antes muito utilizada está esquecida num canto, os discos abandonados: Rubinstein, Beethoven, Schubert, estão surdos e mudos. As pequenas formas com comidas, guardadas na geladeira para eventuais emergências, agora estão cobertas de umidade e mofo. Miss Cy está invisível, entregue ao seu destino trágico.

Quase de imediato ao retorno de Miss Cy de Cravinhos para São Paulo - antes mesmo de estar curada das mazelas que a deixaram ainda mais magra e débil - a garçonnière fica abandonada e se aproxima do fim. Miramar ajuda-a a se estabelecer numa casa independente, sem a tutela de parentes, que ao fim não a aceitariam mesmo. Na Rua Libero Badaró os encontros se transformam em desencontros, não existe nem aquela ordem dentro da desordem. Os bilhetes se acumulam, buscam notícias, as informações se contrastam, as reuniões são desfeitas, o caos se estabelece.

O Perfeito Cozinheiro das Almas deste mundo está esquecido num canto. Encerra-se o diário com a sentença *Acta est fabula!* E o livro se fecha silenciosamente, com a prestigiosa atração das coisas silenciosas: *mon silence est ma force...* Como última contribuição, em nome da Cy, a frase: E tanta vida, bem vivida, se acabou. Era o epitáfio da musa idolatrada. Após narrar que seguiu a Cy até uma pensão de rapazes, Miramar anota em suas memórias: *Miss Cy é visgo puro. Não tenho a coragem de romper. Ela também não explica nada, não conta, não se defende.*

Para piorar tudo, Miss Cy descobre que está grávida. De quem? Ninguém pergunta e ela não fala, insistindo nos segredos que arrastou com ela, como se fora a própria bagagem, trazidos num baú desde Cravinhos para a Capital. Ela conversa com Miramar e ambos concordam em fazer o aborto. Miramar mexe os pauzinhos, usa o seu prestígio e conhecimento para fazer a operação de modo seguro.

O aborto é praticado, mas Miss Cy, ainda muito debilitada, passa mal, em consequência de violenta e incontável hemorragia. Exames médicos aconselham a extirpação do útero, mas o mal persiste, a infecção atinge os pulmões. Miss Cy delira.

Agrava-se o estado da doente e Miramar casa-se com ela *in extremis* a 11 de agosto, presentes Guy, Ferrignac e Jeca Tatu. No dia 24, Miss Cy agoniza e morre. *Esfacela-se meu sonho*’, lamenta Miramar, que dirá também: *A que encontrei enfim, para ser toda minha, meu ciúme matou.* Frases dramáticas das tragédias shakespearianas.

O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo perde o espírito para o qual fora criado. Aquilo que deveria ser um diário pessoal e coletivo, testemunho vivo de um tempo, da projetada *belle époque* paulistana, registro da atmosfera e espírito que formariam toda uma geração, está sepultado. No tocante a Miramar, passa a ser o documento existencial que reflete os anos de aprendizagem, literária, artística, da vida, ela mesma, com alegrias, dramas, conflitos e muito sofrimento.

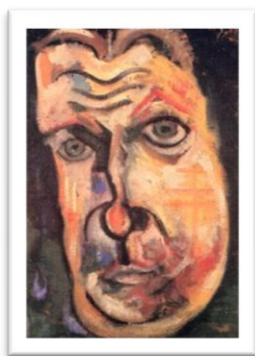
O que começou sob o signo do riso e do otimismo, jocoso e pilhérico, irá a pouco e pouco – num crescendo – caindo na penumbra trágica, refletindo a inquietação e melancolia, trazidas pela angústia, pelas dúvidas e suspeitas sob o que seria a felicidade. Para atingir o auge da queda, o imponderável e inesperado final, os limites da lágrima, explode em sonante estrondo com a morte da musa Miss Cy. Aquela figura que um dia invadiu o reduto em que os homens impunham as regras e ditavam as fronteiras, se tornou a simbiose de menina e fêmea, cuja atuação, de independência presumida, na verdade forjou outra mulher jamais imaginada.

Ao se libertar do jugo masculino, ao se livrar do controle familiar, Miss Cy simboliza a mulher moderna que sacrifica a juventude na ânsia de liberdade, afirmação amorosa e independência sexual. Aprendeu viver o dia a dia, ainda que de modo fugaz e suicida. Carpe Diem. O Correio Paulistano noticiou:

NOTA DE FALECIMENTO

Senhora Cy

Faleceu ontem nesta Capital a Exma. Sra. Cy, há dias casada com nosso distinto colega de imprensa, ex-companheiro de redação, bacharelando Oswald de Andrade. A extinta contava apenas 18 anos de idade, enteada do Sr. José Inácio da Costa, lavrador em Cravinhos, cursava com brilhantismo o último ano da Escola Normal desta Capital. Recomendava-se entre amigas e colegas pelos excelentes dotes de espírito e coração. Sentindo agravar-se ultimamente o seu estado de saúde, apressou o seu casamento, vindo, apesar de todos os cuidados médicos, a falecer uma semana apenas após o matrimônio. Ao seu enterro, que saiu ontem mesmo para a Necrópole da Consolação, compareceu grande número de pessoas, entre as quais professores e alunos da Escola Normal. Dentre as coroas depositadas sobre o féretro, notamos as que traziam as dedicatórias: A Cy, o teu pobre Miramar; A querida filha, a bênção de José e Guilhermina; A querida neta o último beijo da vovó; A Cy, saudades de Ferrignac e Edmundo; A estimada Cy, saudades das colegas da Escola Normal; A boa Cy, saudades da professora Rosina Soares; Saudades de Jeca Tatu e senhora; A Cy, saudades de seus padrinhos Guy e Angelina; A boa Cy, homenagem das colegas do 4º ano; A boa amiguinha Cy, saudades de Cornélio Procópio; A cara sobrinha, a família Nogueira de Andrade; A Cy, homenagem de Francisco Rangel; A Cy, saudades de Rao; Último adeus de Dadá; O Amor de Horussan e Toyô.



A deglutição de Toyô

*Quia peccavi nimis cogitatione, verbo, et opere:
mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.*

De volta de Cravinhos, desfaço o puteiro da Rua Líbero Badaró. Numa carta roxa, ela exige tudo - a almofada verde, a almofada peluda, a pele de tamanduá que estava na parede sob um florete, o meu retrato, o reposteiro claro, os tapetes macios e os Di e Malfatti que possuo.

Num trecho literário que conservo, talvez dos seus quinze anos, ela narra que *numa tarde de novembro* assistiu à morte de Cy, *uma linda criança de 17 anos!*, junto a *úmidas violetas*.

Minha vida oficializa-se com Cy. Facilmente promovo a sua vinda de Cravinhos para a Capital. Coloco-a morando com a avó numa casa da Rua Santa Madalena, no Paraíso. Cy está em São Paulo com a avó, uma horrenda portuguesa gorda que me põe para fora da casa da Rua Santa Madalena, pontualmente, às dez e meia da noite.

Cy é ainda fugidia, mas melhorou muito dos anos esquisitos do começo. Conto certo casar-me com ela.

Numa manhã doirada da cidade, encontro Cy na Rua 15 de novembro esquina com Largo do Tesouro. Despedimo-nos depois de ligeira conversa. Olho para trás e vejo seu chapéu flutuar descendo a Rua 15 de novembro. Sigo-a sem saber até hoje por que. Ela atravessa a Praça Antônio Prado, desce a Avenida São

João, envereda pela Rua Anhangabaú por debaixo do Viaduto Santa Ifigênia. Acompanho-a de perto, agora interessado. Ela pára à porta de uma das casas amarelas e iguais que defrontam o Cassino Antártica. Esbarra num moço que vem saindo. Entra sem olhar para trás. Eu abordo o moço e pergunto quem mora ali. *É uma pensão de rapazes.* Vejo o roteiro de minha absurda desgraça. Cy é visgo puro. Não tenho a coragem de romper. Ela também não explica nada, não conta, não se defende.

Em junho, ela me diz que está grávida. De quem? Não pergunto. Ela não fala. Concordamos no aborto. Inicialmente, ela toma uma droga horrenda que não produz efeito. Na casinha da Rua Santa Madalena passa-se um drama.

Pela manhã conduzo-a a Rua da Glória, à casa da parteira alemã que fez Nonê nascer. Ela entra comigo na Igreja dos Remédios, à Praça João Mendes, que foi hoje demolida. Anita Malfattí conta-me depois que nos viu nessa hora decisiva, sem perceber, evidentemente, o que se passava. Espero-a, enquanto se passa num quarto a rápida operação. Levo-a para casa. À tarde, dores. A noite hemorrágica se entragica. Pela manhã, procuro médico. É o meu amigo Briquet quem a faz transportar imediatamente para a Casa de Saúde Matarazzo.

Penso que, depois da raspagem feita, tudo se normalize. Venho pela alameda que conduz ao hospital lendo um matutino quando esbarro com Briquet. Ele para e me avisa que o caso se complicou. Será preciso fazer histerectomia.

- Que é isso?

- A extirpação do útero.

Noites hospitalares que nunca mais se apagarão de minha lembrança. As minhas trágicas vigílias se sucedem. Faço vir de Cravinhos, apressadamente, a mãe e o padrasto. O mal atingiu os pulmões. Ela está tísica. Procuro avidamente Jeca Tatu, que me arranja uma casa em São José dos Campos. Saio como um louco

para comprar uma cadeira de rodas. E penso chorando que o ideal de muita vida pode ser uma cadeira de rodas.

Soluoço alto nos corredores do escritório de meu amigo Vicente Rao. Uma crise me deixa à noite semidoido. O Dr. Briquet está no Teatro Municipal. Num dos intervalos penetro na plateia. Estou no meu pijama de alamares. O médico me vê. Levanta-se e me acompanha.

Caso-me *in extremis*. Separação de bens. Inutilmente. Dei mais do que tinha aos seus. O casamento se realizou a 11 de agosto. Alguns amigos. Guilherme, Ferrignac, Jeca Tatu. Duas cestas de flores, cujos esqueletos de palha conservo durante anos. O sorriso magoado de Miss Cy. Ela ciciza nos travesseiros: – *Que pena!* O resto... É a agonia e a morte numa fria madrugada de hospital. A 24 de agosto. Esfacela-se meu sonho.

Sinto-me só, perdido na imensa noite de orfandade. A amada que me deu a vida partiu sem me dizer adeus. A francesa que trouxe de Paris veio buscar o dinheiro para outro homem. Landa, que foi o primeiro sonho vivo que me ofuscou, tornou-se a estátua de sal da lenda bíblica. Olhou para o passado. Isadora Duncan estrondou como um raio e passou. A que encontrei, enfim, para ser toda minha, meu ciúme matou. Estou só e a vida vai custar a reflorir. Estou só.

A moça japonesa Toyô, que Cy contratara para a casa da Rua Santa Madalena, passara-se depois da morte para a casa da Rua 13 de Maio, onde estão meus sogros e donde saiu o enterro. Toiô dera uma echarpe a Cy, com um desenho erótico, trazida do Japão. Vem às vezes à minha garçonnière. Toma a chave, entra. Eu choro sempre quando a vejo na rápida visita de saudade comum. Saio uma tarde. Volto. Encontro-a despida no meu leito. Não há equívoco possível. Atiro-me como um mendigo para a esmola de um pão. (Sob as ordens de mamãe)



A mítica ninfeta Cy-Pagu

*Sei que ela está em casa de Coelho Neto.
Chamo pelo telefone o bestalhão máximo da nossa literatura.*

Certa noite Miramar conheceu uma jovem normalista de tenra idade que atendia pelo nome de Cy. A Lolita foi ardilosamente mimada por Miramar, acariciada com pentes e escovas que alisavam os cabelos compridos até a cintura, cremes e óleos que faziam o corpo sedoso, perfumada com colônia francesa.

Como se houvessem combinado, todos se reuniam para assistir ao ritual da toalete da ninfeta. As unhas dos pés e das mãos eram pintadas com tinta dourada. Cy maquiava seus olhos com pesadas sombras em redor, que ressaltavam ao extremo as olheiras roxas naturais. Essa tonalidade contrastava com a palidez amarelo-limão do rosto de uma Cy que, empertigada com altivez de uma deusa, recebia tudo como dádiva extraterrestre.

Houve acalorada discussão sobre a cor dos lábios. A plateia opinou com as cores do arco-íris. Eu optei pelo preto e venci, mas os lábios receberam sobrecarga de vermelho-chinês. Mais de uma vez assisti ao enfeite dessa deusa adotiva.

Miramar, meu solteirão. Estou em casa, desoladíssima, prezíssima, com 28 correntes, correndo 28 vezes o quarto pra não engordar. Quero estar assim magérrima, expondo as costelas sob a pele, como meu Miramar gosta.

O papai não decide nada. Quer o seu casamento comigo, mas diz que só posso ver o Miramar no dia. Ele me disse muita coisa má de você: eu não acreditei só porque você disse para eu não acreditar. Você é que vai me dizer tudo, não é? Não pude falar com você. Espero o papai sair e ficarei só.

Quero somente você ao meu lado para dar o primeiro beijo em sua Cy, que está completamente depilada em alvura celestial. Você foi tão bom... tão bom... para mim. Passar mais uns dias com todo o carinho de você, bem perto da sua bocetinha adorada.

Se eu morrer você pode ficar com Cy? Eu queria que você ficasse com ela. Se não for assim eu prefiro que ela não viva. Você verá Cy pequenina e depois nunca mais, nem ela nem eu...

A Cy, ela sozinha, basta para encher um ambiente intelectual de homens do quanto ele precisa de feminino, para sua alegria e seu encanto. Os visitantes da garçonnière sentiam-se atraídos pela feminilidade esquisita da jovem de forte e excêntrica personalidade. Sintomáticos eram seus apelidos: além de Miss Tufão, Miss Zéfiro, Miss Terremoto, Miss Furacão, Miss Puticar, Miss Ciclone.

A Cy era tudo isso junto.

Quando ela chegava à garçonnière, encontrava o ambiente cheio, som de vozerio, enfumaçado, copos nas mãos, música clássica tocando, odor de absinto e perfume francês. A reunião estava animada, mas fazia-se silêncio para os cumprimentos de praxe.

Depois de beijar cada um dos convivas, Miss Cy atravessava o tapete vermelho em direção ao quarto. Juntos esperavam ansiosos a brilhante e divinal *reentrance*, que surpreendia a todos, como um foguete espacial que retornasse do espaço sideral.

Então, as portas do quarto se abriam, Miss Cy pairava alguns segundos sob o portal, em pose clássica:

- * sobre os cabelos trazia um chapéu de veludo negro com penas de avestruz;
- * na piteira longa e dourada entre os dedos, um cigarro exalava fumaça azul de odor peculiar;
- * dos lábios reluzia o batom lilás;
- * apenas duas peças de lingerie transparente vestiam o corpo alvo;
- * os bicos túrgidos dos seios flutuavam no ar;
- * no umbigo resplandia uma joia dourada com um rubi no centro;
- * a calcinha de véu, justa, retinha todos os olhares, mas não os tufo de pentelho negro que espraíavam pela lateral;
- * da cinta finíssima pendiam duas ligas que esticavam meias de nylon clássicas até o meio das coxas;
- * sapatos de saltos de altura incomum equilibravam os pés de dedos longos e unhas em vermelho sangue.

Aplausos. Só então Miss Cy flutuava pelo salão, abraçando, beijando e acariciando a todos, até aportar nos braços enormes de Miramar... [Plagiado de O antropófago Miramar de Andrade, Manchete, 14 out. 1967].



Bis

Certa noite Miramar conheceu uma jovem normalista de tenra idade que atendia pelo nome de Pagu. A Lolita foi ardilosamente mimada por Miramar, acariciada com pentes que lhe alisavam os cabelos que caíam até a cintura, cremes e óleos que faziam o corpo sedoso, perfumada com colônia francesa.

Como se houvessem combinado, todos se reuniam para assistir ao ritual da toalete da ninfeta. As unhas dos pés e das mãos eram pintadas com tinta dourada. Pagu maquiava seus olhos com pesadas sombras em redor, que ressaltavam ao extremo as olheiras roxas naturais. Essa tonalidade contrastava com a palidez amarelo-limão do rosto de uma Pagu que, empertigada com altivez de uma deusa, recebia tudo como dádiva extraterrestre.

Houve acalorada discussão sobre a cor dos lábios. A plateia opinou com as cores do arco-íris. Eu optei pelo preto e venci, mas os lábios receberam sobrecarga de vermelho-chinês. Mais de uma vez assisti ao enfeite dessa deusa adotiva.

Jacaré, meu solteirão. Estou em casa, desoladíssima, prezíssima, com 28 correntes, correndo 28 vezes o quarto pra não engordar. Quero estar assim magérrima, expondo as costelas sob a pele, como meu Jacaré gosta.

O papai não decide nada. Quer o seu casamento comigo, mas diz que só posso ver o jacaré no dia. Ele me disse muita coisa má de você: eu não acreditei só porque você disse para eu não acreditar. Você é que vai me dizer tudo, não é? Não pude falar com você. Espero o papai sair e ficarei só.

Quero somente você ao meu lado para dar o primeiro beijo em sua Paguzinha, que está completamente depilada em alvura celestial. Você foi tão bom... tão bom... para mim. Passar mais uns dias com todo o carinho de você, bem perto da sua bocetinha adorada.

Se eu morrer v. pode ficar com Paguzinha? Eu queria que você ficasse com ela. Se não for assim eu prefiro que ela não viva. Você verá Paguzinha pequenina e depois nunca mais, nem ela nem eu...

A Pagu, ela sozinha, basta para encher um ambiente intelectual de homens do quanto ele precisa de feminino, para sua alegria e seu encanto. Os visitantes da garçonnière sentiam-se atraídos pela feminilidade esquisita da jovem de forte e excêntrica personalidade.

Sintomáticos eram seus apelidos: além de Paguzinha, Pagu Zéfiro, Pagu Terremoto, Pagu Furacão, Pagu Lênin, Pagu Cíclica. A Pagu era tudo isso junto.

Mas não dava pra ser a francezona devassa que Cy encarnava, muito menos se apresentar como rainha dos garotos do Brás, Bexiga e Barra Funda...



Matéria recuperada da Internet

Paradoxo para uso interno:

-A mulher é a costela de Adão, o sopro de Deus e a saudade da Serpente. (JB)

-... ou a saudade de Deus, o sopro de Adão e a costela da Serpente. (M)

-O perigo do engasgo de Adão não foi ter sido com a maçã e sim com a própria costela. (M)

- A Cy é a quarta virtude teologal. (CV)

- É o pecado imortal. (M)

- Os beijos da Cy descendem em linha reta e sempre varonil dos beijos de Lucrecia. (J)

- Os abraços dos abraços do tamanduá na parede. (M)

- Miss Cy, meu Vermute Cinzano dos ágapes pinianos... (J)

- Lagarta rosada do meu algodoeiro! (M)

- Jeca Tatu dos opilados! (J)

- Cy é o pirão deste menu. (M)

- Pensamento inconfessável de Cy: Às meias luzes eu prefiro as meias de seda. (M)

- Madrigal itaporanguense: O fogo da mulher amada não queima, ilumina. (M)

- Decididamente, este covil sem Cy é inútil como um gramofone sem discos. (V)

- O covil sem a Cy... eu preferia, no entanto, a Cy sem o covil. (M)

- A mão real d'unhas perfeitas da Cy é o resultado de cinco séculos de ociosidade (isto já disse Balzac). (V)

- Cy voltou! No grande olhar desfalecido traz a vermelhidão tragicômica de velhas noites de libertinagem... (K)

- Cy voltou! Musa *gavroche* do vício ligeiro... (V)

- Cy voltou! No vulto desmoronado do Brás-Montmartre, das noites rubras da *Boite-à-Fursy*... *Lucie-la-Pompe* dos trottoirs lamacentos da Avenida Celso Garcia! Juliette Roux do Gasômetro! Nunca mais assim.

- Cy não vem. De sua última visita, tumultuosa, incoerente, vazia, me ficou a última frase: - Não acredites mais num homem para que não fiques sabendo que existe mais um cão sobre a terra.

- Cy, minha carrocinha! (G)

- Esse é o meu guia e espião: arranjei um namorado japonês que possui o lindo nome de Haru-san (sobrinho de cônsul japonês), vê que sorte! (Cy)

- Há dias que um opilado de bigodinho amola o Fiori com perguntas sobre o Nhacio e o otra moço. Não há dúvidas, é o japonês da Cy. (G)

- O Oswald me fez esta revelação: a Cy contratou o Spencer Vampré para traduzir as doçuras amorosas do amarelinho. (JB)

- Sabes por que a Cy se casa com japonês? Porque gosta de amar eles. (G)

- A Cy escreveu que ela é a esfinge do Brás; o japonês é a oitava praga d'aquela Egito. (H)

- Chego toda atarefada no casaco d'inverno, busco em toda esta esplêndida garçonnière os vultos amigos dos meus rapazes. Mas qual, nem um sequer a quem dar um beijo rápido de chegada. Muito grata, meus queridos pelo lindo presente. Estou com febre 38 ½!! (não se assustem). Até 3ª feira às 11 horas; aprontem o almoço à Trianon que virei passar aqui toda a matinê. Perdoem. - Estou com uma dor de dentes! (Cy)

- Chego ainda a tempo de vê-la galgar ligeira o estribo poeirento de um bonde e mergulhar, com a lentidão do monstro de ferro, nesse abismo brumoso da várzea que faz supor, para lá, no bastidor do crime das vielas, a existência de romance em que ela se obstina. Com uma timidez de *potache*, murmurei-lhe entre os dentes um bom dia idiota. Ela nem sorriu nem olhou. Partiu... Pela primeira vez, percebi uma coisa séria - que ela me faz falta. (M)

- Toda a psicologia complicada de uma mulher está num efeito de má ótica - elas dão grande valor às coisas mínimas e com isso nos contrariam e às vezes nos assombram; às coisas realmente grandes dão o valor mínimo e por isso nos perdem. (G)

- A minha vida é assim: eu começo a fumar, você acaba... (G)

- Cy disse que estava aqui as dez, é mentira. Até logo! Já volto. (G)

- Garoa chegou de chapéu trocado e ar esbugalhado. Nova aventura. (V)

- Cheguei cá às 9 horas: ninguém. Telefonei para a Gazeta a perguntar por M: - Ainda não chegou? perguntei... anda

gazeteando não?... e responderam-me: - Sim senhora, ele escreve na Gazeta! (Cy)

- Versos da Cy: Eu sou como a cobra cascavé! Sou tratada a pontapé! (Cy)

- A mulher não é nem o que quer. (Cy)

- Precisamos acabar este livro. Precisamos - Por quê? Porque precisamos. O Fiori subiu o aluguel do quarto. Agora é 280\$000 - um terno no Carnicelli. Vamos nos mudar, sim. Para onde? Na casa do conde. Do de Prates? Seja. A Pira desistiu. O Metropol faliu? Faliu. (M)

- A Cy foi-se embora. / Estou triste, M chora, / Ferrignac resiste / O Leo insiste: / Foi embora? / Viruta: ora! (G)

- Eu não ficarei lá. Voltarei dentro de um mês. Naturalmente ficarei o resto de agosto. Quero que me escrevas para lá. (Cravinhos - Caixa do Correio 19. Ao cuidado do Snr. Ignácio da Costa). Eu responderei para a Gazeta, porque o nosso retiro já é conhecido deles. Caso possa te telegrafarei da 1ª estação. Guarda as memórias contigo. Adeus. Beija a cabeça da pobre (Cy).

-... e o livro se fecha silenciosamente, com a prestigiosa atração das cousas silenciosas: *mon silence est ma force...* (M)

- E tanta vida, bem vivida, se acabou. (Cy)



Pagu e o crápula Miramar

Nesta data contrataram casamento a jovem amorosa Pagu e o crápula forte Miramar. Foi diante do túmulo do cemitério da Consolação, à Rua 17, nº 17, com as bênçãos do espírito de Miss Cy, que assumiram o heroico compromisso. Na luta imensa que sustentam pela vitória da poesia e do estômago, foi o grande passo prenunciador, foi o desafio máximo. Depois se retrataram diante de uma igreja. Cumpriu-se o milagre. Agora sim, o mundo pode desabar.

A escandalosa normalista reencarnou para acordar o sátiro adormecido. Era ela. A mesma que tínhamos perdido faz 10 anos, desossada, corpo mutilado, dentes cariados, o seio esquerdo murcho, atirada na Rua 17, Quadra 17, do Campo da Consolação. Usando a tradicional saia azul e blusa branca das normalistas, a nova musa de cabelos negros, lisos, soltos até a cintura e lábios cobertos por batom escuro, gostava de provocar os alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco com trejeitos de puta francesa. Uma menina frágil, bonita, sempre maquiada com exagerada base amarela para contrastar com a boca lilás, argolas indígenas penduradas na ponta das orelhas, cabelos desgrehados pelo vento.

A turma entrava na dela soltando piadas, dizendo gracinhas sobre as pernas roliças, a bunda arrebitada, mas Pagu não se fazia de sonsa, respondia à altura, sem papas na língua. A contestação era cheia de reprimendas, ataques entremeados com muitos

palavrões, expressões chulas e desabusadas. Escândalos. Escândalos.

Também ela saía para caçada aos rapazes mais bonitos e atrevidos que os alunos da Faculdade de Direito. Gente do povo, desconhecido, empregado de lojas ou operário das fábricas do Brás. Depois, de tardinha, passava na redação do Jornal do Brás onde escrevia a matéria que seria publicada no dia seguinte. 16 anos e já escrevendo de igual para igual com jovens jornalistas. Fechada a redação ela saía com os colegas ao encontro de artistas e intelectuais nos bares de Alameda Barão de Piracicaba. Dali era um pulo para o casarão de Miramar na mesma rua, onde as festas rolavam até o sol raiar, capitaneadas pela turma da Semana de Arte Moderna, tendo Tarsila à frente.

Miramar quando viu a ninfeta de 16 anos não pensou em outra coisa: era a própria Cy reencarnada – ou uma nova musa para suas aventuras. Induzida por Miramar, Tarsila amadrinha a novidade e passa a tratá-la como ícone, talismã para todas as apresentações extravagantes do casal. Embonecada como uma musa do teatro chinês, Pagu era a mascote da Antropofagia que emprenhava o ventre pançudo de Miramar, para se livrar do passado modernista.

A menina tem veia: escreve, desenha ilustrações, pinta e tem um ideário político brotando na cabecinha imatura. É o terreno virgem que foi atirado aos pés de Miramar para que fosse cultivado, semeado e desse fruto. Ademais demonstra uma sensualidade mais exacerbada que a esquecida Cy quando, diante de Miramar e não sei quantos mais convivas, ela cruza as pernas lentamente, para que todos possam ver os pentelhos negros escorrendo pelas coxas. Não é mais menina não, é gente grande.

Tarsila, Miramar e Pagu Fazem um trio que perambula e frequentam os salões, as exposições, os grandes acontecimentos de São Paulo – quando tudo termina o trio frequenta a mesma cama. Se os acontecimentos se deslocam para o Rio de Janeiro, o trio

viaja junto, dá entrevistas, escreve nos jornais cariocas. A presença da nova musa ofusca parcialmente o casal Miramar.

Sempre rodeada de jornalistas, fotógrafos e admiradores, Pagu, localizada à distância pelo fumo azul que sobe do cigarro sempre aceso na boca lilás e pelos cabelos coloridos em erupção, não esconde os bicos dos seios eriçados, que furam a blusa diáfana desabotoada até a cintura. Tarsila aceita a situação com frieza. Cuida de si, de promover sua arte, afasta-se do burburinho que Pagu, sempre pajeada por Miramar, provoca diante dos holofotes.

Miramar ouve o rugido da leoa e manda o recado:

Se o lar de Tarsila
vacila
é por causa
do angu
de Pagu.

Os dados estão lançados. Todo mundo já oficializa a separação do casal Miramar, Bopp faz um longo e belo poema, mas a nova musa tem 16 anos, está grávida e aborta, mas não entra em desespero. Logo, logo encontra a solução:

Miramar, meu solteirão, estou em casa, desoladíssima, prezíssima, com 28 correntes fazendo 28 vezes o quarto pra não engordar. O papai não decide nada. Quer o seu casamento comigo, mas diz que só posso ver o Miramar no dia. Ele me disse muita coisa má de você: eu não acreditei só porque você disse para eu não acreditar. Você é que vai me dizer tudo, não é? Não pude falar com você. Espero o papai e ficarei só. Quero somente você ao meu lado para dar o primeiro beijo em Paguzinha. Você foi tão bom... tão bom... para mim. Passar mais uns dias com todo o carinho de você... Perto da sua menininha adorada. Se eu morrer v. pode ficar com Paguzinha? Eu queria que você ficasse com ela. Se não for assim eu prefiro que ela não viva. Você verá Paguzinha pequenina e depois nunca mais, nem ela nem eu... Eu amo demais. Serei como Alma, uma lembrança. Você não esqueceu da

cançãozinha de jacarés? O Antenor deu o nome do advogado a papai e contou uma história de casamento forjado. Foi você que mandou? Que pena o carnaval tão perto. Eu desesperada e só. Quando é que você liberta a pobre prisioneira? Miramar, benzinho querido. E se fosse assim – e se eu me fizesse tua esposa numa tolice bonita e se num deslumbramento eu me envolvesse nessa ideia de ter um larzinho contigo?

O gigante Miramar nunca foi de rejeitar parada! Ademais, era uma situação que se encaixava direitinho no seu jeito antropofágico de ser. E no dia 5 de janeiro, no novo diário que a parelha tinha inventado, Miramar anuncia:

Nesta data contrataram casamento a jovem amorosa Pagu e o crápula forte Miramar. Foi diante do túmulo do cemitério da Consolação, à rua 17, n. 17, com as bênçãos do espírito de Miss Cy, que assumiram o heroico compromisso. Na luta imensa que sustentam pela vitória da poesia e do estômago, foi o grande passo prenunciador, foi o desafio máximo. Depois se retrataram diante de uma igreja. Cumpriu-se o milagre. Agora sim, o mundo pode desabar.



Sob as ordens de Momo

Corre o ano de 1921. Miss Cy é apenas uma vaga lembrança. São Paulo se agita com os alegres rapazes que vão e veem da Europa, trazendo novidades artísticas e estéticas. As reuniões se amiúdam para mexer com a metrópole que aos olhos não é mais cidadezinha do interior.

São Paulo cresce, se moderniza, enche a pança de progresso e cristais da boemia, trazidos pela riqueza dos cafezais. A eletricidade a transforma em cidade luz, move os bondes em maior velocidade, sem, no entanto avançar nas artes, senão em episódios isolados. Entrementes, Manú anunciava o livro de poesia Carnaval...

Juca Mulato, na revista Papel e Tinta (nº 1, São Paulo, maio de 1920), com vistas ao futurismo, já divulgava esse tom otimista: Uma rajada de energia conduziu o braço rural às zonas fecundas do sertão, já axadrezadas pelos trilhos das estradas de ferro e de rodagem; as cidades densas de uma população ávida de trabalho tornaram-se centros febricitantes de progresso e de riqueza.

Entre a publicidade de produtos importantes – os automóveis Chevrolet, o Lança-Perfume Pierrô, os produtos Cruzwaldina, Sabonetes Gessy, Phebo e Lever – os autôfalantes dos rádios e dos postes das ruas populares esgoelam as músicas que estão sendo cantadas para o Carnaval, no mês de fevereiro que se aproxima célere: Adeus Morena, Largue o Bode, Peixinho do Mar, Mimosa e outras.

É fevereiro e é Carnaval. Os corsos se fazem nos carros, nos caminhões, nas carretas rurais puxadas a trator. Os bondes andam a baixa velocidade porque estão com as passagens liberadas: andam sempre lotados, passageiros dependuradas nos estribos pegam e saltam com o veículo andando, pois até mesmo as paradas estão liberadas.

Durante toda a semana tudo se concentra nas estripulias que reinam na cidade governada pelo Rei Momo. Serpentina, lança-perfume, confete, se espalham pela cidade nas mãos dos foliões. Até mesmo as famosas bisnagas cheias de líquido desconhecido e nem sempre cheiroso – que a polícia dos bons costumes proíbe nos festejos – aparecem clandestinamente tirando do sério as senhoritas e cavalheiros que desfilam nos conversíveis importados.

Os rapazes da extinta garçonnière também são filhos de Deus, e têm pleno direito de se perderem em extravagâncias amorais sob a bênção dos Reis Momo e Baco, que nesses dias andam abraçados como irmãos. No dia seguinte não será só a ressaca mal curada a companhia da trupe: também os colunistas dos jornais estão de olho na bagunça que corre na dita sociedade paulistana.

É nesse catecismo que o cronista social reza e não se calará, fustigando com falsas intrigas, fantasias e fofocas, divulgadas apenas para promover os amigos.

Neste caso, o colunista que assina sob o pseudônimo de Hélios, não é outro senão Juca Mulato, também frequentador do lupanar da Rua Líbero Badaró e fã de Miss Cy.

CRÔNICA SOCIAL

Na sua Cadillac agressiva vi ontem no curso Oswald de Andrade vestido de Pierrô... Mariscava gênios entre os laços de serpentinas, mas o seu disfarce mal traía no brilhante literato o homem de negócios, o sibarita das tresnoites arrogantes, com que anda a achatar a sonhadora pobreza dos seus irmãos de arte. Tive a exata sensação de estar prensado debaixo de um dos pneumáticos dessa tremenda máquina, que arriava toda a carroceria ao peso do seu corpo. E, como umaseta de epigrama, ervada na cicuta da minha inveja, espetei-o de resvalo, fisingando-lhe a epiderme com esta coisa irreverente:

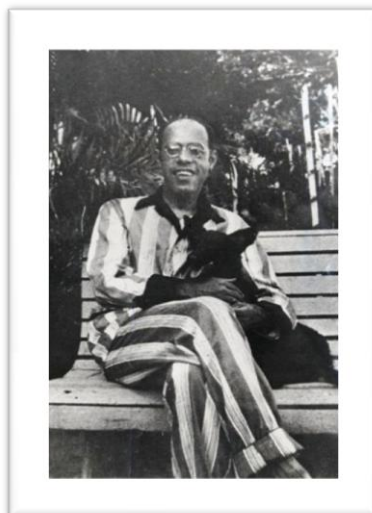
Oswaldo, por aí se rosna,
Com um sorrisinho velhaco,
Que tens uma alma de losna,
Dentro de um corpo de Baco.

A dicacidade passou-me quando, atrás desse auto, vi longe, nazocolado, vestido de físico, Mário de Andrade, que com um seringão enorme recheado de 921 queria curar Pery. Atrás vinha Jeca Tatu de narizinho arrebitado, franzindo as touceiras das sobancelhas, indignado com o Sr. Leo Vaz, o qual, travestido de mestre-escola de Ararucá, arrastava pela correntinha um cachorro, a cuja cauda os moleques haviam dependurado uma lata de gasolina.

Num conversível rebrilhante, de capota arriada, Amadeu Amaral passava, braços nus, tendo no punho uma pulseira de ferro. Guilherme de Almeida, vestido de freira, tinha uma comovente expressão de uma Soror Dolorosa... Waldomiro Silveira passou, dirigindo um Zé Pereira de caboclos, a cuja frente Martins Fontes dançava à moda das huris de Granada. René Thiollier, muito elegante nos seus trajes de Almaviva, dava o braço a Arthur Cerqueira Mendes, que encarnava a fidalga e frágil figura de Colombina. Cyro Costa estava adorável nas vestes de Mãe-Preta, com os braços titilantes de amuletos da Guiné, missangas e armilas. Lindo!

Vestido de Sansão, membrudo, cenho duro, a pompear absalônica cabeleira, Raul Pollilo discutia sobre arte retrospectiva com João Graz. Falavam numa língua mista franco-brasileira, intervindo nessa ocasião o Dr. Virgílio Nascimento, que estava fantasiado de Nick Winther. José Lannes, bancando o Volonine, dançava a Sharazade, berrando: Qual! Esta vida é vana! Fechando o préstito que Mário de Andrade, fuzilando chispas pelos óculos, achava arlequinal!, vinham numa gôndola da Light, graciosamente cedida para tal fim, Brecheret, com a alma enrolada em músculos, e Pamplona, com o corpo enrolado em sonhos, a relembrares seus áureos dias de Milão e de Roma.

Por fim, Paim agitando seu lenço de alcobaça e a berrar: Fui eu quem fez as máscaras! O Carnaval me pertence! O que provocou sérios protestos do HÉLIOS. (Correio Paulistano, 07/02/1921).



Macunaíma cai do armário

O dia 18 junho de 2015 marca o fato de maior importância histórica na literatura brasileira: o esqueleto de Macunaíma rebolou com trejeitos de Carmem Miranda, sacudiu-se, tremelicou e com um indisfarçável *Ai!* desmunhecado caiu do armário.

O site <http://www.ebc.com.br/> (Akemi Nitahara) explica, na visão dos quase normais, como o fato se deu:

Uma carta delicada e elegante com mais de quatro páginas, datilografada, trocada entre dois amigos de letras, com confidências, um pouco de intriga e comentários profissionais. Assim é a carta enviada por Macunaíma, no dia 7 de abril de 1928, a Manú mantida sob sigilo a pedido da família de Macunaíma, cujo teor foi divulgado hoje.

Delicada e elegante... No entanto, o que se esperava da tal carta-bomba, na qual ele se confessava qualira, acabou se transformando numa bombinha que deu chabu. Esperava-se uma tremenda explosão, deu um traque... E por quê? Essa é fácil: é só dar uma olhada nas notícias que saíram, com todas as vírgulas e erres afetados:

Efetivamente, a carta de Macunaíma a Manú não acrescenta muito ao que já sabíamos. Que contraste! De um lado, uma grande

mente, que deu tanto para o país; do outro, cérebros de galinha, que estão fazendo de tudo para jogar o país no poço da mediocridade. Assim se pronunciou Roberto Carvalho de Magalhães em seu blog.

Não gosto do trabalho do Mário e na verdade de nenhum modernista da primeira geração do Brasil, mas o fato de confirmar algo que todos já sabiam não muda em nada a importância que ele teve para com as letras no Brasil. Afirmação da lavra de Reinaldo Queiroz.

Ana Prosini, (Site Brasil Post de 18/06/2015), ainda se surpreende com o permanente estado idade da pedra de Pindorama:

Que diferença faz para outros o fato de alguém ser homossexual? Não entendo...

O novelista Aguinaldo Silva fala a seu jeito e modo: *Agora, quanto à carta em que Mário afinal põe o pescoço pra fora do armário e abre o jogo para Manoel (1) Bandeira, bem... Parece que há um complô, iniciado pelo poeta a quem foi dirigida a missiva há quase 70 anos, para que o conteúdo dela não seja revelado... Complô do qual participou a Fundação Casa de Ruy Barbosa, a quem o acervo de Bandeira foi doado, com o apoio dos parentes de Mário, os quais parecem considerar que tal revelação, ainda mais escrita do próprio punho (2), seria prejudicial à imagem do príncipe (3) do modernismo. Não, eu não sei se alguém vai ganhar alguma coisa com isso. Talvez apenas os herdeiros dos direitos autorais dos livros de Mário - embora sejam contra a abertura da carta -, pois, por conta deste súbito interesse em relação à sexualidade do parente, certamente durante algum tempo ele venderá mais livros.* (Site Aguinaldo Silva Digital em 16/06/2015).

Não deixa de ser interessante o pensamento de Aguinaldo Silva, mas não houve complô de nenhuma das instituições a que se referiu, não. Se a família de Macunaíma pediu sigilo é porque

entendia que era assunto privativo, não público. Ao final da carta Macunaíma diz:

Eis aí os pensamentos jogados no papel sem conclusão nem consequência. Faça deles o que quiser.

E, fazendo o que quis, Manú resolveu preservar.

Observações à nota de Aguinaldo Silva: (1) Manuel; (2) A carta é datilografada, não manuscrita; 3-Príncipe? Isso é coisa de viado: um dos objetivos do Modernismo era acabar com *Príncipes* e *Reis*. Macunaíma nunca foi príncipe de porra nenhuma. Será referência a O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry, que também era gay - o Príncipe, não o Antoine?

Trama secreta, terrorismo, bomba, segredo - ficou claro que no episódio isso não existiu senão em nossa mente depauperada. Basta ler o próprio texto que Macunaíma escreveu para ter essa certeza.

Vejamos o texto censurado da carta:

Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto.

Pronto. Num único parágrafo está tudo esclarecido: à época (1928) todo mundo já sabia que Macunaíma era bichona.

Mas em que podia ajuntar em grandeza ou melhoria pra nós ambos, pra você, ou pra mim, comentarmos e eu elucidar você sobre minha tão falada (pelos outros) homossexualidade? Em nada.

Como de fato sucedeu: passados mais de sessenta anos do ineditismo do texto, a divulgação da tão mal falada carta em nada acrescentou, em nada desmereceu, nem na obra, nem na biografia, nem na importância de Macunaíma.

Valia de alguma coisa eu mostrar um muito de exagero que há nessas contínuas conversas sociais? Não adiantava nada pra você que não é indivíduo de intrigas sociais. Pra você me defender dos outros? Não adiantava nada pra mim porque em toda vida tem duas vidas, a social e a particular, na particular isso só me interessa a mim e na social você não conseguia evitar a socialização absolutamente desprezível duma verdade inicial.

Neste momento se nota que toda aquela fofoca que ocorria à época de Macunaíma, se saísse dos salões de dança ou das exposições, o tema serviria apenas para ilações, para tecer urdiduras misteriosas, forjicar e maquinar entrelaçamentos literários, como de fato se deu com o espada Miramar de Andrade.

Quanto a mim pessoalmente, num caso tão decisivo para a minha vida particular como isso é, creio que você está seguro que um indivíduo estudioso e observador como eu, ha-de estar bem inteirado do assunto, ha-de tê-lo bem catalogado e especificado, ha-de ter tudo normalizado em si, si é que posso me servir de normalizar neste caso.

Apesar do tom dramático da conversa com o amigo, Macunaíma não deixa que o fato consciente turve seus pensamentos e aqui faz uma gozação (se é que se pode falar de gozação) com o que se considera ‘normal’ ou ‘normalizado’ em nossa sociedade eternamente feudal.

Tanto mais Manú, que o ridículo dos socializadores da minha vida particular é enorme. Note as incongruências e contradições em que caem: o caso de Maria não é típico? Me dão todos os vícios que, por ignorância ou interesse de intriga, são por eles considerados ridículos e no entanto assim que fiz duma realidade penosa a Maria, não teve nenhum que não caçoasse falando que aquilo era idealização pra desencaminhar os que me acreditavam nem sei o quê, mas todos falaram que era fulana de tal.

Ou seja, em determinadas situações Macunaíma é espada, come as alunas de piano, circula vampiresco pelos bordéis da pauliceia; o outro lado da moeda mostra puritanos em ação, à espreita de um deslize, esperando o poeta se descuidar, para promover atentados à sua moral como faz o reles fofoqueiro Miramar de Andrade em artigo assinado com pseudônimo.

Mas si agora toco neste assunto em que me porto com absoluta e elegante discrição social, tão absoluta que sou incapaz de convidar um companheiro daqui, a sair sozinho comigo na rua (veja como eu tenho a minha vida mais regulada que máquina de precisão) e si saio com alguém é porque esse alguém me convida. Si toco no assunto, é porque só poderia tirar dele um argumento para explicar minhas amizades platônicas, só minhas.

Donde se denota que Macunaíma não saiu de um mero armário: tão cuidadoso era que escolheu para se trancar num Fort Knox.

Ah, Manú, disso só eu mesmo posso falar. E me deixe que ao menos pra você, com quem apesar das delicadezas da nossa amizade, sou de uma sinceridade absoluta, me deixe afirmar que não tenho nenhum sequestro não. Os sequestros num caso como este, onde o físico que é burro e nunca se esconde entra em linha de conta como argumento decisivo, os sequestros são impossíveis.

Sequestro, aqui, não se entenda como esse crime tão popular hoje em dia: a palavra *sequestro* é o mesmo *recalque* de que trata a psicanálise, segundo Sigmund Freud, cuja obra influenciou muito mais as artes do que a ciência – Macunaíma não foi exceção.

Eis aí os pensamentos jogados no papel sem conclusão nem consequência. Faça deles o que quiser.



Macunaíma na Parada Gay

Pelo menos agora, com a exibição do parágrafo expurgado da carta de Macunaíma, se pode estabelecer o cenário e labirintos para os quais caminhava o movimento modernista, sem perder a ebulição.

O movimento cultural de São Paulo fervia sob a efervescência das notícias que ecoavam da Europa – diga-se: Paris – onde as artes se lançavam no imprevisível mundo futurista. As ideias de Freud se disseminavam como fogo no capinzal, aumentando o fervor pelo universo desconhecido, emanado do inconsciente.

Nesse cenário deslumbrante sobressaem dois personagens em busca de um lugar de destaque no carro das alegorias: os *irmãos* Macunaíma e Miramar. Confetes, serpentinas, paetês. Ao redor dessas personagens avultam talentos em todas as ramificações artísticas. A pintura, a música, a escultura, lançam nomes até então desconhecidos que realçam o movimento modernista e ressaltam com fervor o nome do Brasil a nível internacional.

A sociedade paulista adere em peso a essa modernidade, formalizando a ligação direta com a Europa, onde seus filhos serão educados e preparados para a era industrial que finalmente se avizinha. E para aqueles que preferiram permanecer em São Paulo,

importam-se os melhores professores e mestres para preencher vagas nas modernas faculdades recém-inauguradas.

Mas será na literatura que essa efervescência se destacará: a literatura se faz com jornais, com livros, com notícias que chegam de imediato ao público e impactam mais fortemente os admiradores. Pois é na literatura que a batalha se fará entre os *irmãos* Andrade. No primeiro momento a vantagem estará a favor de Macunaíma, não só pela sua qualidade de sua poesia, mas também como romancista, não esbarrando nos limites desse cercado.

Macunaíma usará um de seus mais evidentes talentos: é um grande divulgador, capaz de gerar movimento, com ideias originais provoca reações inesperadas, fazendo o movimento avançar, dar impulso nos momentos de incerteza, mantendo permanente agitação. Se em algum momento ele percebe alguma fraqueza, logo procura agir para fomentar, levantar, mover as peças do xadrez da imaginação para manter vivo o seu movimento.

Está evidente, porém, que esse ideário terá limites, sua atividade dispersa pela grandeza a que se expande o movimento chegará a uma exaustão, logo será incapaz de a cada novo dia suscitar conceitos, empreender novas ações, os pensamentos e reflexões serão rebatidos, os exageros serão combatidos, serão denegridas as concepções inovadoras e por fim novos ideários assumirão os planos, o novo enterrará o velho. O pregador do novo evangelho será o *irmão* Miramar...

A partir de então, o modernismo de Macunaíma segmentou-se, deu alguns passos à frente para esbarrar na Antropofagia. Dessa vez é o talento de Miramar que assoma no cenário, a estética muda de rumo: agora é tempo do escracho, alimentar as fantasias, eclipsar os conceitos até então vigentes, evacuar as mentalidades.

É muita *vaidrade* pra pouco palco. A fogueira das vaidades eleva as flamas além da estratosfera. Mas algo se deve reconhecer em Miramar: o talento em sua pluralidade. É provável que a raiz

de toda essa sacanagem esteja num dia de 1928, quando Miramar leu o Manifesto Antropófago, na própria casa de Macunaíma! Daí em diante algo se rompeu. O Manifesto Antropófago saiu na Revista de Antropofagia, dirigida por Miramar, Cobra Norato e Antoninho. Macunaíma está fora.

O texto do Manifesto Antropofágico é de felicidade esmagadora e parece ter sido inspirado no Manifesto Martín Fierro (de nuestros hermanos argentinos), que o antenado Miramar conhecia bem. Nele não faltará um trem cheio das imaginações: não será nave de quimeras, ao contrário, tudo será figurado, a antropofagia não terá base, mas bases. É um texto irritante, pesado, opressivo, angustiado, verdadeira contracepção do Futurismo, lançado na hora certa, quando a felicidade estética do Modernismo se exauria, deserto de ideias e de nomes.

Miramar, que em 1912 já tinha viajado a vários países da Europa: Itália, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, trouxe em sua imaginação o bonde elétrico, o rádio, a propaganda, o cinema. Por isso, no Manifesto Antropofágico as concepções não se limitam a fronteiras, as invenções e conceitos não têm regras, o crime, o ilegal serão efígies, a marginalidade será espelho, os reflexos serão instantâneos, fotografias sem negativo...

É certo que, como não existiria o Ateu se não houvesse Deus, o Movimento Antropofágico não existiria sem o pontapé inicial da Semana de Arte Moderna. Mas enquanto o Modernismo parou e perdeu a influência, o poder retornou ao eixo Rio-São Paulo, com algumas rebarbas estralando em Minas Gerais, ecoando por Recife, a Antropofagia escancarou as pernas como prostituta, se ofereceu para o Brasil e alhures - aceitando clandestinos da França e outros portugueses.

Em suma: o Modernismo, que era pra ser revolucionário, ficou bonitinho, pouco para uma cultura que avançava rápido demais, não importando se o destino fosse o paraíso ou o inferno. Miramar viu assomar à sua porta o imponderável de Almeida - o

seu manifesto colou! As adesões viajaram de todas as partes do país com um só destino: a Revista de Antropofagia.

É nas cartas que se vê a extensão do estrago. Macunaíma e Miramar bateram de frente, em alta velocidade. O desastre foi feio, principalmente pra Macunaíma, cuja sensibilidade – por quem é – vivia à flor da pele.

É que não acredito na amizade na extensão e profundidade em que você a concebe. Amizade: afinidade de inteligências, relação de inteligência. Não quero dizer que seja só isso, que deva ser só isso. Mas que seja, sobretudo, isso. Confiança? Como confiar em quem amanhã pode ser nosso inimigo? Tenhamos amigos, mas reflitamos: que são como nós carne fraca. Não os exponhamos a possivelmente mais tarde nos magoar.

Isso mostra completo desconhecimento do caráter de Miramar, que, encouraçado pela posição social que ocupa, se sente imunizado de direito, com liberdade para atacar a torto e a direito a quem quer que seja. Mas o seu alvo pretendido é mesmo Macunaíma – que nada fez para ser cultuado como líder do Movimento Modernista. Miramar, sim, foi o cabeça da rebelião, mas o reconhecimento não chegou a seus pés.

O que atrapalha tudo é essa história de modernismo. Que coisa pau! Parece uma putinha intrigante que apareceu pra desunir os amigos. Ninguém sabe definir essa merda, que todo mundo quer ser! Isso sempre me aporrinhou. Não tem a menor importância ser modernista!

Então é aquele viadão que rouba a cena, que é convidado a ocupar cargos, que ecoa em toda América Latina, USA e Europa, é aquele boiola que sofrerá a sua ofensa, com virulência massacrante e com o apoio dos que o cercam, seja por amizade, por devassidão, por vícios ou por amor ao dinheiro.

Não sei bem o que você quer dizer com o Miramar e eu termos embolado, mas nada sucedeu e da minha parte você sabe

que é impossível que suceda qualquer coisa entre nós. Minha força de vontade é mesmo pasmosa: esse ser não existe pra mim e vem dumas lonjuras tamanhas quando me falam dele que até me espanto. E graças a Deus, porque uma memória dessas você bem sabe que só poderá me fazer sofrer. E infelizmente sofrer pelo de quem se trata, não vale a pena.

Manú deve estar no céu, em lugar privilegiado, à mão direita de Deus, por ter aturado as danadices de uma bichona atacada com vilania por quem considerava amigo. Sente-se imprensado contra o muro ao assistir como que um reles drama de botequim. Vê nos rivais que ambos têm o mesmo objetivo. Macunaíma imagina meios de destruir Miramar: através de subterfúgios, quer massacrar Miramar, escrevinhação e falatório para denegrir Miramar.

Eu achava ótimo que você não perdesse nunca mais duas páginas de carta me falando no indivíduo com quem você jantou carneiro na Urca. Na verdade, jantou porco. Mas eu não tenho nada com isso, nem jamais nunca exigi dos meus amigos a mais mínima espécie de solidariedade com o único ódio que me depaupera e suja. Ódio, nem é bem ódio: será ódio apenas pela obrigação moral de odiar um indivíduo que se chafurdou nas maiores baixezas do insulto e da infâmia pessoal.

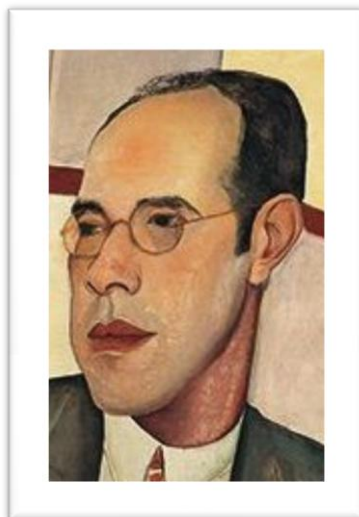
Se eu visse ele se afogando, acho que o meu impulso natural seria pegar num pau e dar pra ele se salvar. Mas logo, refletindo, eu percebia que devo odiar ele, e o pau me servia pra empurrar ele mais fundo na água bendita. Se trata dum indivíduo que é em toda a rica extensão da palavra ‘miserável’. Se trata de um miserável, e apenas. Nunca pensei, não leio ele, não falo, não quero, jamais quis saber dele.

O inverso também acontece: desta feita é Miramar que sonha como aniquilar Macunaíma: mesmo violentando seus princípios quer arruinar Macunaíma, garatuja mil diz-que-diz-que para infamar Macunaíma, até que a sociedade, saciada de informações negativas e abjetas o transforme num pária. Mas isso não acontece

- o inimigo dorme ao lado... Miramar e Macunaíma se tornam siameses.

Qualquer referência carinhosa ou saudosa ou odienta mesmo a um ser longe, traz a imagem consigo. A gente vê a pessoa referida ou pensada. Sou incapaz de imaginar o Raul Bopp, apesar da canalhice que ele fez comigo e eu não me dar mais com ele nem ter por ele a mais mínima ternura senão num dos aspectos mais bons, mais felizes em que ele me apareceu nos nossos raros contatos.

Mesma coisa com o Miramar, que no entanto eu odeio friamente, organizadamente, a quem certamente não ofereceria um pau à mão, pra que ele se salvasse de afogar. Você está vendo que sou assassino em espírito! Mas é que eu me gastei excessivamente com ele.



Macunaíma sofre homofobia!

Dois amigos. Um viado, outro machão. Essa relação que poderia ser harmoniosa logo se tornará antagônica e será sempre explosiva. Guerra e paz, guerra, paz - não tem jeito. A diarreia das vaidades gorou naufragada pelas tribulações cotidianas do Movimento Modernista. O tempo passa, a fila anda, os ismos se desmancham no ar.

A débâcle - pensam alguns - se esvaneceu debaixo do canhão disparado por um artigo escrito por Miramar na toda poderosa Revista de Antropofagia, de junho de 1929. Terá sido a gota d'água? O título do artigo, Miss Macunaíma, faz alusões grosseiras à homossexualidade do *irmão* Macunaíma (por ter o mesmo sobrenome, Miramar sempre se referia a Macunaíma como *irmão*). O artigo Miss Macunaíma é assinado com o pseudônimo de Octacílio Alecrym (Um batuta de Natal).

Ledo engano, o terreno já vinha sendo minado faz tempo. Começou, na verdade, desde o começo: de um lado Miramar, rico, cheio da grana, viajando para a Europa em ida e vinda constante, eterno galã (*flaneur*, como preferia), machão, conquistador, comendo todas que aparecesse à sua frente. Por outro lado, Macunaíma, senão era um durango total, seria um remediado, pois tinha que trabalhar duro para sustentar a vaidade literária: dava aulas de piano, trabalhava como funcionário público,

escrevia artigos e ensaios em vários jornais e revistas – só assim conseguia juntar alguns contecos para viver as noitadas do submundo paulistano, desfilando bêbado pela Boca do Lixo, o *bas-fonds* da Av. São João, metia-se com prostitutas, cafetões, garotos de programa.

No entanto – surpresa! Não é que o mulato beijoleta, o qualira avesso, o quase pobre, o durango remediado, fazia mais sucesso – inclusive entre as mulheres – do que o garotão playboy, o garanhão cheio da grana? É bom repetir: essa relação adversa, avessa a todos os cânones, de sentimentos contrariados, de contrastes impugnados pela sociedade, sempre gerará uma avalanche oposta em que o inimigo se fará presente não só nas regras da sociedade: as porradas virão de todo lado, inclusive do *irmão antiamigo*.

Arquiteta-se uma relação desconfiada entre contrários e irmãos, simpáticos e invéses, estorvo que nem mesmo o alto nível intelectual dos envolvidos, nem mesmo a rigorosa ética da comunidade paulistana, terá poder para dirimir o conflito antônimo, que deriva sempre da explosiva relação afinidade e repulsão, antipatia e conexão, etc. Resultado? Paz e guerra, amor e ódio, rancor e quietude.

Macunaíma, conhecedor e aluno afinado com as ideias de Freud, é capaz de interpretar e assimilar com segurança bloqueios dessa envergadura. A vasta correspondência, toda ela alicerçada no conhecimento psicológico, ensinou-o a lidar com o poder da atração, o feitiço do fascínio, o bruxedo do charme, o sortilégio do encanto, a mandinga da sedução.

Miramar era o *irmão gêmeo* avesso, ousado dizer, desde o princípio de suas relações. Dono de um espírito naturalmente adverso, antagônico por natureza, seria sempre desfavorável às iniciativas solitárias de Macunaíma. Esse sentimento oposto se agravará ao extremo até transformá-lo em adversário e inimigo do *irmão*. Enquanto pôde se divertir na Europa gozando o sucesso do Modernismo, comendo quem pudesse digerir (ao contrário do *irmão menor*, que viaja de carona pelo Norte e Nordeste do

Brasil), Miramar de Andrade não assume a tendência rude e antipática a que chegaria.

Ao retornar ao Brasil, ele buscará, como seria natural, retomar as atitudes conflitantes que sua natureza demanda, tomar posse do lugar a que tem direito no espaço cultural do país. Vomita o Manifesto da Poesia Pau-Brasil:

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça.

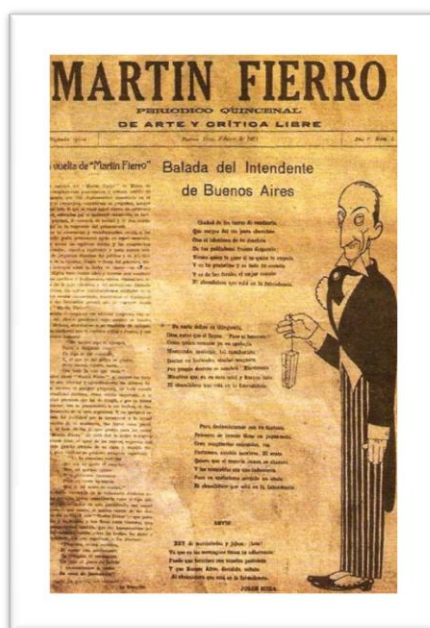
Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

Após o foguetório inicial, com reação positiva e negativa em alguns estados, a realidade se faz trágica: a lenga-lenga não pega. Tendo o movimento Poesia Pau Brasil poucos anos de vida, a figura do Miramar invertido reassume como personalidade. Atrai o horror, realimenta a odiosidade, busca fórmulas de animosidade que provocam rancor e indignação até entre os mais próximos. Raiva, ira, ojeriza, raiva.

Trespessando os problemas pessoais e sentimentais da melhor ou pior maneira possível, qual seja, fazendo literatura e teatro em alto nível, Miramar arrefece os ataques ao *irmão*. Mas não pode ignorar o zum-zum que corre nas rodas sociais, nas exposições, nas livrarias, como fato consumado: Macunaíma não come ninguém, finge e inventa, mas na verdade, camuflado pela névoa, embebido pela garoa, tropeça pela noite paulistana pegando rapazes de programa e putas na Boca do Lixo.

Respondendo aos reclamos de sua própria natureza moral, Miramar embarca na canoa, alimenta a horta de porcarias, atira pedras, fere o *irmão*. Sofrendo igual São Sebastião flechado, Macunaíma ignora, procura escudar-se, assume, não desmente: é um *invertido* – mas é um gênio. Nem mesmo as palavras *Perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem* vêm à mente. Simplesmente aceita a situação tal como está: fazer o quê? São Paulo ainda não é a cidade libertina que virá a ser, como profetizam os futuristas.



Martín Fierro - héroe muy macho

Publicações, movimentos, grupos e revistas argentinas (pelo menos três) levaram o nome do lendário herói dos poemas épicos dos pampas argentinos El gaucho Martín Fierro (I) e La vuelta de Martín Fierro (II), de autoria de José Hernández (1834-1886), embora nem todas elas tivessem cunho literário. A primeira Revista Martín Fierro, era um periódico político fundado e dirigido por Alberto Ghirardo, tendo sido publicada nos anos de 1904/1905. Seu objetivo principal era a difusão dos ideais anarquistas – do qual Ghirardo era partidário absoluto – em consequência a revista aparecia também como porta-voz das lutas em defesa do movimento operário argentino.

Não obstante o foco político, a revista obteve apoio amplo de um grupo de intelectuais e artistas, entre os quais Roberto Payró, Carlos de Saussens, Manuel Ugarte, José Ingenieros, Ricardo Jaimes Freyre, Carlos Baires, Juan Más e Pi, Eduardo Schiaffino, Evaristo Carriego, Alfredo Palácios e Rubén Darío. Com o advento da repressão violenta causada pela Revolução Radical de 1905 a revista deixou de sair.

A segunda Martín Fierro foi mais uma efêmera publicação, desta vez idealizada por Evar Méndez em 1919, porém mais

comprometida e dedicada aos problemas sociais por que passava o povo argentino do que propriamente literatura e arte. O nome, ainda outra vez, é homenagem ao poema *Martín Fierro*, escrito por José Hernández. A independência de opinião, o distanciamento das tradições, a ânsia de modernidade, tudo se reflete nesta estrofe, adotada pela publicação como paráfrase do seu ideário:

De naides sigo el ejemplo,
naide a dirigirme viene.
Yo digo cuanto conviene
y el que en tal güeya se planta,
debe cantar, cuando canta,
con toda la voz que tiene.

De ninguém sigo o exemplo,
me dirigir não vem ninguém.
Eu digo o que me convém,
e quem em tal lei se planta,
deve cantar, quando canta,
com toda voz que ele tem.

José Hernández
La vuelta de Martín Fierro

A terceira revista *Martín Fierro*, essa a que nos referimos – é a que sem dúvida viria influenciar *Miramar* e, através dele, a rapaziada paulistana. Era uma revista tipo pasquim, que tinha objetivo literário e cultural, saída entre 1924 e 1927, fundada e dirigida ainda uma vez por Evar Méndez, com parceria de José Cairola, Leónidas Campbell, H. Carambat, Luis Franco, Oliverio Gironde, Ernesto Palacio, Pablo Rojas Paz e Gastón e Oscar Talamón. Em certa época a revista *Martín Fierro* alcançou a tiragem de 20 000 exemplares.

Vários escritores importantes – começando com Jorge Luis Borges – contribuíram mandando poemas, artigos, crônicas e resenhas. Outros colaboradores foram Pedro Figari, Raúl

González Tuñón, Eduardo González Lanuza, Ricardo Setaro e Leopoldo Marechal. Também publicaram textos Mario Bravo, Fernando Fader, Macedonio Fernández, Santiago Gonduglia, Samuel Glusberg, Norah Lange, Leopoldo Lugones, Roberto Mariani, Conrado Nalé Roxlo, Nicolás Olivari, Horacio Rega Molina, Xul Solar e Ricardo Rojas. Lino Palacio e vários outros artistas se juntaram para fazer a capa, ilustrar as matérias, estabelecendo um padrão gráfico moderno para a revista.

A revista *Martín Fierro* foi vitrina para o trabalho de Ramón Gómez de la Serna, para que a arte vanguardista portenha saísse dos ateliês para as ruas. Exaltava-se a arte de Emilio Pettoruti e Arthur Honegger e ao mesmo tempo atacava o venerado escritor Leopoldo Lugones - tratando-o como ícone do passado. A revista enfrentou a *Gazeta Literária*, publicação espanhola que, de Madri, pretendia estabelecer as diretrizes intelectuais da América Espanhola, tratando-as como se ainda fossem colônias.

Uma particularidade curiosa de *Martín Fierro* era o espaço chamado “Cemitério” - muito similar ao ocupado pelo “Perfeito Cozinheiro”: ali todos eram livres atiradores, povoando de versos satíricos contra eles próprios, atacando os inocentes e ingênuos que se submetiam às regras da *Pátria-Madre* e contra o próprio Leopoldo Lugones, considerado o patrono do passadismo. Foi desse modo que a Revista *Martín Fierro* formou base para a criação do Grupo de Florida, caracterizado pela busca de inovações vanguardistas e estéticas para as artes, a cultura e a literatura argentina.

O Grupo de Florida apoiou o surrealismo, o dadaísmo, o ultraísmo - todas as correntes da vanguarda europeia da época eram assimiladas num só pacote. Integravam o grupo Jorge Luis Borges, José de España, Evar Méndez, Conrado Nalé Roxlo, Horacio Rega Molina, Oliverio Girondo, Ricardo Molinari, Leopoldo Marechal, Francisco Luis Bernárdez, Raúl González Tuñón, Eduardo González Lanuza, Norah Borges e Ricardo Güiraldes.



As origens de Miss Macunaíma

Buscar as raízes do motivo que fez deflagrar uma cisão tão forte – a única que Macunaíma cometeu de modo radical – é como catar minas explosivas nos arrozais do Vietnam.

Voltemos a 1918, penetremos no ambiente em que Miramar e mais alguns paulistanos ricos e poderosos, com o cio à flor da pele, montaram uma discreta *garçonnière* para fazer farras com amigos, *abater as lebres* (como dizia Carlos Imperial), até mesmo para comer a namorada família, a noiva de aliança no dedo, a mulher do melhor amigo. Essa moda de época – que resiste à invenção dos motéis, à abolição da exigência de identidade – sobrevive até hoje.

A descrição é mais ou menos a mesma, embora hoje em dia se use pouco: *Garçonnière*, abasileirado atualmente para matadouro (ou simplesmente cafôfo), é um lugar usado para levar a mulherada. É melhor que motel. Nos bairros nobres de São Paulo tem um monte de flat com custo bem camarada. O usuário pode encher a geladeira com as bebidas favoritas, patês, comidinhas, salgadinhos, roupas extras, entre outras coisas. Pode levar quantas pessoas quiser, com toda liberdade.

Nesse ambiente – que a família e alguns puritanos cuidadosos nomeiam com o eufemístico *ateliê* (ou *escritório*) – Miramar teve a belíssima ideia de dispor um caderno de notas, tipo de diário que se escreverá o que der na telha, usando cada qual um heterônimo, um pseudônimo ou tudo isso misturado, sem regras obrigatórias para que alguém assumisse integral identidade. Todos poderiam assinar como quisesse. Como nas leis de deduração que infestam o nosso feudo em pleno ano de 2015, no Cafôfo do Miramar o anonimato estava garantido.

Naquele local absoluto a única lei é: ninguém é de ninguém! Igual tratamento servia pra tudo, para as mulheres, as notívagas e prostitutas, os porres, as viciadas da Boca do Lixo, as confidências, o disse-me-disse, o escrito e o mal escrito, as fofocas e maledicências. Bebidas, ópio, cocaína, tudo que ocorria ali morreria ali. Era a miniatura paulistana de Os Cem Dias de Sodoma, do Marquês de Sade – de quem Miramar era fã e leitor voraz – tanto que citações do Marquês Maldito aparecerão do folhetim antropofágico. O diário do bordel foi batizado *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* e logo no início, na página sete, surgiu um texto assinado por João de Barro, que seria o codinome de Pedro Rodrigues de Almeida, mas que poderia ser de qualquer das almas irmanadas:

Junho, 2 (1918). Amanheci amarfanhado e mole; a noite correu-me tumultuosa de sonhos e escassa de repouso; saí indeciso, amuado e bambo de alma e de corpo. Apesar de todas interessantes notícias da campanha em que se mediram o Abraço Criminoso do Valois e o Cavaleiro Andante da Pecuária, não tinha vontade, nenhuma vontade de rir. Mas, depois da missa, aqui, as piadas sobre a ofensiva, a fonola, o Miramar a fazer arrumações divertem-me, alegram-me e, por fim (Oh! Prodígio!) o Sr. René Zapata Quesada arranca-me gargalhadas imensas, gargalhadas feitas na barriga, faz-me chorar de rir. A carta que ele escreveu ao nosso amado Guy – que coisa, que monumento, que preciosidade! Tristes, doentes do fígado – ide a essa fonte beber alegria! Que carta! Ainda haverá mau-humor depois de se ler a prosa do grande

homem? Leiam, leiam todos os que sofrem e respondam. Zapata, eu te admiro, e te agradeço comovido; és um benemérito, Zapata, quero-te aqui, quero dar-te pinga com limão e piadas do Ferrignac, quero ofertar-te um Therezo, quero beijar-te, Zapata! Eu te amo de longe, vem para nós, vem alegrar-nos; não sejas mau! (O perfeito cozinheiro das almas deste mundo).

A chacota dirige-se a René Zapata Quesada, escritor argentino, autor de *La infidelidad de Penélope* (1924). Zapata era amigo do poeta argentino Oliverio Girondo, membro do lendário grupo La Púa. Tinha dirigido, com Raúl Monsegur e Zapata, a revista modernista *Comoedia* (1916-1917). É desse grupo a invenção do Manifesto de Martín Fierro, bem similar em suas razões ao que viria a ser o Manifesto Antropofágico, de Miramar. A verdade é que o texto debochado dirigido a René Zapata, de quem pouco se fala hoje, servirá de exemplo e modelo às maldades e fofocas que seriam dirigidas a homens, mulheres e artistas da época, amigos ou não, o que inclui Macunaíma, atacado e desmoralizado face à sua condição sexual, seja qual fosse.

Como se verá, na verdade a *Revista de Antropologia* se transfigurará em publicação de textos pseudo-altivos, atirados por mentes arrogantes, gênios presunçosos, cujos rompantes só destacam o quanto são vaidosos – que acabarão seguindo os mesmos parâmetros de sacanagem e virulência que integram o caderno – por enquanto enterrado e esquecido – d’*O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, aquele mesmo diário que registrava meditações chulas, reflexões libertinas, a Bíblia Sagrada do matadouro de Miramar.

Algum tempo depois, o manuscrito impensado e irresponsável será publicado como obra recheada de genialidades, pensada e meditada como panfleto antropofágico, ainda que toda aquela porcaria derivasse de cabeças opiadadas, cérebros intumescidos pelo álcool, vitimados por ressacas indômitas, resultantes de memoráveis bacanais e porres regados a sabe-se lá quais drogas. É tal e qual como se diz, mercê da confissão do João de Barro, que admite ter acordado *amarfanhado e mole* depois de

uma noite *tumultuosa de sonhos e escassa de repouso*, que o deixou *indeciso, amuado e bambo de alma e de corpo*. Como alguém nesse estado pode escrever algo racional?

Raul Antelo, em participação no texto *Transgressão e modernidade*, mapeia perfeitamente o caminho que levou os travessos paulistanos à antropofagia devoradora e cruel, massacradora e voraz – para não dizer criminosa – que perdeu o freio e os limites, se transformando em transgressão política, ética, moral e social:

Todo o ciclo da modernidade latino-americana poderia ser lido como um leque de políticas de tradução intercultural. Há, com efeito, textos canônicos que podem pautar esse percurso. Em La Moderna Astartea (1913) René Zapata Quesada expõe uma teoria saturniana de certa criminalidade americana construída a partir da antropofagia indígena.

E dirá mais: *Em 1922, Oliverio Gironde, amigo e parceiro de Quesada propõe um estômago eclético latino-americano capaz de digerir y de digerir bien, tanto unos arenques septentrionales o un kouskous oriental, como una becasina cocinada en la llama o uno de esos chorizos épicos de Castilla. E somente em 1928, digeridos esses e outros princípios (Heidegger), Miramar decretará: Tupy or not tupy, that's the question.*

E pensar que a nata da intelectualidade da época – nomes como Jeca Tatu, Macunaíma, Jorge de Lima, Carlos Drummond, Manú, Juca Mulato, Murilo Mendes, Augusto Meyer, Pedro Nava, Ascenso Ferreira e, depois, Raul Bopp, Geraldo Ferraz, Tarsila do Amaral, Antônio de Alcântara Machado, Patrícia Galvão, Plínio Salgado, além de colaboradores de Norte e Nordeste – embarcaram nessa canoa furada. Um verdadeiro Titanic intelectual que, como o poderoso transatlântico, viria a naufragar, devido à agressividade do comandante Miramar.



Miss Macunaíma de saltos altos

Em janeiro de 1929 Macunaíma está em Natal, em viagem de estudos e também prisioneiro do convite que lhe fez o amigo Cascudinho, mesmo que tenham havidos desencontros fortuitos. Diverte-se carregando pedras. Está feliz, longe das fofocas que enchem os cômodos do randevu de Miramar, na estratégia pessoal de promover o recém-lançado Movimento Antropofágico, tábua de sobrevivência para ele e para o grupo de famosos que o acompanha.

Macunaíma apoiou o agito do grupo Poesia Pau Brasil e também o Movimento Antropofágico – cujo manifesto foi lido na sua casa da Rua Lopes Chávez, mas agora se volta ao objetivo de consolidar seu projeto de brasilidade, que tem âncora segura no sucesso do seu próprio romance. Nem teve tempo de avaliar se a leitura do Manifesto Antropofágico – que não promoveu, nem pôde recusar – em sua modesta sala, repleta de amigos e inimigos, não teria sido mais uma provocação de Miramar.

Macunaíma, que tem por obrigação aderir à antropofagia, estava longe de abdicar – nem nunca desistirá – da amizade com o irmão Miramar. Mesmo no último espasmo, quando desistirá da amizade, dirá a Anita Malfatti, se referindo a Miramar: Eu sou seu amigo, mas ele não é meu amigo.

Só que agora não admite mais perder tempo na promoção de movimentos artísticos pseudo-revolucionários, que irão se somar aos inúmeros grupos que surgiram Brasil afora desde o Movimento Modernista de 1922. Macunaíma suportou o namoro com o Pau Brasil, mas agora está literalmente cobiçando a brasilidade, cortejando o folclore, flertando com as raízes do Brasil, descobrindo um país diferente, amazônico, feiticeiro, nordestino. No momento interessa mais a nova amizade com o potiguar Cascudinho, que se encaixou justinho a seu projeto.

Eles andam em plena lua de mel, se amando, gostando da correspondência, se cativando com elogios mútuos, Macunaíma, que sempre se sente bem atraindo uma cabeça nova, cheia de coisas inéditas, está a seduzir Cascudinho, chamando tudo para si, instigando a criação, cobiçando as novidades, fotografias, desenhos, retratos, cortejando o falar, galanteando o escrever e assim, como vampiro literário, requesta com exclusividade aquele manancial de novidades que cai em cascata.

Trechos de cartas mostram bem esse estado amoroso em que se encontram. Macunaíma exercita bem o papel de guru, que assume em seus relacionamentos, procurando acolher e influenciar sob a aura monacal a todas as pessoas que buscam conhecer o seu discurso:

Deus me ajude! Você também está escrevendo brasileiro.

Eu tenho fome, mas positivamente fome física, estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento!

Trabalhe e mande as coisas que fizer. Me interessam formidavelmente porque são inteligentes, bem pensadas, ditas com leveza, graça.

A palavra na mão de você é feito guampa de marruá danado, chuça a gente direto mesmo! Se tem uma impressão até física, puxa!

Quanto aos instantâneos de você dei um bruto dum abraço em cada um e olhei muitas vezes o atarracado do nortista amigo querido meu.

Você é essencialmente moderno e original pela sensibilidade e ineditismo da invenção, pelo cortante e incisivo da expressão.

Criei para meu uso uma couraça de tatu onde os elogios resvalam.

Acho desagradável essa mania de grudar crônicas em livro. Crônica é pra jornal. Livro é uma concepção mais inteiriça e completa. As Histórias são um livro. As suas crônicas ficaram muito bem num jornal. Em livro a maior parte delas perde 90% da graça e oportunidade.

Só conheço pouquíssimos livros de crônicas de valor real: A Semana, do Machado, o De rebus pluribus do Santo-Tirso e poucos mais. Do seu Joio, no entanto uma página me interessou vivamente: Doutor João. Muito bem contado e caso interessantíssimo. Comoveu-me.

Nas suas críticas há uma mistura de bom e mau que atordoa.

Quanto as Histórias que o tempo leva, livro interessantíssimo sob todos os aspectos. Gozei do principio ao fim. Excelente repositório de esclarecimentos. E sob o ponto de vista artístico boa realização. O que mais me atrai nos seus escritos deste livro, é mesmo do Joio.

Falando sobre Miramar, em carta a Cascudinho, Macunaíma demonstra que tipo de afeição ainda conserva pelo amigo, apesar do furacão que se aproxima:

Está em véspera de nova viagem pra Europa. É fantástico. Pau Brasil que já conhecia e reli hoje de manhãzinha é pra mim o melhor livro dele. Poesia genuína no sentido de lirismo.

É lógico: a feição dele é o lirismo meio cômico, às vezes cômico por inteiro, divertido, alegre, de sujeito que come como você não imagina, passa bem é feliz dentro de todas as vicissitudes macotas que lhe têm enriquecido a vida.

Porque também ele é um pouco malabarista das vicissitudes. Brinca com elas e se diverte. A primeira parte são frases tiradas de cronistas e arranjadas juntas. É um dos achados líricos mais soberbos e ricos que nunca se fez. Que coisas lindas conseguiu construir com frases de Gandavo, de Fernão Dias, de Frei Vicente... Você Verá. Ciao.

Eu disse afeição? Quer dizer, é um afeto tipo Síndrome de Estocolmo, afagando com a palmatória na mão. Cada elogio traz finezas de bordoadas que lá no ainda distante final transbordará em trágico rompante de fim de caso amoroso. Macunaíma arria as calças do *irmão pequeno* para sentar vigorosas chicotadas vergastando-lhe as nádegas:

Está em véspera de nova viagem pra Europa. É fantástico.

a feição dele é o lirismo meio cômico, às vezes cômico por inteiro, divertido, alegre, de sujeito que come como você não imagina, passa bem é feliz dentro de todas as vicissitudes macotas que lhe têm enriquecido a vida.

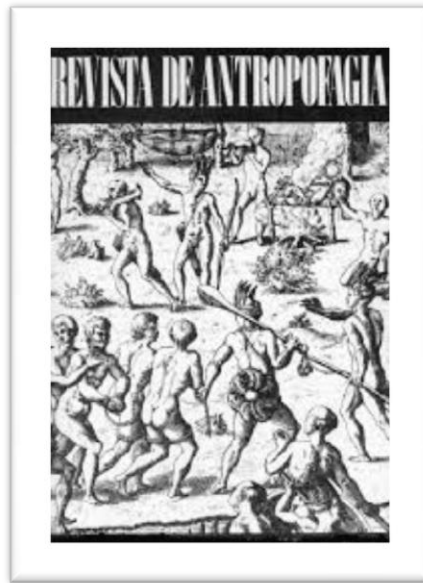
Porque também ele é um pouco malabarista das vicissitudes. Brinca com elas e se diverte.

É um dos achados líricos mais soberbos e ricos que nunca se fez. Que coisas lindas conseguiu construir com frases de Gandavo, de Fernão Dias, de Frei Vicente...

Esse é o retrato cru do Miramar do cafôfo, das maldades perpetradas na garçonnière, dos Cem dias de Sodoma que os rapazes da sociedade promovem com garantia de impunidade.

Pois é nesse estado de desilusão, que o faz caminhar por trilhas de chão, mato e terra da cultura tupiniquim, estando de passagem pelo Paraíso que é a cidade de Natal, terra de Cascudinho, Macunaíma manda sua colaboração para a Revista de Antropofagia.

O escrito datado de janeiro de 1929 tem aparência ingênua, angelical, mas não consegue disfarçar a veracidade sobre o que o autor pensa da antropofagia de Miramar. Como quem diz: antropofagia? Vocês não sabem o que é ser antropófago, não entendem nada disso...



Antropofagia?

Ando lidando bastante com feitiçaria aqui no Nordeste e acho que esta comunicação que segue pode interessar aos cultores da antropofagia... filosófica paulista. Se trata do Mestre (Santo) Antônio Tirano. Eis a cena que se passou entre mim e os dois feiticeiros meus informantes, gente sarada dos catimbós de Natal.

Eu escrevia na pauta as rezas que os dois juntos me cantavam e tomava em seguida as informações sobre o Mestre a que a reza pertencia. Os dois catimbozeiros já estavam com a língua solta, sem cerimônia, depois de várias horas de conversa e almoço bom no meio. Eu escrevia.

-... porque Turuatá é também Mestre Caboclo (indígena), frexador malevo. Bem para cegar os outros... Gosta de trabalhá cum cobra. Fura o ôio da cobra na intenção da pessoa a quem qué cegá e cega. Chega a cumê pedaço de cobra, cru, mais cauim (por aqui, nos catimbós, qualquer álcool forte).

- Eu já sigurei uma jararaca pr'ê ele cegá!

-... *foi discipulo do grande malfeitô Antônio Tirano (eu escrevendo) que para a gente tê trabalho dele tinha-se que dá pr'êle um filho, uma... uma pessoa da família assim...*

Parou.

- *Mas como é? Tinha-se que matar essa pessoa, é?*

Os dois estavam desapontadíssimos, rindo amarelo.

- *Não sabemos não sinhô...*

- *Esse nem tem linha (reza cantada)... Não se invoca não...*

Voltei a escrever pra evitar aos dois a sensação de examinados.

- *É lógico que vocês não invocam ele, sei bem. Mas podem me contar. Minhas notas são pra estudo, que o Mestre seja bom ou ruim não tem importância não. Então ele obrigava o mestre a sacrificar alguém...*

- *É... exigia sempre sangue humano...*

- *Sinão não trabalhava, heim! que safado!*

- *Prifiria sangue de criança... Mas não se invoca mais!*

- *Mas às vezes aparece, não?*

- *As veiz...*

- *E quando aparece faz estripulia?*

Nova e sempre muita hesitação. Respondeu com má vontade:

- *Faiz, sim sinhô...*

- *Pede sangue?*

- *Pede, sim sinhô...*

- *Pede pra beber?...*

Arrancou:

- *Eu num sei, não sinhô! Esse a gente não invoca não!*

Eu escrevendo textualmente como está. O outro, mais palavroso, mais esperto, que cursara até o terceiro ano do Ateneu de Natal, se calara.

Parei de escrever, insisti, perguntei. Não foi possível tirar mais nenhuma informação útil ao meu amigo Osvaldo de Andrade.

O outro mais humilde e mais feiticeiro também, se fechara em copas meio desconfiado. Voltei a escrever. Esse, o mais humilde, acrescentou reflexivo:

- *É uma biografia desgraçada...*

(Macunaíma, in Revista de Antropofagia nº 10, fev., 1929)

* * * * *

Foi esse artigo, que não tem cunho ofensivo, senão algo de oposição contrária e negativa ao Movimento Antropofágico – nada além de uma provocação – o estopim que espicaçou o lado mais ferino de Miramar e provocou a publicação da réplica, aquele outro que viria a sacudir fortemente os brios de Macunaíma, detonando de vez o barril de pólvora da discórdia.

Tocar na sensibilidade de uma bicha é explosivo, é o mesmo que cutucar onça com vara curta: a amizade chegou ao fim,

Macunaíma estourou, os limites sociais ainda reminiscents foram ultrapassados. Esse tom de irritabilidade e melindre derribou o mais ínfimo sentimento de amor que ainda nutria pelo garanhão, tudo explodiu, foi ao chão com força tal que eclodirá na dramática carta escrita a Tarsila do Amaral.

A resposta ao que seria uma gozação sobre o Movimento Antropofágico, recém-criado por Miramar, veio quando Macunaíma ainda estava em Natal, recepcionado e acolhido por seu amigo Cascudinho. Não se sabe por quais motivos o etnólogo maranhense Nunes Pereira entrou nessa, mas é provável que tenha sido para documentar o artigo de Miramar com expressões indígenas autênticas, no que ele era conhecedor.

.....



Miss Macunaíma

Passageira do gaiola Caiçara, estive ontem em Natal, durante algumas horas, a mais genuína representante da antropofagia feminina no Brasil. É uma tapuia bem acordada, conversadeira e inteligente, que vem realizando uma sensacional descida ao mando da famigerada tribo Apurinã, que no inferno verde conquistou a liderança dos redutos antropofágicos pelo despotismo de suas façanhas. Avisados de sua passagem pela nossa terra fomos encontrá-lo a bordo, no sentido de colhermos algumas impressões para a Semana Indígena que o Jorge Fernandes está pedindo de 30 para inaugurar entre nós.

Como não soubéssemos mapear a linguagem geral fomos em companhia de Nunes Pereira, já costumado às batidas pelas malocas dos índios amazônicos. A fim de não chatearmos muito a esplendida cabocla Apurinã, organizamos, então, um inquérito de perguntas para que ela nos respondesse mais facilmente. Uma espécie de entrevista não ao jeito primitivo daquelas que a História do Brasil sem Z reconta de onde em onde para tapear os infelizes passadistas. Mas, sem a máscara aziaga da gramática e com aquele desembaraço cutuba do Manú quando mastigou três poetas da Dindinha Lua e disposto a engolir também todos os demais curumins literários.

É exato que a Apurinã bancou de grande camarada, pois de sua conversa podemos formar um certo plano de reconstituições primitivistas marcantes para a atualidade do perobismo nacional. Movimentamos pontos curiosos de Antropofagia, bem incisivos dessa descida, em que o tacape e a baba da manipueira ferem menos que os olhos de curiango da tapuia que vinha vindo...

Recostada ao longo corrimão todo crispado de cogumelos, a Indígena espreitava o panorama da cidade de Natal, quando os nossos passos transmudaram-lhe o jeitão caracteristicamente selvagem. Sapecávamos já a saudação ritual da tribo, ao que ela nos retrucou, escancarando a antologia ameríndia dos seus dentes fortemente verdes amarelos, que quase nos tomaram o pulso de literatos antropófagos.

Interpelada que foi a feiticeira craúna principiou respondendo às nossas perguntas, tão avidamente, que nem formiga saúva destalando boneca de capim panasco.

- Que impressões poderá nos dar de sua viagem?

Antes de tocar o fim dessa entrada pela grande Colônia do Pau-Brasil quero dizer quem sou e de onde venho. Moro na confluência do verde Solimões com o Preto, numa estreita região somente desvendada pela valente espécie Apurinã.

O meu nome primitivo estava em dialeto tupi sendo por isso quase impossível de ser compreendido. Já estava eu me pondo uma muchachita, batoneira das mais longínquas malocas, quando fui forçada a me esconder durante meses no tijuco dos igapós como se fosse um caroço de tucumã.

Para gazejar a noite era preciso untar o meu corpo com tabatinga e rezar emborcada aos manes de Rudá. Tempos depois, surgiu na planície a figura exótica de um alemão barbudo de nome Theodoro Kock Krünberg, que logo conquistou a amizade dos Cururii em troca de anzóis e contas de vidro. Em companhia dos próprios índios o alemão Theodoro conheceu em dez anos toda a

nação dos Pamaris, Apurinãs, Ura Rekenas, Yahamas, Macus e Tuyucas, curando a gente de impaludismo e ensinando o linguajar do estrangeiro.

Na exploração que fizeram margeando o Xingu, comecei a sentir maleita no coração por um moço brasileiro com quem brinquei muito escanchada na veloz ubá. Foi ele que me ensinou muitas coisas, sempre consultando a uma mulher complicada e renitente a quem chamava de Gramática.

Passei noites inteiras triturando sintaxes, advérbios, substantivos, períodos, vírgulas, parênteses, artigos e pronomes que engasgavam muito mais que espinhas de peixe d'água doce. Soube, então, que havia um paíszão muito bonito, atulhado de montanhas, de rios enormes, onde as mulheres faziam que nem as tapuias, lambuzavam a cara de açafrão e espritavam os homens.

- Que sentido teremos de dar a sua viagem tão brasileira?

Por Rudá! Eu venho vindo numa descida antropofágica, por esses riscos litorâneos de porque me ufanismo nacional, doidinha para chegar a Galvestão afim de não perder as comidas. Desde que todas as tribos que vieram da planura dos Andes, dos wigwans comanches, das cabeceiras da Patagônia, dos confins do Rio Negro, das terras roxas de Piratininga, do séquito dos Cataguazes, das pirâmides brancas de Mossoró, do vale do Baixo Assu e da cuité do Janduí se reuniram, cerimoniosamente, para me elegerem Miss Macunaíma, a história desses concursos de beleza quase que me tem feito bater a passarinha.

Trago comigo a mascote do pajé Araribóia para escumar os meus instintos na Parada Universal da Carne. Pretendo comer todas as misses, bem cevadinhas, com todas as suas faixas, os seus presentes, as suas fichas e cânones. Procurarei abiscoitar os oitenta contecos de cada uma e com uma mão de cinzento capaz de fazer inveja aos trusts do Mata-Razo ajudarei a Liga Universal da Antropofagia. Serei Miss Macunaíma do Chuí ao Prata, mesmo sem o voto secreto do finado Democrático. As misses serão

mastigadas supinamente, com molho de cumaru, mingau de tacacá, refresco de ananaí, resina de martim cererê, tudo isto num quiriri medonho.

- Está disposta a realizar a descida sozinha?

Sim e não. Daqui da taba potiguara carregarei o Perna de Pau, um mulato esplendido que corta tudo quando está de murici. Fala e destala de tal maneira que o seu melhor livro será a obra de sua vida afiada: a arte de fazer inimigos. Tocando em Pernambuco procurarei Ascenso Ferreira Catimbó que terá de me arrumar o Macobeba, esse esquisito lobisomem de quatro olhos de fogo, rabo metade de leão metade de cavalo, unhas de gato do mato, que vem fazendo correrias por Beberibe, Encruzilhada e Pina, assanhando tudo, devastando e remexendo tudo.

Xingando de contentes pela entrevista sem nome que acabávamos de pôr em letra redonda, apertamos a mão bronzeada de Miss Macunaíma ao ritmo sonoro da despedida guarani:

- *Yasu tupana iruno!*

Otacílio Alecrim (Um batuta de Natal)

(Revista de Antropofagia nº 12, junho de 1929)



A carta da discórdia

Tarsila

Espero que esta carta seja lida confidencialmente apenas por você e pelo Osvaldo, pois que só a você é dirigida.

Acabo de receber por Anita o convite que você me fez e que, feito com o desprendimento e o coração tão maravilhosamente bom de você, inda mais me entristece. Mas eu não o posso aceitar.

Por isso mesmo que a elevação de amizade sempre existida entre você, Osvaldo, Dolur e eu foi das mais nobres, e tenho a certeza que das mais limpas, tudo ficou embaçado pra nunca mais. É coisa que não se conserta, desgraçadamente pra mim.

Mas devo confessar a você que sob o ponto-de-vista de amizade, único que me pode interessar na vida, nada, absolutamente nada se acabou em mim.

Se deu apenas uma como que transposição de planos de amizade, e aqueles amigos que faziam parte da minha objetividade cotidiana, continuaram amigos nessa espécie de ambiente de anjo em que o espírito da gente descansa mais, povoado de retratos bons.

E então eu, que não fui feito pra esquecer, não será possível jamais que eu me esqueça nem de ninguém nem de nada. Nenhum

sentimento desagradável permanece em mim e se acaso alguém confiar a você alguma queixa ou acusação feita por mim contra quem quer que seja da sua família, eu garanto que mente.

Pedi aos meus companheiros de vida e até a amigos como Couto de Barros, que me falassem em certos assuntos. Apenas: esses assuntos existem e como os podemos esquecer, os de sua família e eu, que todos conservamos altivez e dignidade? E quanto a mim, Tarsila, certos assuntos, criados por quem quer que seja (essas pessoas não me interessam), como será possível imaginar que não me tenham ferido cruelíssimamente!

Asseguro a vocês - e tenho todo o meu passado como prova, e vocês me conhecem espero que bem - que as acusações, insultos, caçoadas, feitos a mim não me podem interessar. Já os sofri todos mais vezes e nem uma existência como a que eu levo pode se libertar deles.

*Des que resolvi publicar *Pauliceia Desvairada*, de que um só poema exposto provocara o maior enxurro de estupidez e presumidos insultos de que se enaltece a história literária brasileira, desde então me revesti dessa contemplatividade cínica que nos permite, sem inquietar a sinceridade com que caminhamos pra realização de nós mesmos, passarmos incólumes no meio de certos heróis. Não me atingem e, de resto, não os leio.*

Mas não posso ignorar que tudo foi feito na assistência dum amigo meu. Isso me quebrou cruelmente, Tarsila, e apesar de meu orgulho enorme, não tenho força no memento que me evite de confessar que ando arrasado de experiência. Eu sei que todos fomos apenas vítimas de algum ventarrão que passou. Passou mas a árvore caiu no chão e no lugar duma árvore grande, outra árvore tamanha não nasce mais. E impossível.

Eu peço a vocês licença de cumprimentá-los quando nos encontrarmos. Assim como desta carta e do que a motiva ninguém saberá por mim, tenho a certeza que corações bons e nobres como os de vocês, hão-de sentir esse pudor de não [dar] azo a que os

outros façam de nós e dum passado tão lindo nosso, o assunto deles.

Peço mais que me recomende respeitosamente aos de sua família e específico uma carícia toda especial a Dulce que no meu mundo faz parte do Sol.

E paro porque tudo isto afinal é muito triste e pouco digno dos seus olhos e coração que só podem merecer felicidade.

Respeitosamente



A inimizade de cabo a rabo

Como repórter, vou a uma festa no Conservatório Dramático e Musical. O Dr. Sorriso, que é o Elói Chaves, Secretário da Justiça, faz ali uma conferência de propaganda dos Aliados. Quem o saúda é um aluno alto, mulato, de dentuça aberta e de óculos. Chama-se Macunaíma. Faz um discurso que me parece assombroso. Corro ao palco para arrancar-lhe das mãos o original que publicarei no Jornal do Comércio. Um outro repórter, creio que d'O Estado, atraca-se comigo para obter as laudas. Bato-o e fico com o discurso. Macunaíma, lisonjeado, se torna meu amigo. (Miramar)

* * * * *

Recebi a tua excelente carta. não me sinto com forças para respondê-la. Estou arrasado, meu ótimo amigo e isso numa idade de poucos entusiasmos. Sinto-me incapaz de reconstruir. Fica-me, com a saudade imortal de minha esposa, a simpatia caridosa de alguns amigos. E isso me basta. (Miramar)

* * * * *

Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contato com o futurismo. Miramar, chamando-me de futurista, errou. (Macunaíma)

* * * * *

O meu mérito de participante é mérito alheio: fui encorajado, fui enceguecido pelo entusiasmo dos outros. Apesar da confiança absolutamente firme que tinha na estética renovadora, mais que confiança, fé verdadeira, eu não teria forcas nem físicas nem morais para arrostar aquela tempestade de achincalhes. E se aguentei o tranco, foi porque estava delirando. O entusiasmo dos outros me embebedava, não o meu. (Macunaíma)

* * * * *

Dou a v. essa amável incumbência por ser v. o mais bonito da geração (estamos em Portugal, terrinha da piada). (Miramar)

* * * * *

Para ser lida e gozada numa 3ª feira. Sob o ponto de vista intelectual foi o mais útil dos salões, se é que se podia chamar salão àquilo. (Miramar)

* * * * *

Esta carta exige resposta urgente. Se o tiver feito, peço ainda a ti, favor de amigo, ora! pelo amor de Deus! por quem é! que a remetas a mim, sem perda de tempo, registada para Comptoir de Commission Americana, 25, Rue Louis le Grand.

* * * * *

Tenho feito o possível por vós. Deixei na mesa de trabalho de Jules Romains o meu volume de Pauliceia. Insistência dele. Conhece o espanhol. Quer decifrar. Pior para ti! (Miramar)

* * * * *

Assistir no Vieux Colombier Lá nuit des rois de Shakespeare é melhor que filar aqueles sábios biscoitos domésticos das tuas intelectuais terças-feiras. Juro que é. (Miramar)

* * * * *

Manda também, sem falta, coleções de Klaxon e números da nova fase da Revista do Brasil. Peço mesmo que fales com Paulo Prado ou Jeca Tatu. Estou representando aqui uma revista que não possuo, que nem sei como é. Falo dela a todo mundo e quando me pedem para vê-la, o recurso cínico é atribuir a fome intelectual das nossas populações às edições esgotadíssimas dessa nova bíblia mensal. (Miramar)

* * * * *

Escreve cartas longas, informativas, minuciosas. E nunca fiques O homem que acreditava no futurismo. (Miramar)

* * * * *

Recebi tua carta ansiosa. Que se passa? Todos os dias passam-se coisas novas. Estou já há bastante tempo na intimidade de Picasso, Cocteau, Romaine e Larbaud. Há dificuldades em encontrar os outros. Max Jacob vive no convento do Loire. Cendrars é metteur-en-scene dum cinema. Ninguém sabe dele. Descansa, porém. A todos direi da tua admiração mineira. Brecheret, você, Menotti e a corja serão lançados por mim em próxima conferência. Grande agitação nos arraiais da América Latina em Paris e nas trincheiras do ronsardismo triunfante. Aí, eu tinha vergonha de confessar que era árcade, parente longe de todos os Alvarengas da nossa poesia. Aqui, porém, isso é indiscutível figurino. Fizeste bem em confessar no prefácio de Pauliceia que eras passadista. Vou vilmente me aproveitar disso na minha conferência. Peço-te Klaxon, a Revista do Brasil e a fidelidade. (Miramar)

* * * * *

Comedie, no sábado, e também o New York Herald falarão bem de nós. Já está tudo combinado. Mesmo que eu diga asneira.

É o grande jornalista Serge Milliet quem assume responsabilidades. Você, nos seus artigos, poderá provar que São Paulo (a Pauliceia, não o livro, a cidade do livro) é uma besta. Vaiou-me na Semana de Arte Moderna. Quando esta aí aportar Paris me terá aplaudido na Sorbonne. Não foi a toa que o Miguel Meira me beijou a mão num meeting do Abaixo-Piques, lá vai anos. (Miramar)

* * * * *

A minha conferência causou boa impressão. Na sala, Jules Romains, Paul Morand, Juan Gris, Nicolas Baudoin etc., embaixadores, condessas, artistas etc. Coitado de mim se não visse no Homem e na Morte nossa melhor obra Moderna! Outras vítimas da maçonariazinha da Rua Lopes Chaves satisfazem perfeitamente as exigências da modernidade de Paris. Graça, Ronald, Tarsila. Ao contrário, Johan Epstein é considerado um traste. Apesar de ter podido pagar a vocês na moeda com que vocês negociaram a minha obra, disse agradáveis verdades de todo o grupo na Sorbonne. A vingança do justo consiste em perdoar. Guerra Junqueira. (Miramar)

* * * * *

Escrevi ao Menotti uma carta terrível contra você. O Miramar logo que chegou fez tantas intrigas entre nós (a respeito da modernidade ocidental) que resolvi cortar relações com você. Mas vieram as suas cartas, as suas irresistíveis cartas. (Macunaíma)

* * * * *

Foi bom deixar que passassem dois dias depois do recebimento da tua carta, para te escrever. Já agora passou a primeira forte irritação que me causou o procedimento do Miramar. Não sei, nem quero imaginar o que te disse Miramar a meu respeito. Sei que não mentiria. Não é dele mentir. Mas sei também que exagerou. E muito. Mas queres que te conte do Miramar? Mostra esta carta a ele. Diz se é verdade o que aqui está. (Macunaíma)

* * * * *

Não pensei que você tomasse a sério a minha brincadeira. O Miramar e o Serge que aqui estavam no dia em que te escrevi leram a carta. Perguntei-lhes com que olhos você a leria. Concordaram comigo que o knock-out desmanchava intrigas e consequências. (Macunaíma)

* * * * *

Criei o matavirgismo. Sou matavirgista. Disso é que o mundo, a arte, o Brasil e minha queridíssima Tarsila precisam. (Macunaíma)

* * * * *

À bancada paulista / que parte para o Rio a fim / de decidir o caso da / modernia na acade / midade / no seu longo e oculudo / leader Macunaíma / o / Miramar. (Miramar)

* * * * *

O mais curioso, talvez, dos modernistas brasileiros. Um blagueur! dizem. Uma das faculdades que mais admiro em Miramar é esse poder certo de interessar e divertir. Há muito tempo já que vivo a pensar secretamente ser Miramar o melhor espectador de si mesmo. (Macunaíma)

* * * * *

Illmo. Sr. Macunaíma. Ariel. Tem esta por obrigação e escopo comunicar-lhe que abandonei a literatura. Os queijos de bordo não prestam. Em compensação, há o Palma. Gigolô. Cheio de gravatas. Los Angeles nascido em Los Andes. Pergunte a Magdalena. Está na cabina nº 20. Tem fonola, xales. Argentinos passam como piolhos. Oh! Os joelhos de Mistress Barbara Bind! Sexualidade exacerbada pela maresia. Todo mundo está notando

este namoro. Também é demais. Vá comprometer a avó! Perdão, não chegamos ainda a águas portuguesas. Ontem Magdalena, entre dois Abdullas (cigarro), leu Ariel. O caso Magda no bar. Comovente. Acha que tem algo de leite de peito o sorriso dele. Sésamo, Cota dote o Sr. Magdario de Andrade. Veja como não tenho ciúmes. Sabes o que é o mar - um melado azul. Descobri minha vocação: brasseur d'affaires. Finalidade - uma brasserie qualquer. Comunico-lhes, outrossim, que estou viajando re mi fá sol neste coador! Viva o dia 15 de Novembro!! (Miramar)

* * * * *

Miramar, apesar de todo o cabotinismo dele (quero-lhe bem apesar disso) é fraquinho agente de ligação. A gordura é má condutora, dizem os tratados de física. Era. Hoje está em Paris esse felizardo das dúzias que eu invejo quanto se pode invejar neste mundo. Que faz ele? Mostrou-te o Serafim Ponte Grande? (Macunaíma)

* * * * *

Ficou (o Miramar) meio corcundo comigo porque eu disse que não gostei. Mas se ele conhecesse os meus trabalhos atuais, faria as pazes comigo. Estou inteiramente pau-brasil e faço uma propaganda danada do paubrasilismo. (Macunaíma)

* * * * *

O Prudente neto e o Sérgio mandaram que dissesse ao Miramar pra lhes mandar o João Miramar que queriam dar notícia na Estética. Vou por minha conta lhes mandar o livro. O Miramar se não gostar que tire as calças e pise em cima. Acho idiota esta briguinha de comadres. Mas como vou assumir a responsabilidade do caso, pede ao Miramar que não vá me atrapalhar a política. (Macunaíma)

* * * * *

Mestre Macunaíma. O intrigante do Yan me mostrou pra mim uma carta de você que diz assim: que você não imita eu, verdade. Você é a prática culta da língua. Eu e a pratica inculta. Pobrezinho que nem minino Deus. Sabe. Me deu pra mim uma comoção de você oferecer pra mim o seu livro da tal escrava que não se chama Inzaura. Eu prifiria uma iscrava chamada... Malicioso! Tá rindo! Feio! Em todo caso, fico muito agradecido e não miricia tamanha honra. Sei que você agora deu pra jogador e crupiê no Automóvel Club. Bem bão! Tá pagando a má língua. Té logo. Osvardo. (Miramar)

* * * * *

Encerrando o ano de 1925, Macunaíma envia ao casal o Poema Tarsiwaldo:

*Pegue-se 3 litros do visgo da amizade
Ajunte-se 3 quilos de açúcar cristalizado da admiração
Perfume-se com 5 tragos da pinga do entusiasmo
Mexa-se ate ficar melado bem pegajento
E se engula tudo duma vez*

(Macunaíma)

* * * * *

Meu querido Macunaíma. Um abraço de Parthenopeia te levará a minha saudade literária. Daqui pra Grécia, Jerusalém, Egito. Como os velhos roteiros envelhecem! Miramar Lamartine de Souza Andrade. (Miramar)

* * * * *

Como vês, Serafim me preocupa como um filho que não quer sair. Agora coisas sérias. Recebemos Losango, eu e Tarsila. Bom, muito bom, ótimo. Isso é poesia. Vale a pena de ser brasileiro. Brigaste com Menotti,era fatal. Agradeço-te muito a delicadeza da comunicação. Caminhos tão diferentes não podiam

desembocar na mesma estrada. E Cendrars? E Paulo, Couto, Sérgio, Tácito, Guy, Alcântara, Prudente, Manuel, Yan, Aranha, Rubem. Manda-me notícias, recortes e números de Terra Roxa. Sobretudo, responde a esta carta. (Miramar)

* * * * *

Eu cismo e ao meu pensamento vem de leve pousar como uma andorinha a recordação de Tarsimar. Oh doces lembranças da amizade! Oh recordar assim numa hora assim esses camaradões dá um gosto sossegado e rindo no coração da gente, como que vocês vão, hein? Imagino deste jeito: Miramar todo afobado andando léguas arranjando as coisas pra exposição e Tarsila meia com medinho trabalhando ainda algum quadro de última hora. Pois esta é pra desejar felicidades pra Tarsila, não, pra Tarsimar porque afinal das contas sei bem que tudo que for felicidade pra um é pro outro. (Macunaíma)

* * * * *

Esta carta é pro Miramar aprender como é que se escreve carta, vocês ficaram sabendo do mais importante e me perceberam um pouco. Em vez Miramar só escreve pra fazer literatura não fala nada, não conta nada, só a gente fica meio percebendo que vocês foram felizes lá pelos orientes perfumados. São mesmo perfumados? (Macunaíma)

* * * * *

Permita-me a excelentíssima amiga e correligionária nas lides intelectuais do espírito que lhe venha ofertar bem como ao seu respeitoso esposo, estas florinhas singelas rociadas pela minha amaviosa saudade, que são como a recordação fraudulenta da nossa amicitia fundamentalizada na mútua estima de sentimento que ambos nos correspondemos em perfeito afeto e remembrance dos tempos de antanho. (Macunaíma)

* * * * *

Um Max Jacob do Bairro do Limão, apenas Max Jacob é fotogênico, Macunaíma não é, não serve nem para Carlito nem para Rodolfo Valentino. (Miramar)

* * * * *

Você nem sabe como escreveu uma coisa linda. Linda e profunda. Quando eu chegar (tempestadinha d'homem), faço questão que você me raconte as maravilhas de Marajó. E eu te levarei as gravatas de Paris. Topa! Tudo bem. A antropofagia é um fato. (Miramar)

* * * * *

Escrevo-vos primeiramente para saber da vossa saúde o que muito me contenta. Quanto a mim vou passando como Deus quer e são boas as minhas disposições tanto fisiológicas como mentais. E vós, amigos meus, como ides? Onde estais? etc. Aceitai um puro abraço deste amigo que muito vos quer. Ride! Ride e aproveitai a mocidade porque isso, além de ser natural e consoante as leis da natura, me enche de puro gozo amigal. (Macunaíma)

* * * * *

Cacos de sentimento. Em 1929, quase um ano depois da última carta de Miramar, Macunaíma rompe definitivamente com ele, por vários motivos. Entre as razões principais estão:

- disputa pelos holofotes dos movimentos;*
- atitudes mordazes, pilhérias, indiscrições, insultos e piadinhas;*
- alusão de Miramar a Macunaíma apelidando-o boneca de piche;*
- ataques anônimos a Macunaíma na Revista de Antropofagia;*

-Miss São Paulo traduzido em masculino, crônica assinada por Cabo Machado;

-Razões morais de Andrade, dito por Miramar em roda de amigos de Macunaíma (confissão de Miramar em entrevista);

-ciúmes da amizade de Macunaíma com o grupo Verde;

-a crônica Miss Macunaíma, assinada por Otacílio Alecrim (Miramar e Nunes Pereira);

* * * * *

Por isso mesmo que a elevação de amizade sempre existida entre você, Miramar, Dulce e eu foi das mais nobres e tenho a certeza que das mais limpas, tudo ficou embaçado pra nunca mais. É coisa que não se endireita, desgraçadamente pra mim. E quanto a mim, Tarsila, esses assuntos, criados por quem quer que seja (essas pessoas não me interessam), como será possível imaginar que não me tenham ferido cruelissimamente? Asseguro a vocês que as acusações, insultos, caçoadas, feitos a mim não me podem interessar. Já os sofri todos mais vezes e sempre passando bem. E nem uma existência como a que eu levo pode se libertar deles. Mas não posso ignorar que tudo foi feito na assistência dum amigo meu. Isso é que me quebra cruelmente, Tarsila, e apesar de meu orgulho enorme, não tenho força no momento que me evite de confessar que ando arrasado de experiência. (Macunaíma)

* * * * *

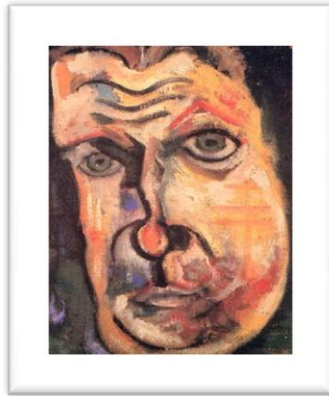
Eu odeio friamente, organizadamente, a quem certamente não ofereceria um pau à mão, pra que ele se salvasse de afogar. Você esta vendo que sou assassino em espírito, mas é que eu me gastei excessivamente com ele. Fomos demasiadamente amigos para que eu possa detestá-lo pelo que ele me fez. Mais o detesto pelo que ele não fez. (Macunaíma)

* * * * *

Pensei longamente no Miramar. Está aí um com o qual eu jamais farei as pazes enquanto estiver na posse das minhas forças de homem. Não é possível. Há razões pra odiar, e talvez eu tenha odiado mesmo no princípio. Mas foi impossível, percebi isso muito cedo, perseverar no ódio. É besteira isso de falar que o ódio é uma espécie de amor. Não é não. Como tinha de recontinuar no amor tive de abandonar o ódio. O que hei de fazer. Não faço pazes. Não sei se existe etc., mas a verdade é que eu quero bem ele. (Macunaíma)

* * * * *

Exemplar do congressista / Mario de Andrade / p.e.o. de / Luiz Jardim / o / Miramar reconhece seu valor: Se eu fosse crítico literário, agora, eu seria obrigado a aprovar calorosamente uma obra como marco zero pelo que representa, mas cujo autor é um crápula completo. (Miramar)



Miramar pede licença e cai

Miramar já pressente a inexorável presença da morte. Aproveita a visita de alguns poucos escritores e jornalistas para se colocar do lado de fora do confessório. Hora ou outra se mostra arrependido das tempestades que provocou digladiando com moinhos e ovelhas só para vomitar a inteligência insaciável e antissocial. Como o vampiro não sobrevive sem sangue, Miramar sucumbirá sem a polêmica – ele sabe disso e em procelas agitadas transforma as marolas cotidianas.

Reclamam de mim por ter vivido segundo os preceitos de Antístenes, um dos mais claros filósofos gregos, fundador da escola cínica, cujos ensinamentos se aproximam ao máximo da vida real. Apesar de ter retomado a concepção socrática de que a virtude é o bem soberano, ele melhorou tal imagem. Antístenes conceitua a virtude como o viver independente em relação a tudo. Veja bem se não será o próprio Miramar: *A virtude consiste, para o homem, em viver como bem entende, seguindo seus próprios instintos e não segundo a sociedade deseja.*

Os entrevistadores e estudantes que recebe a espaços de tempo fazem-no esquecer o ostracismo a que os pós-modernistas o lançaram. Mas os poucos que são aceitos o tratam com endeusamento, vênias, respeito e veneração: ali, sim, está o verdadeiro modernista, o herói da cultura brasileira. Miramar, é claro, se envaidece e trata-os a chá, biscoitinho, uísque e cerveja.

Expõe-se cansado, com as pernas e os pés inchados e quase não se levanta da imensa poltrona de couro.

No artigo Meu poeta futurista descobri e lancei a público o próprio Macunaíma, do que muito me honro. Iniciei o movimento Pau-Brasil, que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata. Daí passei ao movimento Antropofágico, que ofereceu ao Brasil dois presentes régios: Macunaíma e Cobra Norato.

Conhece o Toninho? Eu que o inventei. Nós precisávamos de ídolos. Como os movimentos, artístico ou político, podem vingar sem nomes de proa? Saquei um artigo elogioso, exagerado, sobre as qualidades dele. Até a família do Toninho estranhou. Um parente dele me perguntou espantado: *Mas o garoto é bom mesmo? A gente não sabia disso.* Depois de meu artigo os outros críticos continuaram a bater palmas. Depois vieram Pathé-Baby, Brás, Bexiga e Barra Funda – o moço virou gênio.

Ante os espectadores espantados, Miramar desata as melhores e piores lembranças, a princípio ornadas de modéstia, que se perde a meio caminho e por fim desaparece, em nome da honra de ter sido revolucionário. Aqui pra nós – diz de supetão – somente Macunaíma fez algumas coisas realmente boas. Machado, Euclides e Macunaíma foram os melhores.

Até hoje me arrependo da briga que tivemos. Fui o culpado, assumo, mas ele se mostrou irredutível até o fim. Fiz, não uma, muitas piadas cruéis. Razões Moraes de Andrade, disse um dia entre amigos para enfeitar algumas maldades. Mário soube e não me perdoou porque estava diante de amigos íntimos e outros nem tanto.

E hoje eu também não me perdoo. Com o auxílio de Nunes Pereira, em artigo chamei-o de Miss Macunaíma de São Paulo, enojado das caminhadas noturnas que ele fazia pelas ruas fedorentas da cidade. Esquecido da lição de Antístenes, comparei Macunaíma a Oscar Wilde – mas apenas pelas costas. A maior

parte de minha vida – também essas pequenas canalhices – está contada nos meus livros, misturada com um pouco de ficção.

Miramar pede um copo de água, que vem em jarra com cubos de gelo. Pequenas gotas de suor orvalham a testa e o dorso das mãos. Tudo já se embaralha na mente, as dores se espalham por todo o corpo, aumentavam as taquicardias. Fala não para uma plateia, mas de si para si:

- Tive uma vida muito extravagante e estou pagando agora.

Sente as mãos macias da mulher enxugando-lhe a testa:

- Amanhã estará melhor.

Miramar agradece o gesto com um olhar terno, sem esquecer o quanto é cruel viver:

- Estou no fim. Mas não deveria ser assim. Há tanto ainda que descobrir em Miramar! Há tanto Miramar por ser ressuscitado!

Lembra dos encontros com os amigos, bem ali mesmo, no Café Guarani, bem perto dos apartamentos e garçonniers secretos. Guy sabe muito bem do que falo – diz – quando escreveu: *Fome... Em jejum, na mesa do Café Guarany, o poeta antropófago rima e metrifica o amorzinho de sua vida. Ele tem saudades de ti. Ele quer chamar ti de: estranha – voluptuosa – linda querida. Ele chama ti de: gostosa – quente – boa – comida.*

De quem deve recordar nesse momento? As entrevistas se tornam cada vez mais confusas. As falas interiores que a boca expele como se vindas de outra pessoa crescem.

São Paulo, década de 1950, a doença, a situação grave, Miramar se vê obrigado a se desfazer das ligações afetivas. Cabe recordar que Miramar, apesar de bacharel em Direito, nunca

trabalhou. Todos do seu tempo tinham a arte como segunda profissão, Miramar não, era só Arte.

Em folha de papel anotada a mão, Miramar relaciona com letras trêmulas os salvados, deixados em penhora das muitas dívidas em títulos ou mera palavra de honra:

- 2 Léger, óleo e aquarela com dedicatória
- 3 Chirico, óleo
- 2 Picasso, guache e aquarela
- 1 Chagall, desenho
- 1 Miró, têmpera
- 1 Delaunay, litografia com dedicatória
- 1 Archipenko, óleo
- 1 Laurens, desenho
- 1 Severini, óleo
- 1 Picabia, desenho

Saibam Quantos! Alteia de repente a voz, dá ênfase e tom autoritário: *Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Macunaíma é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. Disso é que afirmo, dou esperança e assino.* São Paulo, outubro de 1954. (as) João Miramar, crivado de dificuldades econômicas, depois da crise, obrigado a desbastar a fortuna deixada pelo pai, no isolamento de final da vida, em frêmito de morte.

No salgueiro que lhe há de cobrir a quieta pousada na Rua 17, mausoléu 17, do Campo da Consolação, pendurarei a minha regaçada em buquê de roxiscuras saudades, diante de sua tumba em réquiem pedirei a Deus que vele pela sua alma e a tenha em paz!



Cai o pano

*Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglês
Aí do lado
Que dorme numa cadeira
À espera de visitas que não vêm.*
(Primeiro caderno do aluno de poesia)

Miramar está doente. Seguindo o instinto animal, como os velhos elefantes, ele resolve repisar as próprias pegadas da juventude e retornar para viver na casa da Rua Marquês de Caravelas, pensando encontrar ali sossego para os últimos anos de vida. Enfim o cigano assenta o rabo. Ainda receberá jornalistas, alunos, universitários, escritores e parentes, para falar da Semana de Arte Moderna – eterno motivo – do qual foi uma das cabeças, seguindo instigação de Di Cavalcanti.

Com a morte prematura do *irmão-menor*, Macunaíma, hoje ele é o último dos moicanos, um dinossauro que precisa ser resgatado. Não terá mais que dividir as láureas com ele, que deserdou cedo para morrer numa tapera caindo aos pedaços às margens do Rio Uraricoera. Sempre foram inimigos figadais, mas o tempo viria mostrar que era impossível viverem como siameses e a ruptura violenta se deu, separados os dois corpos e as duas cabeças que nunca foram grudadas. O que terá de dizer agora que está esquecido? Terá de viver para sempre na ficção – não tem saída. Responde questões feitas por alunos, escritores e jornalistas – os poucos que ainda o procuram:

Literariamente, minha carreira foi tumultuosa. Pode-se dizer que se iniciou com a Semana da Arte Moderna, em 1922. Publiquei, a partir daí, Os Condenados e Memórias Sentimentais de Miramar. Descobri o poeta Macunaíma (meu poeta futurista), do que muito me honro. Iniciei o movimento Pau-Brasil, que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata. Daí passei ao movimento Antropofágico, que ofereceu ao Brasil dois presentes régios: Macunaíma e Cobra Norato. O divisor de águas de 1930 me jogou ao lado esquerdo, onde me tenho conservado com inteira consciência e inteira razão.

No mesmo local aonde virá a falecer, Miramar faz o balanço da literatura, da pintura, da política. Está velho, com 64 anos de idade. Não é exatamente um ancião, mas sente o corpo enfraquecido, mais cansado, sempre doente, com a voz fraca, murmurante, a respiração ofegante, que provoca aspirar longos sorvos, para aproveitar o pouco ar disponível.

Entristece-se com a desilusão que tomou conta do espólio do que foi a sua luta pelo futurismo, os novos caminhos literários que orientam os escritores contemporâneos. Então tudo o que fez nada significou? Por que estou aqui impossibilitado de escrever, de pintar, de discutir? Esqueceram-se todos de mim?

Não assimila as mudanças e confunde retrocesso com as ideias renovadas de tudo aquilo que foi sustentado pelo movimento de 1922. Terá sido o seu futurismo substituído por uma literatura linear e primária? Atormenta-se pensar que o Brasil pouco letrado estava muito mais propenso a aceitar os romances de cordel nordestinos, do que fazer evoluir as especulações estéticas advindas da turma de 1922.

Longos silêncios permeiam as frases, que se esticam e encurtam aleatoriamente entremeadas por vácuos de pensamento. Sem olhar o interlocutor, reinicia as divagações para afirmar que o romance naturalista regional atrasou em muitos anos a literatura brasileira.

Existe uma âncora para todas as respostas, atracadas no *movimento de 1922*: se não tivemos seguidores, não tivemos seguidores mesmo, terá sido por falta de novos talentos. *Por isso - ele complementa com voz mais forte, exaltada - o caminho que Macunaíma e ele desbravaram com Pauliceia Desvairada e depois com Pau Brasil, acompanhados dos temas poéticos continentais, inserindo o futurismo na literatura universal, não teve seguidores.*

A literatura no Brasil deixou de ser arremedo de fórmulas europeias, para desembocar em Macunaíma, Cobra Norato e Serafim Ponte Grande. Subitamente inesperado retrocesso impediu essa literatura de florescer. Houve uma paralisação do tratamento que se pretendia universal e os escritores se voltaram para seu próprio umbigo, sem sair do quintal.

Sentado na poltrona espaçosa, com as pernas esticadas sobre um banquinho almofadado para aliviar a dor das inchações, recebe de Nonê uma folha de papel datilografada, deixada por Flávio Porto, com pedido para responder as perguntas que serão publicadas na Revista Sombras.

Miramar lê o texto, se diverte com as perguntas, ao pensar no que irá responder. A cabeça de novo ferve em ironia, jocosidade, pequenas e grandes maldades. Pega a caneta e começa a escrever, sem saltar nenhuma pergunta.

- Quais os livros essenciais à humanidade?
- *Não são nem a Bíblia, nem o Alcorão, nem Margarida La Rocque.*
- O que você acha de sua poesia? Seus romances? Suas ideias?
- *Não posso dizer, porque você não publica.*

A cada frase o pensamento se agita.

- Acha O Cangaceiro um bom filme?

- *É, sem dúvida. Quanto a Lima Barreto, não se trata de nenhum superego e sim, de uma superégua.*

Seus olhos brilham, moleques, imaginando travessuras.

- De quem foi a ideia da Semana de Arte Moderna?

- *Do grande Di Cavalcanti.*

- Você procurou fazer as pazes com Macunaíma?

- *Não.*

Pede um copo de água, que sorve aos poucos, sem tirar os olhos do papel.

- Quais os melhores e os piores romancistas brasileiros?

- *Os piores são: o búfalo do Nordeste, José Lins do Rego, e o bem-te-vi do Sul, Érico Veríssimo. Mas pior poeta há um só - Augusto Frederico Schmidt.*

- Quais são os mais requintados imbecis do Brasil?

- *Pedro Calmon, Pedro Bloch e Nelson Rodrigues.*

Volta e meia faz uma pausa, olha para a janela, pensativo.

- Que acha do Plínio Salgado?

- *Uma vaca.*

- Por que o Brasil perde os campeonatos de futebol?

- *Por causa do José Lins do Rego.*

Ouve o grande relógio de pêndulos soar doze horas. Só retorna ao texto quando vibram todas as badaladas. Chega um copo d'água para tomar comprimidos.

- Que escritores jovens você deportaria do Brasil?

- *Mandava o poeta Loanda voltar para Loanda. Ledo Ivo ia para a Oceania, de onde veio. O José Condé ficava porque não é jovem nem escritor.*

- Que ministro você poria no Governo?

- *Josué de Castro, Gilberto Freyre e Cassiano Ricardo.*

Às vezes a resposta sai rápida, quase sem pensar, ao sabor da leitura.

- Quais mulheres você acha que escrevem bem no Brasil?

- *Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Lúcia M. e Adalgisa Nery.*

- Qual seria sua atitude se dessem um golpe no Governo?

- *Aderia.*

Manifiesto Martín Fierro (1924)

Frente a la impermeabilidad hipopotámica del honorable público.

Frente a la funeraria solemnidad del historiador y del catedrático, que momifica cuanto toca.

Frente al recetario que inspira las elucubraciones de nuestros más bellos espíritus y a la afición al ANACRONISMO y al MIMETISMO que demuestran.

Frente a la ridícula necesidad de fundamentar nuestro nacionalismo intelectual, hinchando valores falsos que al primer pinchazo se desinflan como chanchitos.

Frente a la incapacidad de contemplar la vida sin escalar las estanterías de las bibliotecas.

Y sobre todo, frente al pavoroso temor de equivocarse que paraliza el mismo ímpetu de la juventud, más anquilosada que cualquier burócrata jubilado:

MARTÍN FIERRO siente la necesidad imprescindible de definirse y de llamar a cuantos sean capaces de percibir que nos hallamos en presencia de una NUEVA sensibilidad y de una NUEVA comprensión, que, al ponernos de acuerdo con nosotros mismos, nos descubre panoramas insospechados y nuevos medios y formas de expresión.

MARTÍN FIERRO acepta las consecuencias y las responsabilidades de localizarse, porque sabe que de ello depende su salud. Instruido de sus antecedentes, de su anatomía, del meridiano en que camina: consulta el barómetro, el calendario, antes de salir a la calle a vivirla con sus nervios y con su mentalidad de hoy.

MARTÍN FIERRO sabe que todo es nuevo bajo el sol si todo se mira con unas pupilas actuales y se expresa con un acento

contemporáneo.

MARTÍN FIERRO, se encuentra, por eso, más a gusto, en un transatlántico moderno que en un palacio renacentista, y sostiene que un buen Hispano-Suiza es una OBRA DE ARTE muchísimo más perfecta que una silla de manos de la época de Luis XV.

MARTÍN FIERRO ve una posibilidad arquitectónica en un baúl Innovation, una lección de síntesis en un marconigrama, una organización mental en una rotativa, sin que esto le impida poseer - como las mejores familias- un álbum de retratos, que hojea, de vez en cuando, para descubrirse al través de un antepasado... o reírse de su cuello y de su corbata.

MARTÍN FIERRO cree en la importancia del aporte intelectual de América, previo tijeretazo a todo cordón umbilical. Acentuar y generalizar, a las demás manifestaciones intelectuales, el movimiento de independencia iniciado, en el idioma, por Rubén Darío, no significa, empero, finjamos desconocer que todas las mañanas nos servimos de un dentífrico sueco, de unas toallas de Francia y de un jabón inglés.

MARTÍN FIERRO, tiene fe en nuestra fonética, en nuestra visión, en nuestros modales, en nuestro oído, en nuestra capacidad digestiva y de asimilación.

MARTÍN FIERRO artista, se refriega los ojos a cada instante para arrancar las telarañas que tejen de continuo: el hábito y la costumbre. ¡Entregar a cada nuevo amor una nueva virginidad, y que los excesos de cada día sean distintos a los excesos de ayer y de mañana! ¡Esta es para él la verdadera santidad del creador!... ¡Hay pocos santos!

MARTÍN FIERRO crítico, sabe que una locomotora no es comparable a una manzana y el hecho de que todo el mundo compare una locomotora a una manzana y algunos opten por la locomotora, otros por la manzana, rectifica para él, la sospecha de que hay muchos más negros de lo que se cree. Negro el que

exclama ¡colosal! y cree haberlo dicho todo. Negro el que necesita encandilarse con lo coruscante y no está satisfecho si no lo encandila lo coruscante. Negro el que tiene las manos achatadas como platillos de balanza y lo sopesa todo y todo lo juzga por el peso. ¡Hay tantos negros! ...

MARTIN FIERRO sólo aprecia a los negros y a los blancos que son realmente negros o blancos y no pretenden en lo más mínimo cambiar de color.

¿Simpatiza Ud. con MARTIN FIERRO?

¡Colabore Ud. en MARTIN FIERRO!

¡Suscríbase Ud. a MARTIN FIERRO!

(Revista Martín Fierro, Buenos Aires, 15 de mayo de 1924)
Oliverio Gironde

Manifesto Antropofágico (1928)

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi or not tupi, that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema Americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada.

A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Caraíba. Oú Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel, mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar Brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo oracular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti. Imara Notiá. Notiá Imara. Ipejú.

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: - É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário. As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos Portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médici e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama. Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI. A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incrariado e a Criatura - ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor quotidiano e o modus vivendi capitalista.

Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo m totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo - a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, - o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum

aventureiro o faça! Expulsemos a dinastia. É preciso expulsar o espírito Bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

*Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud
- a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e
sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.*

Piratininga, ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha.

Oswald de Andrade

(Revista de Antropofagia, Ano 1, N° 1, maio de 1928)

APÊNDICE

Rede política e de intrigas:

Modernistas no Estado Novo

Há poucos dias de finalizar esta fábula - ou Rapsódia, como diria Macunaíma - sobre os rapazes modernistas, dei de cara com o ensaio “**Redes de Poder durante o Estado Novo**” de Gabriela de Lima Grecco (Departamento de História Contemporânea da Universidade Autônoma de Madrid). Embora o foco do meu trabalho não seja político, me pareceu premonição da descoberta de Gabriela Grecco sobre as atividades políticas dos modernistas. Intrigou-me que o *enfant terrible* Oswald Miramar de Andrade - cabeça da conspiração futurista - não apareça uma vez sequer no texto. Por que seria?

O estudo das “redes de poder” abrange o período do Estado Novo que durou de 1937 a 1945 - ano da morte de Macunaíma - abrangendo a atuação dos mais proeminentes intelectuais que *se tornaram agentes políticos, capazes de intervir nos assuntos sociais através da sua participação nos aparelhos ideológicos do Estado*. O historiador age como arqueólogo: um fragmento que encontre será matéria de estudo e elucidação. Gabriela Grecco segue esse caminho ao intuir o histórico momento em que se instalava o novo governo ditatorial de Getúlio Vargas - o Estado Novo - quando um grupo de intelectuais notáveis foi aliciado e aderiu ao *establishment*.

Ao contrário de alguns estudos já realizados sobre o tema, neste caso o objetivo se volta para elucidar o que se passava após a adesão, confirmada desde o início como *estratégia para penetrar nos ambientes e participar dos debates políticos e culturais*. Não é mais a atuação amadora dos *pontos de encontro, cafés literários, tertúlias e a Semana de Arte Moderna*, de onde todos eram oriundos. O objetivo naquele momento era participar no poder e influenciar diretamente na política educativa e cultural do país. A realização da *mudança e construção de uma nova identidade*. Uma revolução cultural, enfim.

O faro de historiadora atinge o alvo: *Essas organizações de intelectuais foram se construindo ao longo dos anos e por distintos processos históricos, como o movimento modernista, a crise do sistema liberal da República Velha e a Revolução de 1930. Todos eles contribuíram para a construção do Estado Novo e os intelectuais se viram a si mesmos como elementos destacados no desenvolvimento das instituições Estatais*.

Getúlio Vargas, político arguto, percebeu o exato momento em que *ocorreram as condições sócio-históricas para a profissionalização do trabalho*

intelectual, sobretudo com respeito a sua forma literária. Mas ele pensava também na educação, nas artes, na cultura em geral. O faro político viu em Gustavo Capanema (nome herdado do bisavô, engenheiro físico Guilherme Schüch, Barão de Capanema) a pessoa exata para realização de seus objetivos. E assim foi. Tendo como braço direito Carlos Drummond de Andrade, Capanema conseguiu aglutinar *no contexto do novo regime*, artistas, escritores e intelectuais que viriam a contribuir *de forma destacada* com o Estado Novo.

Gabriela Grecco aprofunda o entendimento dos atos oficiais, mas foca seu objetivo em desvendar como, *nessa luta política, se estruturaram diferentes tipos de relações.* E exemplifica: *enquanto o poeta Carlos Drummond de Andrade serviu ao Estado mas não se submeteu intelectualmente, Cassiano Ricardo deu apoio através da palavra e ação política.* O que a historiadora desvela são as atuações éticas, ideológicas, estéticas e morais. Nesse afã ela descobre as redes de autoproteção que cada grupo erguia em torno de seus princípios, visando atuar coesamente em defesa de seus interesses.

Continuando: *Em 1938, Getúlio Vargas estabeleceu o Conselho Nacional de Cultura, encarregado de coordenar todas as atividades relativas ao desenvolvimento da cultura nacional, sob a supervisão do Ministro Gustavo Capanema. A partir do mesmo se promoveu, entre outras coisas, o desenvolvimento da produção literária, filosófica, científica e artística (...) e assim se configurou a grande ambiguidade e complexidade do regime getulista, que incorporou intelectuais de distintas tendências ideológicas – modernistas, comunistas, liberais ou integralistas – que trabalharam mano a mano em favor da construção de um projeto de Estado nacional.*

Ainda Gabriela Grecco: *O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado em 1939, tinha como objetivo o monopólio da imprensa e do livro, assim como a coordenação da comunicação social do Estado Novo. Subordinado a Getúlio Vargas, ele nomeava todos os cargos de confiança. Assim, designou como Diretor Geral o escritor Lourival Fontes, admirador de Mussolini e conhecido como o Goebbels tupiniquim. Com o DIP vieram os DEIP, ramagem estadual do departamento e novamente os intelectuais foram chamados a atuar.*

Pode um grupo tão diverso atuar em conjunto? Gabriela elucida mais essa questão: *essa heterogeneidade pode ser explicada pelas organizações formadas em torno de diferentes núcleos de intelectuais: por um lado, os dipeanos e os integralistas; e por ou outro, os da Constelação Capanema. O Ministro Capanema, utilizou os recursos de que dispunha para rodear-se de*

intelectuais aos quais outorga posição chave e estratégica para levar a cabo certas políticas públicas. Por esta razão, o trabalho de cooptação se traduziu num mecanismo de mão dupla: não só os intelectuais tiveram interesse e buscaram participar do aparato cultural do Estado, como também as autoridades governamentais pediram a colaboração de alguns deles.

Os diretores gerais do DEIP de São Paulo, Candido Mota Filho, Cassiano Ricardo y Menotti Del Picchia, se constituíram como os modernistas de direita que participaram da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922. Destacados da Semana, surgiram outros movimentos: Pau-Brasil e Verde-Amarelo. Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Antônio Candido e Plínio Salgado, foram os principais representantes do movimento verde-amarelo. Em 1929, o Manifesto do Verde-Amarelo, expõe os objetivos do movimento: “temos que construir esta grande nação, integrando a Pátria Comum a todas as expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas, pela força centrípeta do elemento tupi”.

Gabriela Grecco vai montando o quebra-cabeça da amizade entre intelectuais e poder peça por peça. É um trabalho de interesse histórico que merece ser ampliado e divulgado. Agora tudo que segue é um resumo que servirá como estímulo para uma leitura mais aprofundada:

Podemos traçar, portanto, o caminho que levou a este grupo de intelectuais modernistas a estreitar suas relações com o regime de Vargas que, ao deglutir os artistas, também sorveu o próprio projeto. Vargas utilizou o conjunto de fundamentos dos modernistas e assim os intelectuais passaram a ser considerados mais capacitados para reconhecer a verdadeira cultura nacional.

O dipeano Cassiano Ricardo, por exemplo, além de diretor-geral do DEIP paulista, foi censor-chefe. O seu salário anual era Cr\$ 16.800\$000, valor alto se comparado com os Cr\$ 7.200\$000 de revisor de jornal. Considerando estas condições, fica evidente que os intelectuais gozaram bastante prestígio e souberam exercer influência dentro do Estado Novo.

Durante os anos trinta o grupo se bifurcou em dois movimentos distintos. Plínio Salgado fundou um movimento radical de raiz fascista, a Ação Integralista Brasileira (AIB), que viria a ser desintegrada por Vargas em 1938 após o putsch, e Plínio se exilou Em Portugal. Isso não impediu que na rede entre integralistas e o poder findasse a relação de colaboração, cuja consequência foi a incorporação de integralistas à burocracia estadonovista. Claro exemplo é do jurista Miguel Reale - líder e ideólogo integralista - que obteve o cargo de Conselheiro do DASP, cujo escritório tinha cerca de vinte

ex-integralistas, sendo que os elementos de maior importância são os senhores Almeida Sales e Lauro Escorel.

Outro exemplo interessante dessa rede de proteção foi a erguida em torno de Candido Mota Filho que, segundo o DOPS, se rodeou de auxiliares marxistas, ademais de receber vários intelectuais comunistas, como Rafael Sampaio, Francisco Vampré e Mauricio Goulart, da Revista Diretrizes, onde nomeou Diretor a Samuel Wainer. Goulart era amigo do sociólogo marxista Caio Prado Jr, que se relacionava com os escritores Dyonélio Machado e Jorge Amado, ambos escritores comunistas que participaram da ANL, coalizão opositora a Vargas.

É impossível falar de intelectuais, literatura e cultura durante o Estado Novo sem fazer referência ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema - apesar da relação entre intelectuais e Capanema ser anterior ao Ministério. Se trata de escritores e artistas que tiveram como antecedentes o vínculo de camaradagem e de colaboração profissional desde os tempos das reuniões nos cafés da Rua da Bahia, em Belo Horizonte. Entre eles estava Carlos Drummond de Andrade, que seria o futuro Chefe de Gabinete.

A geração modernista foi a que ocupou a grande maioria dos cargos públicos: Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, foram alguns que se comprometeram em publicações, projetos oficiais (revistas Atlântico e Cultura Política), assim como na política pública do livro. Esses escritores criaram uma grande rede em torno de Capanema, sendo de imediato vinculados ao Estado Novo.

A criação do INL em 1937 deu início a forte colaboração entre uma gama de intelectuais. Getúlio Vargas deu o cargo de Diretor ao conterrâneo Augusto Meyer - intelectual consagrado como literato, ensaísta e crítico literário. E assim cosolidou a chamada Constelação Capanema, quer dizer, a rede encabeçada por Gustavo Capanema. Entre eles destacam-se: Mário de Andrade, chefe da Seção do Dicionário e da Enciclopédia Brasileira; Sérgio Buarque de Holanda, chefe da Seção de Publicações; Carlos Drummond de Andrade, Chefe de Gabinete do Ministro Capanema.

O Ministro instalou a Comissão Nacional do Livro Didático com atribuições para examinar e selecionar a literatura a ser utilizada nas escolas públicas. Para levar a cabo tal projeto, juntou um grupo de escritores, destacando-se: Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Cecília Meirelles, sob a coordenação do poeta católico Murilo Mendes. Assim foi formada a lista de autores das obras infantis, entre os quais estavam José Lins do Rego,

Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Todos esses escritores participaram da construção da rede, com laços intelectuais, profissionais, de companheirismo e amizade.

A rede além de ser política, foi também fraternal. Nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Gustavo Capanema ou entre o Ministro e Carlos Drummond de Andrade, a relação de amizade surgida no espaço burocrático Estatal ficou evidente. Em 1939, Mário de Andrade escreveu carta ao Ministro, onde relatava que por mais amizade que lhe tenha e liberdade que tome consigo, sempre é certo que diante de você não esqueço nunca ou Ministro, que me assusta, me diminui e me subalterniza.

Carlos Drummond, influenciado por Mário, escreveu carta ao Ministro com similar conteúdo, onde afirma a impossibilidade de separar o amigo do Ministro nem do Governo. A coesão, a camaradagem e a reciprocidade desse coletivo de intelectuais revelam a construção e estabelecimento de laços de confiança. Mas uma rede se constitui de forma complexa, com fronteiras não delimitadas e cheias de matizes. Andrade e Drummond sentiam incômodo na relação impessoal com o político, o que trará dúvidas quanto ao nível e importância da amizade.

Uma rede de amizade também foi construída entre Graciliano Ramos e Getúlio Vargas. Apesar de ter sido preso em 1935, devido a posições políticas de esquerda, Graciliano desfrutou de cargos públicos: trabalhou no DIP como fiscal de educação. Em carta, Alzira Vargas, afirmou que Vargas não conhecia o escritor quando ele foi detido. Foi José Olympio que intercedeu a favor de Graciliano que, anos depois, foi pessoalmente ao Palácio do Catete agradecer a Getúlio sua nomeação.

Em documentos relacionados com Agripino Grieco é evidente o parto de novo núcleo de auxílio aos transgressores da rede Capanema: Agripino Grieco colaborou com uma revista editada pelo Ministério da Educação, junto com outros, como Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond e Fernando Magalhães. A relação entre Agripino e Capanema foi próxima. Em carta dirigida ao Ministro amigo, Agripino pediu sua ajuda para proteger seu amigo Edison Lins autor de um magnífico estudo de poesia brasileira (História e Crítica da Poesia Brasileira).

É provável que o próprio Agripino tenha pedido ajuda para si mesmo, que teve envolvimento em episódios contra o Governo. Na celebração de evento para intelectuais, literários e jornalistas, o Serviço Secreto do DOPS afirmou que Agripino desviou-se do assunto da palestra, criticando, de forma

evasiva, pessoas de destaque do Governo ou a participação em manifestações organizadas por estudantes da Faculdade de Direito em 1944.

Do mesmo modo, Mário de Andrade fez valer seu capital de amizade, quando em 1944, através de um telegrama a Vargas, Rui César Camargo encaminhou denúncia contra o escritor e funcionário do DEIP de São Paulo, Rossini Camargo Guarnieri, por ter incluído em conferência temas comunistas. Mário de Andrade o defendeu de tais acusações que, todavia, não foram as únicas contra ele. Em investigação para a Secretaria de Segurança Pública, Rossini teve que se defender a respeito de sua poesia Canto de esperança e louvor de Stalingrado.

Gabriela de Lima Grecco: Redes de Poder durante o Estado Novo
Departamento de História Contemporânea (Universidade Autônoma de Madrid)
<https://uam.academia.edu/GabrielaGrecco>

FINIS

Rio de Janeiro, Cachambi, jun.2015/jan.2016.

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Cachambi, Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos e políticos nas décadas 1960/1970/1980, tempos do mimeógrafo, das bancas nas praças, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Tem publicados em diversos jornais, sites e antologias. Escreveu Literatura de Cordel com o pseudônimo Sá de João Pessoa. Os e-books estão disponíveis em diversos sites de depósito de arquivos.

e-mail: rovedod10@hotmail.com; rovedod10@gmail.com

Site: www.dominiopublico.gov.br.

Blog: www.salomaorovedo.blospot.com.br

Blog: www.rovedod10.wordpress.com

Blog: www.sadejoapessoa.blospot.com.br

Wikipedia: www.pt.wikipedia.org/wiki/SalomãoRovedo



Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está protegido sob Licença da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Brazil: www.creativecommons.org - Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

Obs: Após a morte do autor os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.